Telegram @clubederevistas

Abril

Editora Abril
edição [illegible] - ano 58 - nº 8
21 de fevereiro de 2025

veja

www.veja.com



FUTURO EM XEQUE

Denúncia contra Bolsonaro pela tentativa de golpe pode encerrar a carreira do ex-presidente e até levá-lo à prisão. O caso ainda impõe desafios ao STF no julgamento histórico e às forças políticas da direita, divididas entre a defesa dele e a busca de uma nova liderança

FEVEREIRO



Roxo

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Laranja

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE

REVISTAS



14º ANO COM AS MAIORES LIDERANÇAS
EMPRESARIAIS E POLÍTICAS DO BRASIL.

LIDE BRAZIL
INVESTMENT
FORUM

NEW YORK – USA

13 DE MAIO DE 2025

HARVARD CLUB
NEW YORK, NY

PARA MAIS INFORMAÇÕES ACESSE: **WWW.LIDE.COM.BR**



VEM AÍ!

A mais completa mostra de arquitetura, arte, design e paisagismo das Américas.



SEMEAR SONHOS

Garanta seu ingresso!

PARQUE DA ÁGUA BRANCA

Rua Dona Ana Pimentel, 40

PATROCÍNIO MASTER
deca

PATROCÍNIO
Coral

BANCO OFICIAL
banco BRB

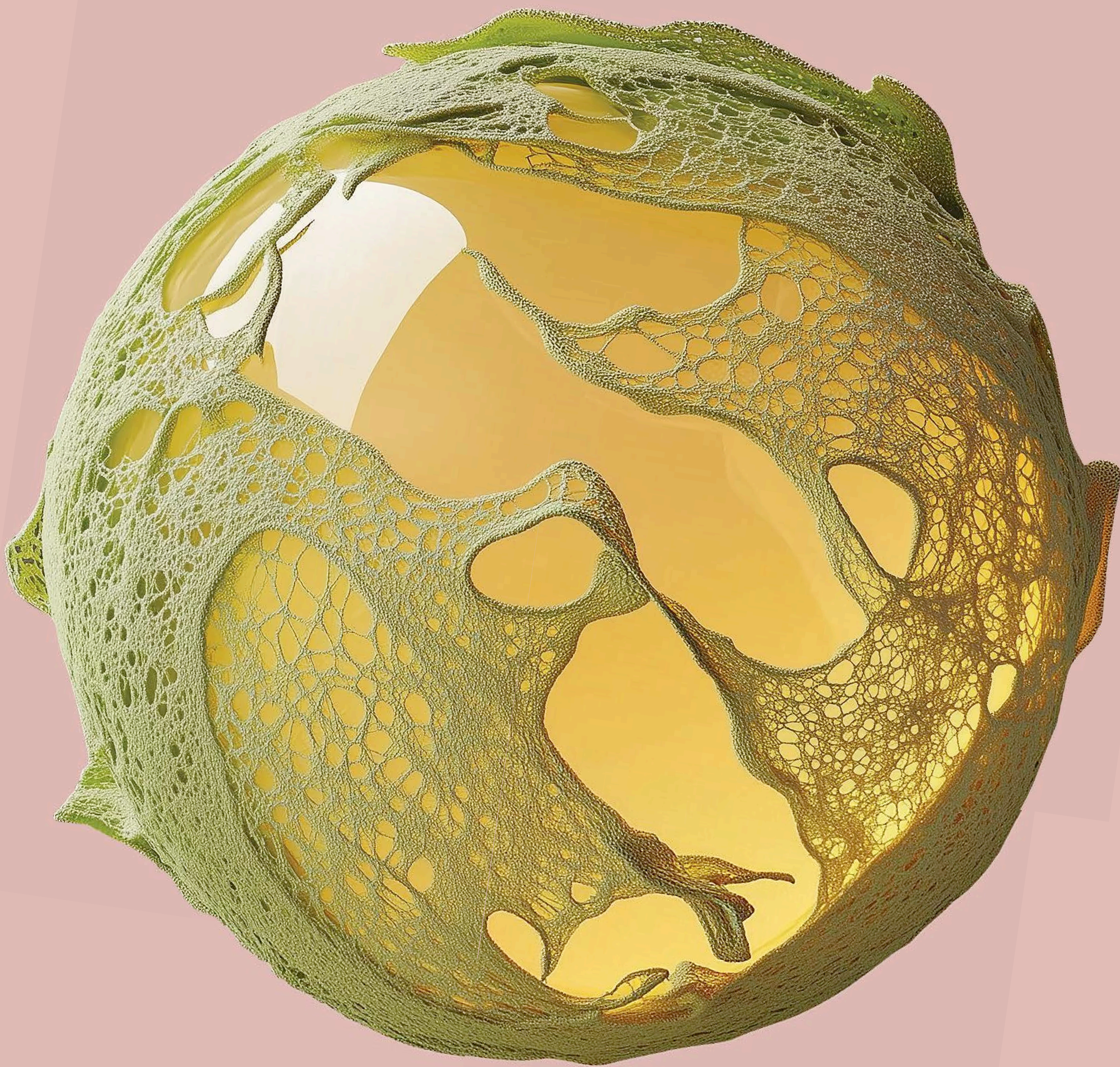
PATROCÍNIO LOCAL
Duratex BRASTEMP

CARRO OFICIAL
PEUGEOT

APOIO LOCAL
portinari

MEDIA PARTNER OFICIAL
veja

CASACOR



SÃO PAULO

27.5 –3.8.25

Telegram @clubederevistas



ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para: licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

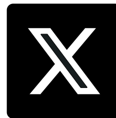
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom


Instagram: @vejanoinsta


X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

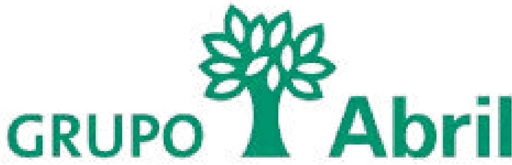
Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 932 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 8. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001







www.grupoabril.com.br

Telegram @clubederevistas



JORNALISMO SÉRIO Uma seleção de dez das 36 capas de VEJA em torno da pandemia de covid-19: responsabilidade

A VACINA DA INFORMAÇÃO

HÁ EXATOS CINCO ANOS, o Brasil foi apresentado ao primeiro caso registrado de covid-19 no país. Um homem de 61 anos que havia retornado a São Paulo de uma viagem de negócios à região da Lombardia, na Itália, começou a sentir sintomas como dor de garganta, febre baixa, dores musculares, tosse seca e coriza. Fragilizado, ainda assim participou de um almoço na residência de um dos filhos

Telegram @clubederevistas

com cerca de trinta pessoas, entre amigos e parentes. A família, de descendentes de italianos, se abraçou e se beijou fartamente. A persistência dos sinais de que algo não estava bem o levou ao pronto-socorro do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. O resultado positivo foi confirmado em um dia — e o paciente zero encaminhado para casa, com a recomendação de isolamento total.

De lá para cá, o vírus respiratório matou, em todo o mundo, mais de 7 milhões de pessoas — das quais aos menos 715 000 apenas no Brasil, a segunda nação com mais óbitos, atrás dos Estados Unidos. Em maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o "fim da emergência de saúde pública de importância internacional". Era o marco de encerramento de uma era — embora os germes não respondam a decretos e continuem a se espalhar, em ritmo evidentemente menos agressivo, e agora com boa parte dos cidadãos imunizada. Na última semana, 67 pessoas morreram de covid-19 no Brasil.

Só foi possível reverter o drama e amenizar o pranto da tragédia graças a uma sucessão de boas posturas, como mostra a reportagem "Tão perto e tão longe" — a começar pela rigidez da quarentena, quando ainda era necessária, pelas medidas de prevenção e, sobretudo, pela incansável força-tarefa de cientistas que desenvolveram as vacinas. A memória tende a apagar os instantes ruins, mas é vital lembrar que, ao menos no início da crise sanitária, em 2020, havia no ar um vírus igualmente pernicioso: o do

Telegram @clubederevistas

negacionismo. Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump, em seu primeiro mandato, espalhava informação falsa: a doença teria sido "criada" nas bancadas do laboratório do Instituto de Virologia de Wuhan, na China. No Brasil, Jair Bolsonaro dizia existir apenas uma "gripezinha" e tratava de louvar um medicamento ineficaz, a cloroquina. Foi um tempo triste, e só escapamos dele porque a humanidade soube se abraçar ao conhecimento, munida de notícias reais, no avesso das lorotas. Nesse aspecto, VEJA teve papel relevante, e nos orgulhamos dos muitos prêmios de excelência recebidos ao longo da jornada. Entre 2020 e 2022, a revista fez 36 capas em torno da covid-19, além de dezenas de milhares de publicações no site e em nossas redes sociais — do ponto de vista da saúde, dos negócios e do cotidiano comportamental. O pior passou, mas fica uma lição: a relevância do jornalismo de qualidade na defesa irrecorrível dos interesses da sociedade. ■

DM9

JHSF RESIDENCES

OS EMPREENDIMENTOS MAIS EXCLUSIVOS DA JHSF COM RESIDÊNCIAS DISPONÍVEIS TAMBÉM PARA LOCAÇÃO.

NO FASANO CIDADE JARDIM

200 M² a 700 M²
2 a 4 SUÍTES


IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO FASANO CIDADE JARDIM

NA FAZENDA BOA VISTA

800 M² a 1.500 M²


IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NA FAZENDA BOA VISTA

NO BOA VISTA VILLAGE

200 M² a 500 M²
2 a 3 SUÍTES


IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO BOA VISTA VILLAGE

NO PARQUE CIDADE JARDIM

300 M² a 800 M²


PERSPECTIVA DO LIVING DA JHSF RESIDENCES NO PARQUE CIDADE JARDIM

SAIBA MAIS



JHSF
SURPREENDENTE


+ 55 11 97202.3702 | + 55 11 3702.2121

Telegram @clubederevistas



MARCELO REGUA/GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

COMBATE NECESSÁRIO

O governador do Rio anuncia que vai endurecer na segurança pública, mesmo com as limitações impostas pelo STF às operações policiais, e se queixa de falta de apoio do governo federal

RICARDO FERRAZ E **LUDMILLA DE LIMA**

O GOVERNADOR do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, 45 anos, vive dias tensos diante da escalada da violência promovida pelo crime organizado, que há décadas disputa o território com as forças de segurança no estado. No início deste ano, alguns dos indicadores de criminalidade, como o de roubo de carros, aumentaram, bem como a ousadia dos bandidos, que chegaram a metralhar uma delegacia após a prisão de um dos líderes de uma facção. O remédio para a chaga que amedronta a população e imprime enormes desafios aos gestores públicos, sustenta Castro, é endurecer o combate à bandidagem, mas uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, movida no Supremo Tribunal Federal, impõe uma série de limitações à ação das polícias. Rever a "ADPF das Favelas", como a medida se tornou conhecida, virou uma das principais bandeiras do governador. Na entrevista a VEJA, concedida em seu gabinete, no Palácio Guanabara, o governador dividiu a responsabilidade sobre a crise com Brasília, garantiu que as operações são decisivas para a manutenção da lei e tratou de seu futuro na política.

A impressão hoje é a de que há no Rio uma intensificação no número de operações policiais. Ela está correta? Há uma visão deturpada de que as operações aumentam a letalidade da polícia, mas os números mostram que essa não é a realidade. A ADPF torna

a ação policial extraordinária. Isso é antítese da ostensividade que o Estado tem como dever oferecer à população. Como a polícia não pode mais ser ostensiva, só restou fazer operações nos territórios dominados pelo crime. Se não fizermos uma análise maior, desapaixonada, sobre o que está acontecendo no Rio e em outros estados brasileiros, vamos seguir com essa visão míope.

As facções estão mesmo mais ousadas e organizadas? Essa organização *versus* a impossibilidade de contra-ataque leva à ousadia. O tráfico de drogas se aproximou da milícia na ideia de domínio territorial e de *business*. A questão hoje é dinheiro. Com a aliança entre o Primeiro Comando da Capital e o Comando Vermelho, há a nacionalização e transnacionalização dessas

“Me cobram, dizendo que o Rio não tem política de segurança, mas ela é muito clara: recuperação das polícias, investigação e desestruturação de organizações criminosas”

Telegram @clubederevistas

facções. Elas estão se tornando máfias. Sem tirar a responsabilidade dos estados, é preciso achar uma solução global para o problema.

Como agir diante desse novo cenário? Às vezes, me cobram, dizendo que o Rio não tem política de segurança. Mas ela é muito clara. O primeiro viés é a recuperação das polícias, que estavam sucateadas; o segundo, a inteligência e a capacidade de investigação; e o terceiro, a desestruturação das organizações criminosas. A polícia está avançando nas investigações de lavagem de dinheiro e nas ações para impedir essas ocupações territoriais.

Na semana passada, uma operação no Complexo Israel fechou a Avenida Brasil por horas e amedrontou a população. Esse tipo de ação ainda é eficaz? Mais que eficaz, é necessária. Quem fechou as vias fomos nós, para impedir que as pessoas fossem usadas como alvos, como já tinha acontecido antes. Ao chegarmos perto do líder do tráfico na área, os criminosos foram para a avenida e passaram a atirar a esmo contra os moradores para tirar a polícia de lá. Se a gente não fizer essas incursões, não impuser a força do Estado, vai chegar uma hora que tudo estará tomado. Dizem que é a mesma coisa que enxugar gelo, mas, se não fizermos isso, vai molhar tudo e vai ter uma série de novos problemas. Enxugar gelo é importante.

Como evitar que haja vítimas entre inocentes e policiais no meio desse fogo cruzado? A polícia vai lá para libertar as pessoas do jugo dos criminosos, até para que esses lugares não virem daqui a pouco uma cidade dentro da cidade. A gente sabe que é um efeito colateral muito ruim quando uma vítima inocente perde sua vida. A gente montou, no âmbito da Polícia Militar, uma sala de tomada de decisões, investimos no maior centro de treinamento policial da América Latina e há o controle das operações pelo Ministério Público, conforme pede a ADPF. Essa parte da Arguição, a propósito, eu acho até positiva.

O que o senhor propõe como revisão da ADPF das Favelas? Só o Rio tem uma limitação como essa. Somos obrigados a avisar nove órgãos diferentes sobre as operações. É impossível que não haja vazamento de informação. Outra questão é o uso da aeronave, fundamental no combate à criminalidade. Nos últimos trinta anos, nenhum inocente foi atingido por uma bala disparada de uma plataforma de tiro de um helicóptero. Também quero convidar o Brasil para um debate nacional sobre revisão das penas. Se um cidadão comum portar um fuzil sem autorização, ele pode responder por crimes que vão de dezesseis a 24 anos de cadeia. Mas, se for traficante, isso cai para três a dez anos, porque a lei de drogas, criada para amenizar um problema social, prevalece. Isso atrapalha demais a segurança pública.

Telegram @clubederevistas

No início do governo Lula houve uma tentativa de atuação conjunta para coibir o avanço da criminalidade. O que aconteceu depois? Não sei se por ideologia política, ou não, o trabalho da força-tarefa contra lavagem de dinheiro foi descontinuado. A sensação que a gente tem é que segurança não é a pauta principal do governo federal. Quase metade da população fala que o principal problema hoje é a segurança pública. Tivemos o G20, com presença dos maiores chefes de Estado aqui, e não se tocou no assunto. Quando o presidente Lula chama para uma reunião de segurança pública, coloca todos os governadores numa sala. Promove um debate inócuo.

E o que precisaria ser feito? Quem tem Ministério da Fazenda, Coaf e Receita Federal são eles. Recentemente identificamos uma quitanda que vendeu 30 milhões de reais em um ano. Não fecha a conta. Outro ponto é a política de fronteiras. Você pode não concordar com o Donald Trump, mas, quando ele tinha um problema de tráfico, ameaçou punir o México e o Canadá. No primeiro dia, cada país botou 10 000 agentes na fronteira com os Estados Unidos. O Brasil não dialoga sobre combate ao crime com seus vizinhos.

Qual será o peso da questão da segurança nas próximas eleições, em 2026? Vai ser o mote do Brasil. Só que

Telegram @clubederevistas

a esquerda está presa à narrativa dos anos 1980, dizendo que se trata de um problema social. Hoje você tem indícios sérios de parcerias das facções do Rio com terroristas do Oriente Médio. Esse é um problema que pode se tornar mundial. O que é feito no Rio por essas facções é terrorismo. Prender um líder de facção e ele fuzilar uma delegacia é terrorismo.

Após esse ataque, o senhor disse para a "turminha dos direitos humanos não encher o saco", como quem diz que vai para cima dos criminosos... Vamos, dentro da lei, mas vamos.

Isso não pode dar a impressão de que a polícia está liberada para cometer excessos? Não. Quando fizemos a operação no Jacarezinho, esse pessoal dos direitos hu-

> "Hoje há indícios sérios de parcerias entre o crime organizado daqui e gente do Oriente Médio. O que é feito no Rio por essas facções é terrorismo. É um problema que pode se tornar mundial"

manos tentou fazer um memorial para os 27 criminosos mortos. O único inocente dessa história foi um policial civil, assassinado no primeiro tiro daquela manhã, enquanto retirava uma barricada. Mas não torcemos por mortes, a gente quer prender os criminosos.

Os níveis de popularidade medidos pelos institutos de pesquisa nas capitais o colocam entre os piores governadores avaliados. A segurança pública está minando sua popularidade? Totalmente. Quando a gente faz pesquisas, a minha avaliação ruim se concentra 90% nessa área. A vida das pessoas não está boa. Elas olham para a liderança e cobram isso. Mas os outros dados do Rio são os melhores da história.

Como o senhor vê o projeto de criação de uma força municipal armada, encampado pelo prefeito Eduardo Paes? Eu agradeço o prefeito por mudar de ideia e passar a achar que a responsabilidade da segurança também é dele, porque na campanha eleitoral ele dizia o contrário. A segurança pública começa no ordenamento urbano, então estou feliz e grato pelo fato de o município do Rio ajudar, até porque grande parte dessa criminalidade está aqui na capital. Mas tenho dificuldade de entender, caso ele seja candidato a governador, como vai fazer para abrir concurso, treinar e armar os agentes no período em que ainda estiver à frente da prefeitura.

Telegram @clubederevistas

E seu grupo político virá em torno de quem em 2026? Estou cercado de líderes que se mantiveram unidos, mesmo depois das eleições. É natural que haja diversos candidatos à reeleição. Considero, no entanto, que o presidente da Assembleia Legislativa, Rodrigo Bacellar, o único eleito por unanimidade na história da Casa, é quem tem o melhor instrumento político na mão. A Assembleia é muito poderosa e Bacellar é quem reúne mais condições para disputar com o Eduardo Paes, em pé de igualdade. É preciso que cada um encontre seu espaço, o que nós queremos é vencer a eleição.

Com o atual nível de popularidade, o senhor se considera um bom cabo eleitoral? Se a gente olhar os números do governo, eu sou um excepcional cabo eleitoral. Só que o candidato tem que querer explorar isso.

E no campo nacional, quem o senhor defende? Eu estou com Jair Messias Bolsonaro, sempre. Seria até uma traição da minha parte não defendê-lo apaixonadamente. Se ele não puder concorrer, estarei com quem o presidente Bolsonaro indicar. Irei ao ato convocado para o dia 16 de março, em Copacabana. Sempre estou a seu lado quando ele vem ao Rio para agendas públicas.

O ex-presidente foi denunciado pela PGR. O senhor reconhece que há fortes indícios que demonstram uma

Telegram @clubederevistas

tentativa de golpe de Estado? O próprio ministro da Defesa do presidente Lula, José Múcio, disse que não teve. Quando você se encontra em um espaço de poder igual ao que o presidente Bolsonaro estava, surge toda sorte de pessoas com ideias mirabolantes. Muitas vezes a gente ouve e analisa a viabilidade daquilo. Se não for viável, descarta. Me parece que o presidente ouviu, mas não consigo enxergar a existência de atos preparatórios.

O futuro político do senhor é concorrer ao Senado? Se eu vier a me candidatar a alguma coisa, será ao Senado. É minha aspiração pessoal. Não saio nem para deputado federal nem estadual. Eu tenho o benefício da escolha. Minha força no interior, onde estão 60% dos votos, é muito grande. ■

Telegram @clubederevistas

O CRIPTOGATE DE JAVIER MILEI



TINHA TUDO para dar errado — e deu. O boquirroto presidente argentino, **Javier Milei,** deu de bater o tambor no X em torno de uma moeda digital, a $LIBRA. Depois de alardear a novidade — “o mundo quer investir na Argentina” —, o valor do ativo encostou em 4 978 dólares enquanto estava nas mãos de poucos, na sexta-feira 14. Não demorou para cair dos céus, e foi ao chão. O resultado, previsível dada a especulação frenética: depois de uma

LUIS ROBAYO/AFP

Telegram @clubederevistas

manobra financeira eletrônica conhecida como "puxada de tapete", mais de 40 000 pessoas saíram perdendo, em um total de 4 bilhões de dólares. Foi um estrago. No escândalo já batizado de "criptogate", Milei está sendo processado por associação ilícita, fraude e descumprimento dos deveres de funcionário público. Oposicionistas e especialistas o acusam de endossar uma pirâmide financeira. Em entrevista à televisão, disse ter agido de boa-fé. "Se você vai ao cassino e perde dinheiro, qual é a reclamação, se você sabia que tinha essas características?", afirmou, sustentando a tese de que o Estado saiu incólume. Será? O principal índice de ações da bolsa de Buenos Aires despencou 5,58% no início da semana. Ainda não são claras quais serão as consequências para Milei — mas já há um pedido de impeachment, que muito dificilmente vingará. O caso, porém, reacende a preocupação com o estilo impulsivo do mandachuva. Sorte dos conterrâneos que estão no Brasil torrando pesos, ainda fortes em relação ao real *(leia a matéria "O Verão dos Hermanos" nesta edição)*. Milei, o Trump dos Pampas, não é para amadores. ■

Caio Saad

Telegram @clubederevistas

“VIVEMOS TEMPOS DIFÍCEIS”

Favorito a conquistar seu segundo Oscar, o ator americano de 51 anos fala sobre o desafio de viver um sobrevivente do Holocausto no filme *O Brutalista* e reflete sobre o drama dos imigrantes na era Trump

MEMÓRIA Brody: “Trajetória de minha mãe e meu avô é parecida com a do meu personagem”

KARWAI TANG/WIREIMAGE/GETTY IMAGES



Telegram @clubederevistas

Em 2003, o senhor conquistou o Oscar de ator pelo filme *O Pianista* — no qual interpretou um judeu perseguido pelo nazismo, assim como em *O Brutalista,* pelo qual agora também disputa a estatueta. O que o atrai nesse tipo de papel? Minha carreira é vasta, mas concordo que esses dois trabalhos em específico são muito marcantes. Eu me sinto privilegiado por ajudar a contar histórias dessa magnitude e relevância para honrar os que sofreram durante épocas tão duras da nossa história. Tanto potencial humano foi apagado da Terra por causa da intolerância, do racismo, do antissemitismo. Por isso, são temas sobre os quais vale a pena falar no trabalho artístico.

Podemos inferir que temas como esse também o tocam de forma pessoal, já que o senhor é filho de uma imigrante húngara, certo? Sim, a trajetória da minha mãe e do meu avô, que tiveram de deixar a Hungria nos anos 1950, é bem parecida com a de László Tóth, meu personagem em *O Brutalista*. Minha família teve de lidar com uma carga pesada de traumas ancestrais e recomeços. Por causa deles, desenvolvi um forte senso de empatia e de consciência sobre como é a vida dos imigrantes.

Telegram @clubederevistas

O que trouxe da sua família para esse papel? Eu tentei incorporar características do meu avô. O jeito como ele falava, com uma formalidade antiquada de quem lutava com a língua inglesa. Além de expressões que eu adicionei no roteiro, especialmente palavrões em húngaro que ele me ensinou. Da minha mãe *(a fotógrafa Sylvia Plachy)* eu trouxe o olhar artístico de quem superou traumas e apliquei no meu personagem, que é arquiteto.

Como foi alinhar essas influências com a visão do diretor Brady Corbet? Ele foi muito gentil, pois entendeu que eu tinha aqui a chance de honrar minha mãe e a luta dos meus parentes. Atestar a resiliência e a força deles, sem olhar apenas para as dificuldades. Eu cresci em uma comunidade de imigrantes em Nova York, com diversas etnias. Pessoas que se mudaram para os Estados Unidos e criaram raízes, reconstruíram seus sonhos e encontraram um lugar para chamar de lar. São pessoas que merecem ser tratadas com igualdade como qualquer cidadão.

Como se sente ao ver a forma como Donald Trump trata os imigrantes nos Estados Unidos atualmente? Quase tudo que vejo nos noticiários hoje em dia me deixa triste. Eu tento ao máximo ser otimista e contribuir para o bem deste mundo. Mas

Telegram @clubederevistas

sinto que as circunstâncias são particularmente ruins agora. Vivemos tempos difíceis.

É verdade que não gosta de assistir a *O Pianista*? Vi o filme duas vezes, acho, em sessões de estreia. Mas hoje prefiro não ver, principalmente porque abriu meus olhos para entender a profundidade do horror que há no mundo quando eu era muito novo. Foi algo que mudou minha perspectiva de tudo. Me tornei outra pessoa no processo. Rever o filme me leva a um estado emocional que prefiro não experimentar mais. ■

Raquel Carneiro

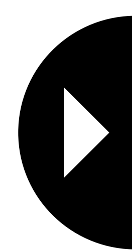
Telegram @clubederevistas

ERNANI D'ALMEIDA



EU VI O BRASIL NO CINEMA

Na canção popular, Chico Buarque de Hollanda, por meio de lindas melodias e letras inigualáveis, tratou de contar a história do Brasil desde os tempos duros da ditadura militar até a democratização — e a conquista do amor perdido era a metáfora da liberdade reconquistada de “nossa



Telegram @clubederevistas



INFLUÊNCIA Cacá Diegues: nas palavras de Walter Salles, "um mestre amoroso"

pátria-mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída". No teatro e nas novelas de televisão, a batuta foi conduzida por Dias Gomes. Na literatura, Lygia Fagundes Telles tingiu de feminismo os direitos das mulheres, de mãos dadas com os humores da sociedade em renovação. Nas telas grandes, a biografia do Brasil foi desenhada por **Cacá Diegues.** Desde um dos segmentos de *Cinco Vezes Favela*, de 1962 — "Escola de Samba Alegria de Viver" —, um dos passos iniciais do chamado Cinema Novo, liderado por Glauber Rocha, até o derradeiro longa, em pós-produção, *Deus Ainda É Brasileiro*, o cineasta, nascido em Alagoas e radicado no Rio de Janeiro, acompanhou os humores de um país a um passo do precipício — e em eterna contradição.

Formado politicamente pela militância do Centro Popular de Cultura, o CPC dos anos 1960, ele soube, como poucos de seus companheiros, trilhar os caminhos abertos pela lenta distensão — sem nunca perder a ternura e as convicções de um ativista de esquerda. Em 1978, logo depois do

Telegram @clubederevistas

lançamento de *Xica da Silva*, com Zezé Motta no papel principal, ele deu uma entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* que se tornaria célebre pelo anúncio de uma expressão: a "patrulha ideológica", de que era vítima, pressionado por companheiros mais radicais que não enxergavam a argúcia de Diegues ao medir a descompressão pela qual passava o país. Era, em suas palavras, "um sistema de cobrança" contra artistas que, supostamente, se distanciavam da "pauta nacional-popular". Corajoso, seguiu em frente. E então, em 1980, no período da abertura, nos estertores do tempo dos generais, dirigiu uma obra-prima, *Bye Bye Brasil*.

O filme parece um road movie de uma trupe circense, mas é, de fato, a crônica da nação que tentava respirar ao sair da tragédia. A canção-título, de Chico Buarque, servia à perfeição às intenções do trabalho: "Eu penso em vocês night and day / explica que tá tudo okay / eu só ando dentro da lei / eu quero voltar, podes crer / eu vi um Brasil na tevê". O diretor Walter Salles, de *Ainda Estou Aqui*, lamentou a morte de Diegues, em 14 de fevereiro, aos 84 anos, com uma reverência: "Perdi um amigo e um farol. Era um mestre amoroso e lúcido, de profunda inteligência e generosidade". Observador agudo, embora delicado, em uma de suas últimas crônicas para *O Globo*, Diegues fez questão de celebrar a excelência do filme candidato a três Oscars: "*Ainda Estou Aqui* é capaz de nos comover e indicar os males que nos incomodam e perturbam nossa existência numa determinada situação social cujas raízes não temos como eliminar".

Telegram @clubederevistas

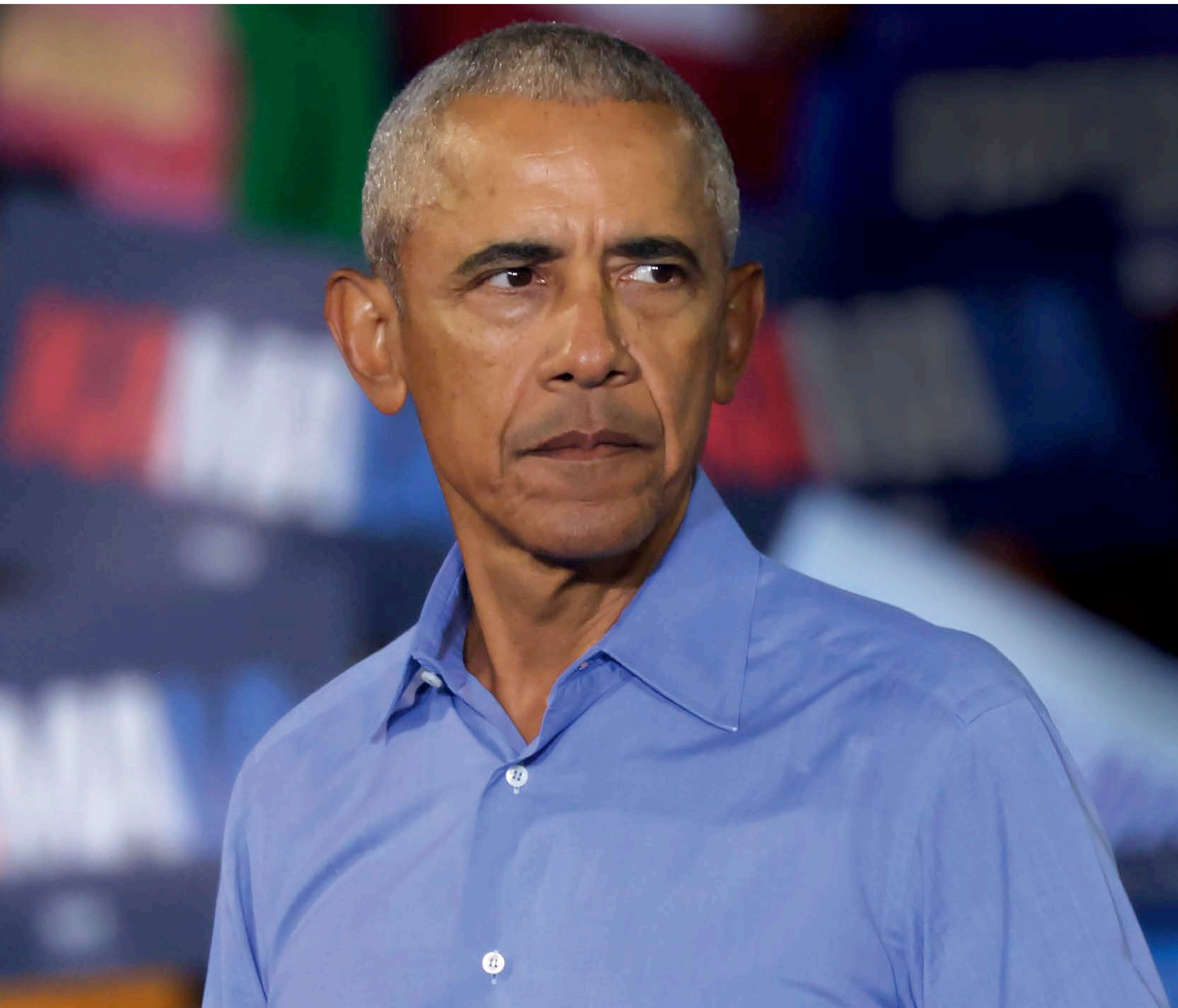
"DE NOITE OU DE DIA"


JOÃO WAINER/FOLHAPRESS

HERÓI Carlos Miranda em *O Vigilante Rodoviário:* com a moto e Lobo

"De noite ou de dia / firme ao volante / vai pela rodovia / bravo vigilante." A canção-tema anunciava o início de um novo capítulo do seriado *O Vigilante Rodoviário,* exibido pela TV Tupi, de São Paulo, de 1961 a 1967 e depois reprisada pela Globo, nos anos 1970. Em um tempo de acelerada construção de estradas, o policial vivido pelo ator **Carlos Miranda** era o herói possível. Sempre ao lado do cão pastor-alemão Lobo, em um Simca Chambord amarelo ou numa moto Harley-Davidson, vivia uma aventura a cada episódio — foram 38. Depois do sucesso, seria convidado a entrar nas fileiras da PM. Serviu durante 25 anos. Morreu em 17 de fevereiro, aos 91 anos. ■

Telegram @clubederevistas



“Trinta e dois anos juntos e você ainda me tira o fôlego.”

BARACK OBAMA, nas redes sociais, em declaração de amor a Michelle Obama. Rumores de separação do ex-casal têm se espalhado com frequência. Ela respondeu: “Se tem uma pessoa com quem sempre posso contar, é você, Barack Obama”

ALEX WONG/GETTY IMAGES

"A democracia se baseia no princípio sagrado de que a voz do povo importa. Não há espaço para *firewalls.*"

J.D. VANCE, vice-presidente dos Estados Unidos, durante a Conferência de Segurança de Munique, ao criticar a postura dos principais partidos políticos da Alemanha de não fazer acordos com a agremiação de extrema direita, a AfD

"Não aceitamos intervenções de fora em nossa democracia."

OLAF SCHOLZ, atual primeiro-ministro alemão, em resposta à cutucada de Vance. As eleições legislativas ocorrem em 23 de fevereiro

"A IA mais inteligente da Terra."

ELON MUSK, no X, é claro, e sem modéstia alguma, ao anunciar o lançamento do chatbot Grok 3

"Eu queria pedir para ele, por favor, não comunicar mais que vai ter aumento de juros porque aí já atrapalha tudo desde o começo."

LUIZA TRAJANO, empresária, em um evento na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp. Gabriel Galípolo, presidente do Banco Central, que estava nas primeiras fileiras, sorriu

Telegram @clubederevistas

"Desde Bolsonaro, não reforço mais baboseira."

MARCELO TAS, humorista. Um de seus programas, o *CQC,* era palco frequente de Jair Bolsonaro quando ele era apenas um apagado deputado federal

"Não vou negar: como único autor vivo da novela, tenho certo ciúme."

AGUINALDO SILVA, a respeito do remake de *Vale Tudo*

"Eu me surpreendi por ter chorado, mas fiquei muito tocada. Acho que foi por causa da história, porque minha mãe teria ficado muito feliz."

ISABELA ROSSELLINI, candidata ao Oscar de atriz coadjuvante pelo filme *Conclave.* Ela é filha de Ingrid Bergman.

"Sou gulosa e sou desastrada. Então, por ser assim, sou uma pessoa que, quando eu me sento à mesa, fatalmente sujo a minha roupa, a mesa..."

CAMILA PITANGA, atriz, a estrela de *Beleza Fatal,* a novela do canal de streaming Max

"O livro é um objeto quase erótico. A gente pega o livro na mão, e pegar um livro na mão é um prazer."

GITA K. GUINSBURG, diretora-superintendente da editora Perspectiva

"Nunca imaginei que fosse chegar aos 50 e ainda ter tanto a aprender."

RODRIGO SANTORO, ator

Telegram @clubederevistas

“A gente samba, mas não samba igual quem samba.”

DEBORAH SECCO,
atriz, sincera, durante ensaio técnico do Salgueiro

INSTAGRAM @DEDESECCO



Telegram @clubederevistas

FERNANDO SCHÜLER

NOSSA HERANÇA COMUM

J.D. Vance fez um discurso inusitado na Conferência de Segurança europeia, em Munique. Plateia repleta de líderes do continente, grande expectativa, esperava-se que ele falasse de Putin, da guerra, mas Vance não se abalou: "O problema de vocês não são as ameaças que vêm da Rússia nem a China, mas o perigo que vem de dentro", disse. E completou: "O recuo da Europa em seus valores mais fundamentais, que são os mesmos dos Estados Unidos". Generosidade dele. Os valores europeus nunca foram os mesmos que os da formação americana. A inspiração que veio de Locke, Milton e do liberalismo inglês, que andava na cabeça dos fundadores da América, sempre foi um recorte muito específico da tradição europeia. O Velho Continente nunca teve nada semelhante à Primeira Emenda, garantindo a liberdade de expressão. E vem daí a raiva provocada pela fala de Vance. Na prática, ele deu um sermão na liderança europeia com base em deuses ou, ao menos, em credos não tão comuns assim.

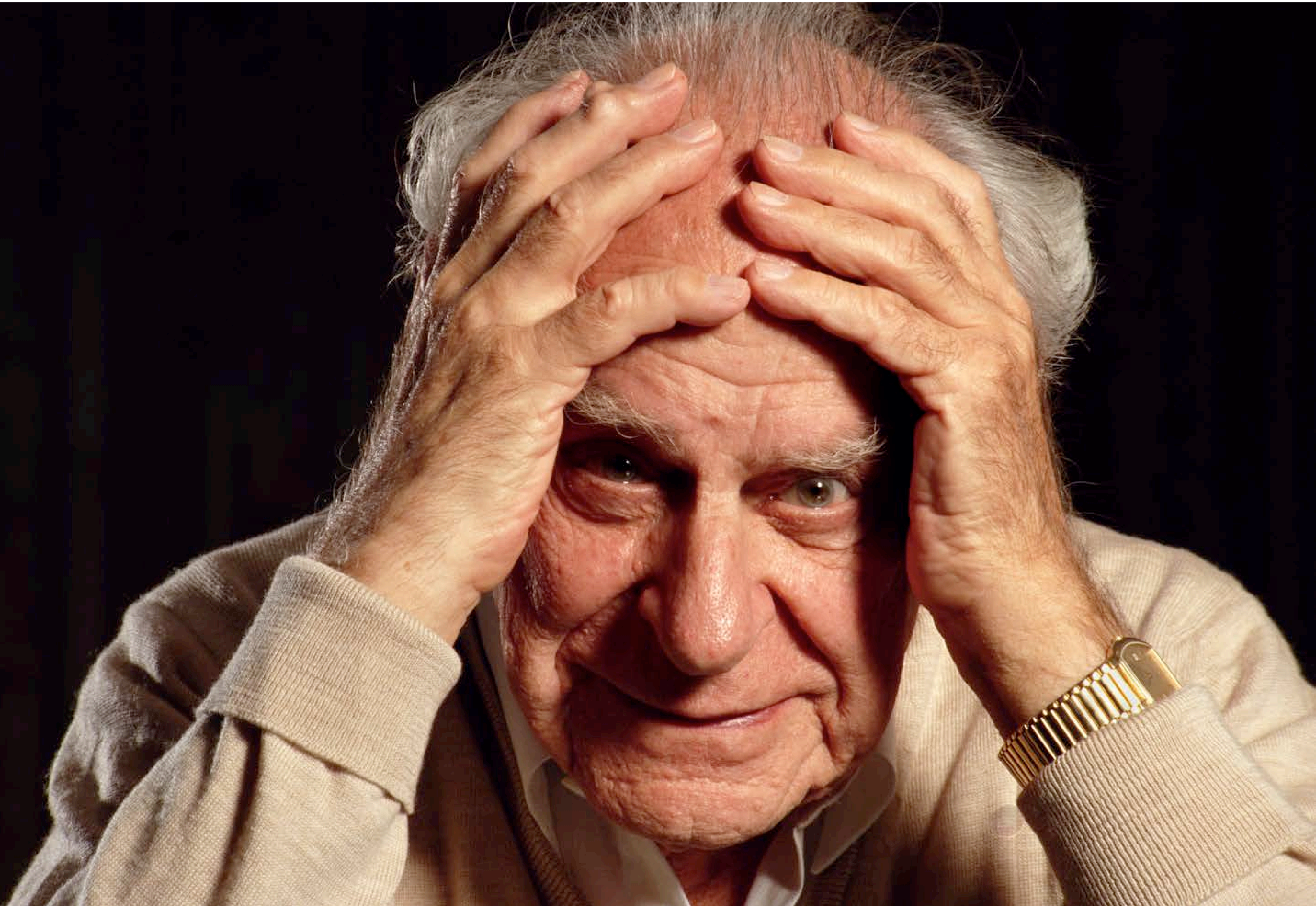
Vance fez nove acusações. Quatro dizem respeito à agenda woke. Coisas como a prisão de Adam Smith-Con-

nor, um fisioterapeuta condenado por rezar perto de uma clínica de aborto, na Inglaterra. Outras têm a ver com a censura e a intolerância política. Tudo bem representado, na visão de Vance, pelos *firewalls,* a prática de isolar a direita no jogo político. A lógica que foi se tornando comum, nos anos recentes, segundo a qual há uma "extrema direita" ilegítima e que, como tal, não deve ser admitida na democracia. O conceito é elástico e pode incluir Trump, um libertário como Milei, um partido direitista como a Alternativa para a Alemanha (AfD) ou o tradicionalismo francês de Marine Le Pen. Diria que qualquer um que Anne Applebaum e alguns colunistas do *Times* resolvam chamar de "autocratas" é candidato à lista. A eleição de Trump criou um problema para essa turma, visto ser ridículo tratar um presidente eleito com maioria sólida no Congresso como uma espécie de marginal.

O fato mais grave citado por Vance diz respeito ao cancelamento das eleições presidenciais na Romênia em dezembro. Calin Georgescu, engenheiro agrícola de "extrema direita", ganhou as eleições e a Corte Constitucional mandou fazer novas eleições. O motivo: suspeitas de dinheiro russo impulsionando contas do TikTok em apoio a Georgescu. Causando "desordem informacional" na cabeça do "eleitor ordinário", para dar um toque brasileiro ao problema. Se a moda pegar, a cada vez que o povo votar errado basta a Suprema Corte anular as eleições e fazer a turma votar de novo. Vance foi direto: "Se

Telegram @clubederevistas

DAVID LEVENSON/GETTY IMAGES



IDEIAS O inglês Karl Popper (1902-1994): é crucial aprender com o divergente

você foge assustado de seus próprios eleitores, nem os EUA podem salvá-lo”.

Vance fez em seu discurso uma forte defesa de um velho conceito nascido no coração da Europa: a ideia das sociedades abertas. O conceito foi usado por Karl Popper em seu livro escrito sob o trauma da Segunda Guerra. Ele diz, em essência, que nosso destino, como sociedade, é aprendermos a viver junto com pessoas que divergem fundamentalmente de nós. De nossos valores, da maneira como

Telegram @clubederevistas

“Não se pode converter a moralidade privada em régua ética”

enxergamos a vida, das relações entre homens e mulheres e do destino humano. Daí a frase de Vance sobre respeitar os direitos de nossos “oponentes”, em vez de colocá-los na cadeia, “seja o líder da oposição, seja um cristão rezando ou um jornalista tentando relatar as notícias”. E aqui é preciso ser claro: Vance tem razão. E suas razões vêm do fundo do próprio aprendizado europeu. Da renúncia a mandar os hereges para a fogueira, contrarrevolucionários para a guilhotina ou judeus para campos de concentração.

A ideia das sociedades abertas foi a pedra de toque das democracias liberais à época da Guerra Fria e depois da queda do Muro de Berlim. Época que o pensador conservador N.S. Lyons bem chamou de “longo século XX”, marcada pelo “é proibido proibir”, de maio de 68, e pelo otimismo liberal de Fukuyama, bem depois, com seu “fim da história”. De alguns anos para cá, essas coisas mudaram. Da celebração da liberdade, fomos mergulhando na era do “controle”. Lyons e muitos conservado-

res culpam a própria ideia das sociedades abertas pelo desmoronamento. Nossa civilização teria cedido a uma ideia empobrecida da política como técnica. A noção do Estado fundado em procedimentos "neutros" feitos de "processos burocráticos, decisões judiciais e comissões tecnocráticas". A visão é caricatural, mas faz sentido: instituições sem "alma", destituídas de base de valores, acreditando na ingênua ideia de neutralidade do Estado diante da diversidade de visões de mundo.

Lyons está errado. E arrisco dizer que a velha ideia de Popper nunca foi tão necessária. Digo mais: os males de nossa civilização provêm exatamente da traição aos valores das sociedades abertas, e não o contrário. Mesmo sendo um conservador, foi exatamente isso o que disse Vance. O que aconteceu, nas últimas duas décadas, foi o lento processo de captura do Estado por um novo tipo de ideologia. Quando uma Corte Constitucional diz que esse ou aquele grupo não é legítimo para ganhar uma eleição, que certos tipos de opinião são inaceitáveis no debate público, o sinal é claro: a premissa da neutralidade das instituições foi atirada pela janela. Quando a educação pública se subordina a premissas dadas pelos movimentos identitários, temos o mesmo fenômeno. E, por óbvio, quando chegamos ao ponto de o sujeito ser preso por rezar em silêncio, há muito se cruzou uma fronteira.

Não deixa de ser curioso que Vance, ele mesmo um conservador, tenha feito um discurso em defesa das so-

Telegram @clubederevistas

ciedades abertas. E o fez por uma simples razão: porque não há outra saída. Se Vance reivindica o direito de Smith-Connor rezar perto daquela clínica, no Reino Unido, terá de aceitar que uma ativista feminista defenda o direito ao aborto em alguma outra calçada. Isso vale para católicos, protestantes e para toda sorte de predileções. Dias atrás li sobre o 4B, uma nova seita de mulheres que não quer conversa com o sexo masculino. E há quem viva imitando cães e tartarugas por aí. O que nenhum desses agrupamentos está autorizado a fazer é converter sua moralidade privada na régua ética para a sociedade. É esse o ensinamento singelo de Popper. Isso pode irritar a esquerda, seduzida pela cultura woke. E a um certo conservadorismo que parece sonhar em fazer o mesmo a partir dos “valores tradicionais”. Mas a verdade é que a ideia liberal vem do fundo da própria tradição europeia. Do aprendizado com as guerras de religião, que fez Locke escrever suas cartas sobre a tolerância; do horror com o fanatismo religioso, que fez Voltaire dobrar a Justiça francesa, no caso Jean Calas; da reação à injustiça movida pelo ódio político e racial, que fez Zola escrever seu “J’Accuse…!”. Tudo isso pertence à Europa. Mas é também a nossa herança. Nossa melhor herança, da qual não deveríamos abrir mão. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

Telegram @clubederevistas

SOBE

CAFÉ

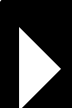
Em São Paulo, um dos maiores produtores do país, as exportações de grãos cresceram 82,7% em janeiro, alcançando 166,4 milhões de dólares.

ILHABELA

Segundo levantamento do Airbnb, a cidade do Litoral Norte paulista é um dos dez destinos mais românticos do mundo.

GLORIA PIRES

A atriz será indenizada em 15 000 reais por uso indevido de sua imagem em campanha publicitária com o meme “Não sou capaz de opinar”, criado em referência à frase dita por ela em uma transmissão do Oscar.



Telegram @clubederevistas

DESCE

ALBERTO FERNÁNDEZ
O ex-presidente da Argentina virou réu depois que a Justiça do país o indiciou pela acusação de violência de gênero contra Fabiola Yañez, sua ex-esposa e ex-primeira-dama

JANNIK SINNER
O tenista número 1 do mundo testou positivo para o uso de um anabolizante e vai cumprir suspensão de três meses por doping.

CHEQUE
O uso de folhas de talões caiu 96% desde 1996. No ano passado, o movimento foi de 500 bilhões de reais, uma queda de 14,2% ante 2023.

Telegram @clubederevistas

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim



Mudança a caminho

Lula confidenciou nesta semana a um importante aliado que vai mesmo colocar **Alexandre Padilha** na Saúde. Também disse que Gleisi Hoffmann terá gabinete no Planalto. Pode, inclusive, assumir a articulação política do governo, e não a Secretaria-Geral.

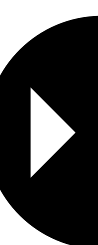
O começo do fim

A ideia de ver alguém radical como Gleisi comandando a articulação política é rejeitada até entre petistas palacianos. “Se for isso mes-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

RETORNO Padilha: o ministro está muito próximo de ser anunciado para a Saúde



mo, melhor entregar a chave do Planalto à oposição", diz um aliado do partido.

Disputa de peso

Padilha só não foi anunciado na Saúde ainda porque há uma disputa entre Rui Costa e Fernando Haddad pela pasta. Costa quer Arthur Chioro no ministério, seu apadrinhado, e não "alguém do Haddad", como Padilha é visto no PT.

Sempre teremos Paris

Impopular e cobrado por petistas sobre 2026, Lula anunciou nesta semana que vai passar uns dias em Paris em junho. Foi seu jeito de mostrar quão preocupado está com o PT.

Bola fora

No fim de semana, Lula, segundo um auxiliar, teve uma dura conversa com Paulo Okamotto. O petista foi levar a Lula a ideia de colocar no comando do PT o ministro do Trabalho, Luiz Marinho. Um meio-termo na briga entre Gleisi e Edinho Silva. Lula rejeitou no ato: "Não abro mão do Edinho".

Ideias envelhecidas

Edinho, aliás, tem rodado o país para apresentar ideias sobre o futuro do PT. Acredita que o caminho é retomar o diálogo com o povão, a "base". Nesse PT de caciques que prosperaram na política, tem tudo para dar errado.

Todo dia um 7 a 1

Ministro da Secom de Lula, Sidônio Palmeira completou um mês no cargo. Segundo um amigo, não

Telegram @clubederevistas

está arrependido, mas sentiu o tranco da quantidade de confusão no governo.

Hora da agenda positiva

Chefe do Exército, o general Tomás Paiva vai começar a falar mais em público sobre os projetos militares. É hora de tentar virar a página, agora que a denúncia da PGR apontou os colegas de farda metidos no plano de golpe bolsonarista.

O VAR da Lava-Jato

A defesa de Jair Bolsonaro já decidiu como combater a denúncia da PGR no STF. Vai expor contradições entre delações da Lava-Jato, anuladas pela Corte, e a delação de Mauro Cid. "Se o STF tiver coerência, vai anular esse acordo do Cid", diz um jurista.

"Canalha!"

Indignado com os rumores de que vá fugir do Brasil para escapar do STF, Bolsonaro dá o recado. "Quem falou que eu vou deixar o país é canalha!".

Help

Gilson Machado, o ex-ministro de Bolsonaro, diz que os Estados Unidos vão reagir contra a perseguição a Bolsonaro no STF. "A reação virá, mas não vai ser na mesma velocidade do que está acontecendo aqui", diz.

Tchau, querido

A CGU rejeitou, nesta semana, um recurso do ex-ministro Abraham Weintraub contra sua expulsão do serviço público. Em 2024, ele foi banido por faltar 218 vezes ao trabalho na Universidade Federal de São Paulo.

Telegram @clubederevistas



GUSTAVO LIMA/STJ

UFA! Salomão: ações previdenciárias vão demorar menos tempo na Justiça

Caveirão federal

O STF avalia ordenar que a Polícia Federal assuma o combate ao crime organizado no RJ e seus laços na polícia e na política fluminense.

Chegou a hora

Lula deve decidir, na próxima semana, os nomes dos dois novos ministros do STJ. Carlos Brandão é favorito na vaga da magistratura.

Todo o cuidado é pouco

Com a denúncia de Bolsonaro, o STF reforçou a segurança da Corte e o monitoramento de redes. Há receio de novas ameaças aos ministros.

Boa causa

Vice-presidente do STJ, o ministro **Luis Felipe Salomão** assinou uma resolução para abreviar trâmites processuais e reduzir pela metade o tempo de julgamento de 35 milhões de ações sobre benefícios do INSS na Justiça. "Ajuda quem mais precisa receber logo seus benefícios da Previdência", diz.

Telegram @clubederevistas

Point da República

A Esfera de João Camargo lançou, nesta semana, o "ParlaMento". Um espaço de "articulação política e institucional" que funcionará em Brasília. A abertura da casa contou com autoridades dos três poderes da República.

Não precisa de oposição

Braço direito de Haddad na Fazenda, Dario Durigan foi alvo de críticas no Planalto por dizer, na segunda, que o governo "já tem percebido a desaceleração da economia". "A Fazenda já não ajuda na popularidade. Precisa atrapalhar?", ironiza um auxiliar de Lula.

Cheiro de boicote

David Goldman, VP mundial da Starlink, esteve em Brasília, nesta semana, para "manifestar preocupação" com a demora da Anatel em liberar a expansão dos serviços de internet no Brasil.

O sonho presidencial

Um aliado de Tarcísio de Freitas diz que o slogan presidencial do governador já está pronto: "O nome da união. Trabalhou com Dilma e Bolsonaro e vai fazer a maior obra da história de SP com Lula em Santos (SP)", diz.

Fofoca cosmética

Um mistério ronda auxiliares de Lula no Planalto. Janja, de uns tempos pra cá, parece estar diferente, mais jovem. "Ela fez algum procedimento no rosto, mas nunca vão confirmar", brinca um ministro de Lula. Será?

Telegram @clubederevistas

Virou piada

Diante da conhecida mão de ferro de Janja, petistas passaram a chamar o fim do expediente de Lula, geralmente às 18 horas, de... "hora da sopa".

Me perdoa?

Livre da Lava-Jato, Antonio Palocci quer agora, segundo um aliado, tentar reconstruir pontes no governo Lula.

Boleto precoce

Sandy Leah, veja só, foi notificada recentemente pela Prefeitura de Campinas a pagar uma fatura de cerca de 30 000 reais com um imóvel num condomínio chique da cidade. A cobrança veio antes mesmo do vencimento. ■



INSTAGRAM @SANDYOFICIAL

CONTA Sandy: prefeitura foi atrás da cantora com fatura de 30 000 reais

Telegram: @clubedasrevistas

ISAAC FONTANA/EFE

FUTURO EM XEQUE

Denúncia da PGR contra Bolsonaro pelo plano golpista pode encerrar a carreira do ex-presidente e até levá-lo à prisão. Próximos capítulos do caso impõem ainda desafios ao STF no julgamento que será histórico e às forças políticas da direita, divididas entre a defesa dele e a busca de uma nova liderança nacional

CAPA: MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/AFP

Telegram @clubederevistas


ISAC NÓBREGA/PR

“Ambos aceitaram, estimularam e realizaram atos tipificados na legislação penal de atentado contra o bem jurídico da existência e independência dos poderes e do Estado de Direito democrático.”

Paulo Gonet, procurador-geral da República, referindo-se ao ex-presidente e ao general Braga Netto

Telegram @clubederevistas

Jair Bolsonaro nunca escondeu de ninguém sua certeza de que forças ocultas conspiravam contra ele. Por medo de sabotagem, evitava viagens em jatos particulares. Protegido por um batalhão de seguranças, não abria mão de dormir com uma pistola embaixo do travesseiro. Para afastar risco de envenenamento, pedia a alguém para experimentar a comida antes de ser servida. De todos os fantasmas que habitavam a mente do ex-presidente, no entanto, o pior era o que soprava em seus ouvidos a existência de um complô para apeá-lo do poder. Dele fariam parte ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), partidos de esquerda e "gente do sistema". A trama imaginária envolvia uma maquinação que teria fraudado as urnas eletrônicas em 2018. "Era para eu ter vencido no primeiro turno", costumava repetir Bolsonaro, ao tentar explicar o flagrante paradoxo. Para a Procuradoria-Geral da República, esse comportamento paranoico era apenas um ardil para dissimular o início do planejamento de um cerco à democracia — obsessão que, se comprovada, agora pode render até quarenta anos de prisão ao ex-presidente.

Na terça-feira 18, o procurador-geral, Paulo Gonet, acusou formalmente Bolsonaro, quatro ex-ministros de seu governo, quatro auxiliares diretos e mais 25 pessoas, entre militares e civis, de atuarem juntos naquela que pode ter sido a mais bisonha tentativa de golpe de Estado da história. O libelo apresenta Bolsonaro como o líder de uma organização que agiu para tumultuar as eleições de 2022, impedir

Telegram @clubederevistas


LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

DELATOR Cid: defesa de Bolsonaro tentará explorar fragilidades dos depoimentos

INFANTARIA GOLPISTA

Além de Jair Bolsonaro e Braga Netto, o procurador acusou mais 32 pessoas por tentativa de golpe de Estado

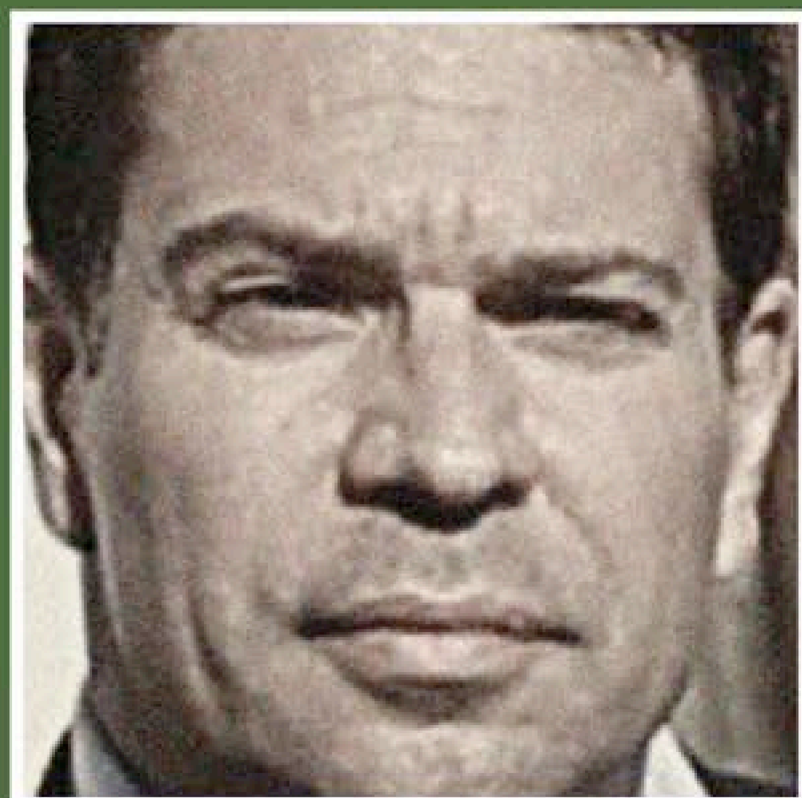


ALMIR GARNIER
Ex-comandante da Marinha, colocou as tropas à disposição do presidente para um golpe de Estado durante uma reunião no Palácio da Alvorada no início de dezembro de 2022

Telegram @clubederevistas

a posse do presidente eleito, impor medidas de exceção, prender autoridades e até eliminar fisicamente adversários. Num documento de 272 páginas, Gonet alinhavou um manancial de informações, mensagens, minutas, planilhas, manuscritos, anotações e um sem-número de evidências que foram colhidas pela Polícia Federal durante um ano e meio de investigação sobre a ação de um grupo que conspirou contra as instituições e por pouco, muito pouco, não levou o país a mergulhar num abismo institucional.

O procurador afirma que Bolsonaro é idealizador, organizador e beneficiário da trama golpista, ao lado do general



ALEXANDRE RAMAGEM
Ex-diretor da Abin, municiou Bolsonaro ao produzir documentos que forneciam subsídios para atacar as instituições, o Judiciário e as urnas eletrônicas



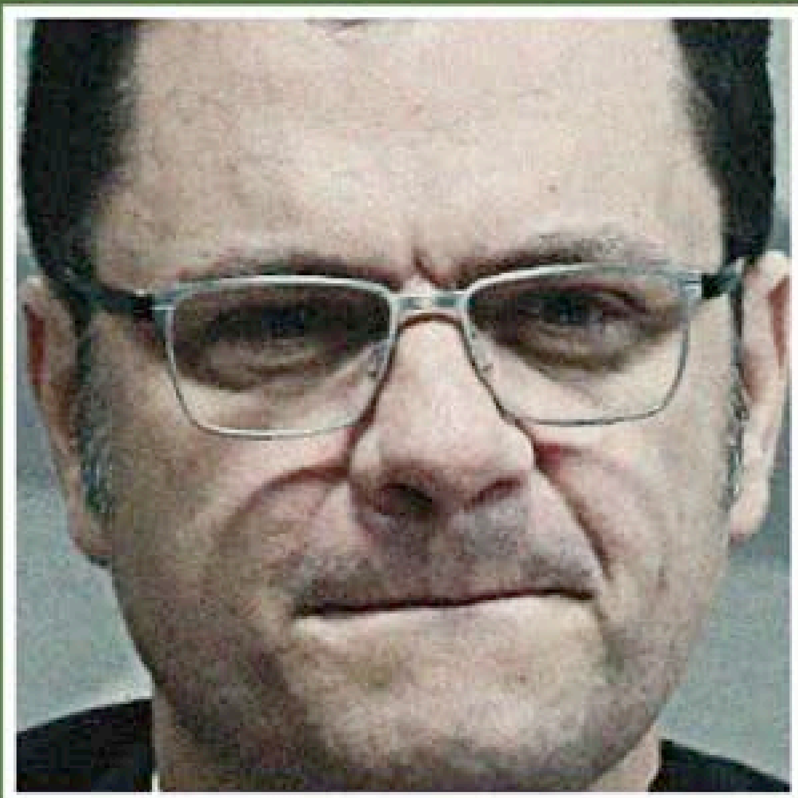
FILIPE MARTINS
O ex-assessor da Presidência elaborou a minuta do decreto presidencial que daria suporte jurídico ao golpe

Telegram @clubederevistas

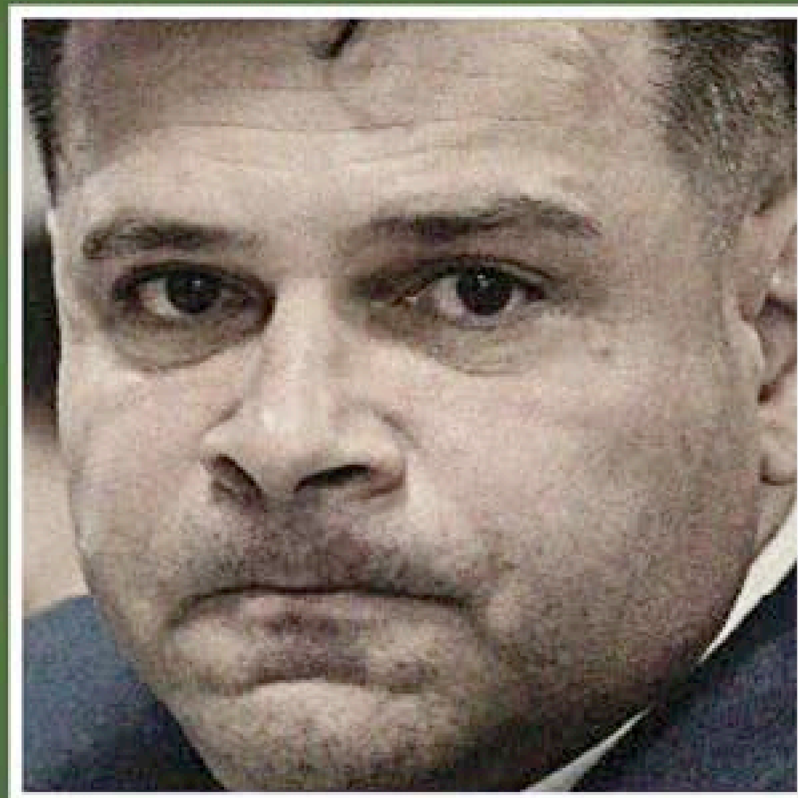


REPRODUÇÃO/PM-GO

PROVA Mario: áudio do general indicaria que o ex-presidente sabia de plano para matar adversários



ANDERSON TORRES
A Polícia Federal encontrou na casa do ex-ministro da Justiça o esboço de uma medida que previa intervenção no Tribunal Superior Eleitoral

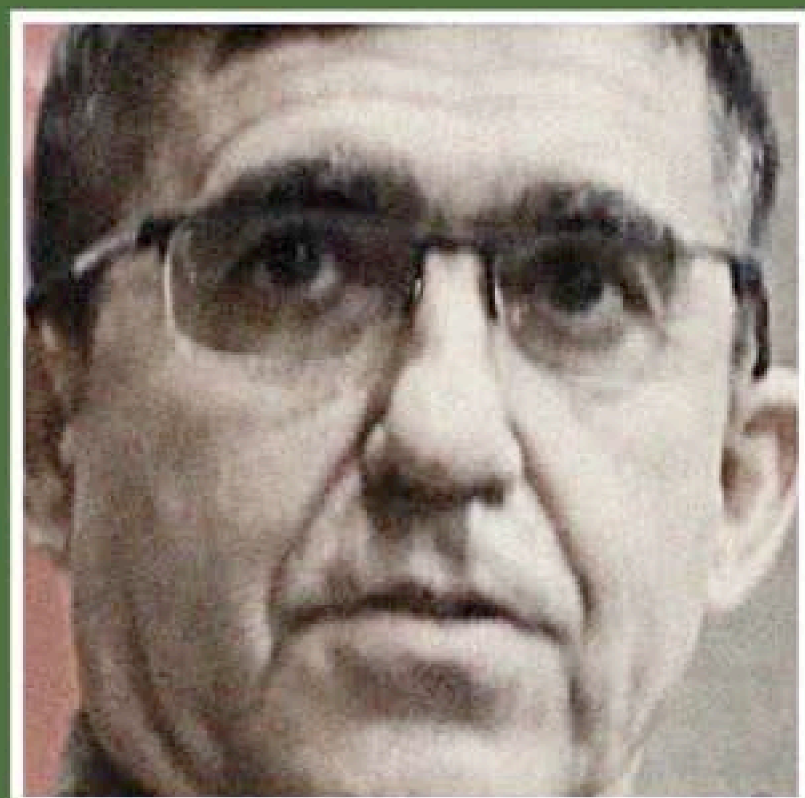


SILVINEI VASQUES
Ex-diretor-geral da PRF, coordenou o emprego de forças policiais para atuar em municípios onde se encontrava o maior eleitorado de Lula

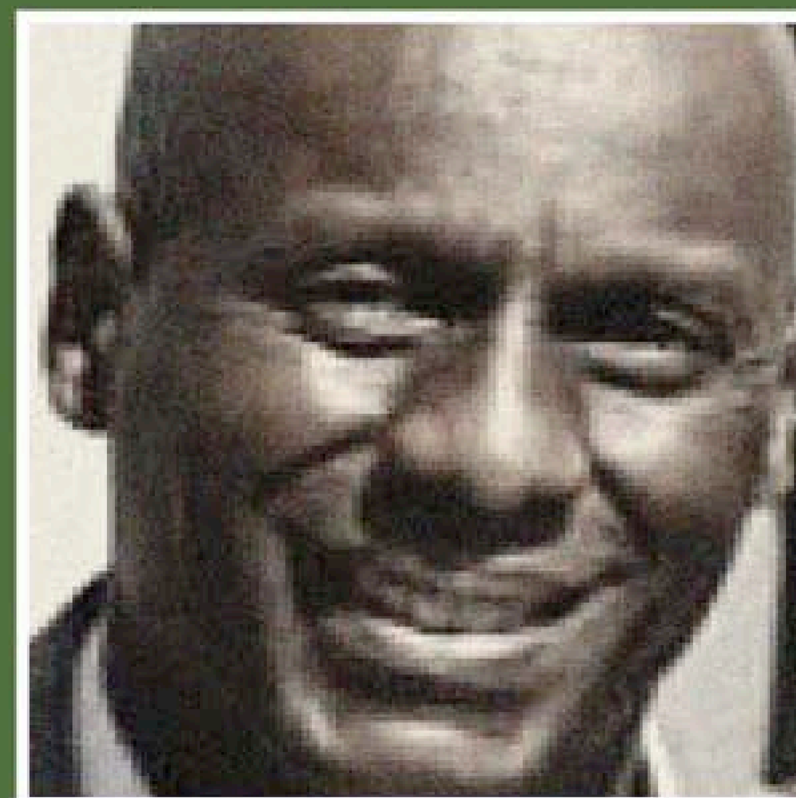
Telegram @clubederevistas

Walter Braga Netto, ex-candidato a vice-presidente. Gonet concluiu que a dupla atuou em sintonia no cometimento dos delitos de crimes como golpe de Estado, abolição violenta do Estado democrático, dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado. Bolsonaro e Braga Netto não só tinham ciência como teriam participado e autorizado as ações praticadas pelos seus subordinados. O general, por exemplo, era responsável por cooptar para a trama os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

As primeiras sementes golpistas, segundo o procurador, foram lançadas logo depois da posse de Bolsonaro,



ESTEVAM THEOPHILO
Ex-chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército, participou de reuniões de cunho golpista e se colocou à disposição de Bolsonaro para levar adiante a trama



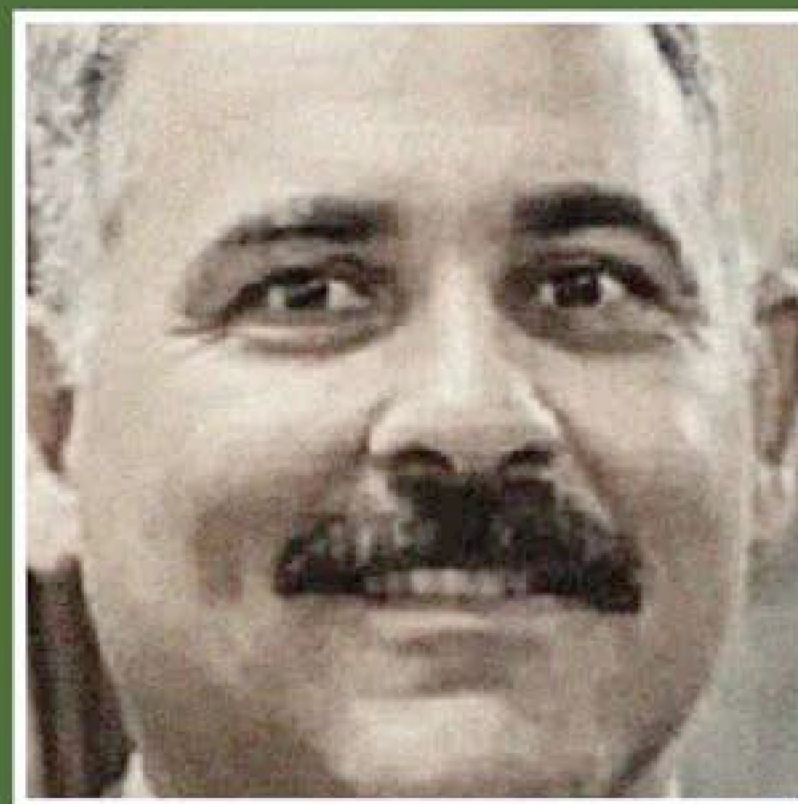
AILTON BARROS
Integrante do núcleo responsável por incitar a adesão de militares ao golpe, atuou sob ordens de Braga Netto para espalhar ataques aos chefes militares

Telegram @clubederevistas

em 2019, quando ele insistia em desacreditar a Justiça Eleitoral. As ações concretas começaram em 2021, com a escalada de ataques às instituições, ao STF e à credibilidade das urnas eletrônicas. Na época, Lula havia acabado de recobrar os direitos políticos e já se apresentava como candidato ao Planalto. Na medida em que as eleições se aproximavam, o grupo acelerava certos movimentos. O então ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, e o diretor-geral da Abin, Alexandre Ramagem, por exemplo, produziram estudos para contestar a confiabilidade das urnas eletrônicas. O ministro da Justiça,



ANGELO DENICOLI
Integrava a ala mais radical do entorno do ex-presidente e atuou na produção de estudos que questionavam a lisura das urnas eletrônicas

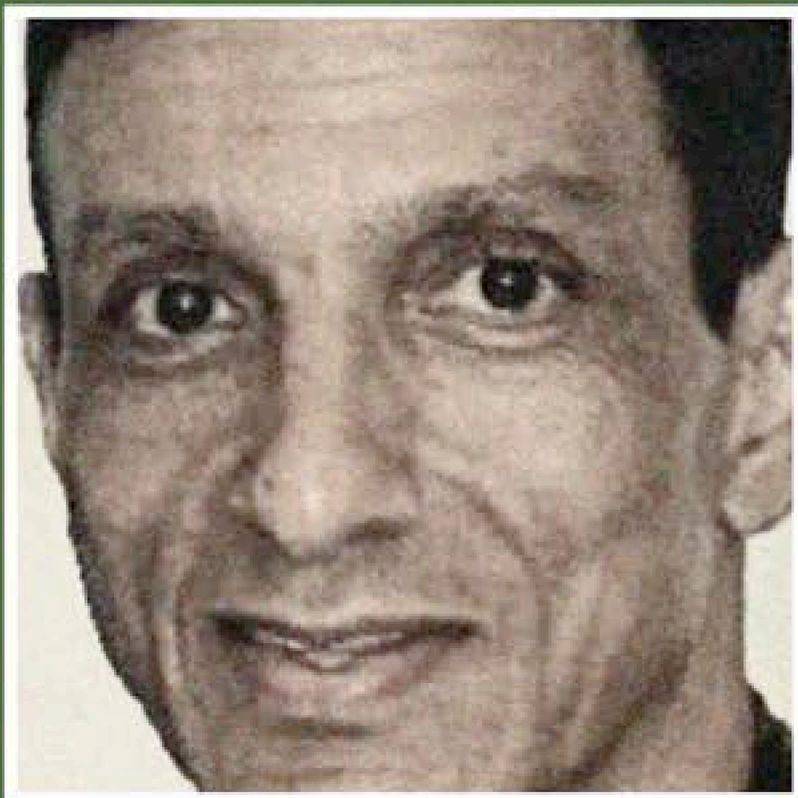


BERNARDO ROMÃO
O ex-assistente do Comando Militar do Sul foi o idealizador de uma reunião planejada para pressionar a cúpula militar a endossar o golpe

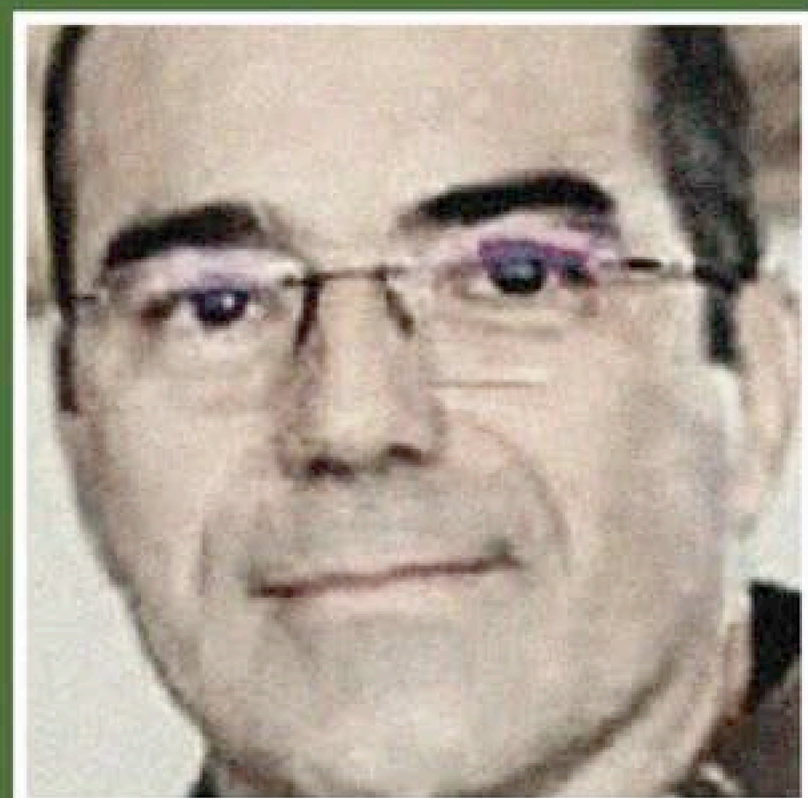
Telegram @clubederevistas


MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

INTIMIDAÇÃO Planalto: demonstrações de força faziam parte da estratégia



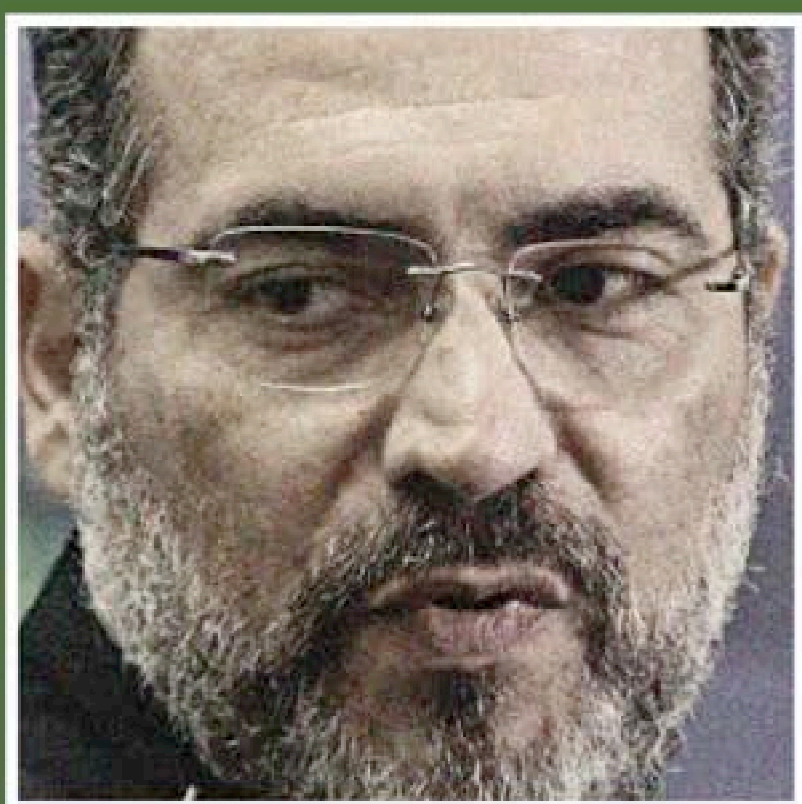
CLEVERSON MAGALHÃES
Então assistente do general Theophilo, participou da reunião que discutiu como pressionar o Alto-Comando do Exército a aderir à trama



FABRICIO BASTOS
Lotado no Centro de Inteligência do Exército, ajudou a escolher os kids pretos que atuariam na parte operacional da trama

Anderson Torres, e o chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno, entre outras coisas, elaboraram hipóteses jurídicas que permitiam questionar o resultado da eleição.

Os dias que se seguiram à derrota foram intensos e permeados de discussões sobre medidas que impediriam a posse de Lula. Na peça de acusação, Gonet cita como evidência da ativa participação de Bolsonaro na trama golpista um áudio enviado a Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, em que o general Mario Fernandes, que trabalhava no Palácio do Planalto, relata uma conversa na qual o ex-



FERNANDO DE SOUZA OLIVEIRA
Ex-diretor de Operações do Ministério da Justiça, discutiu a atuação de policiais para dificultar que eleitores de Lula votassem e se omitiu no 8 de Janeiro



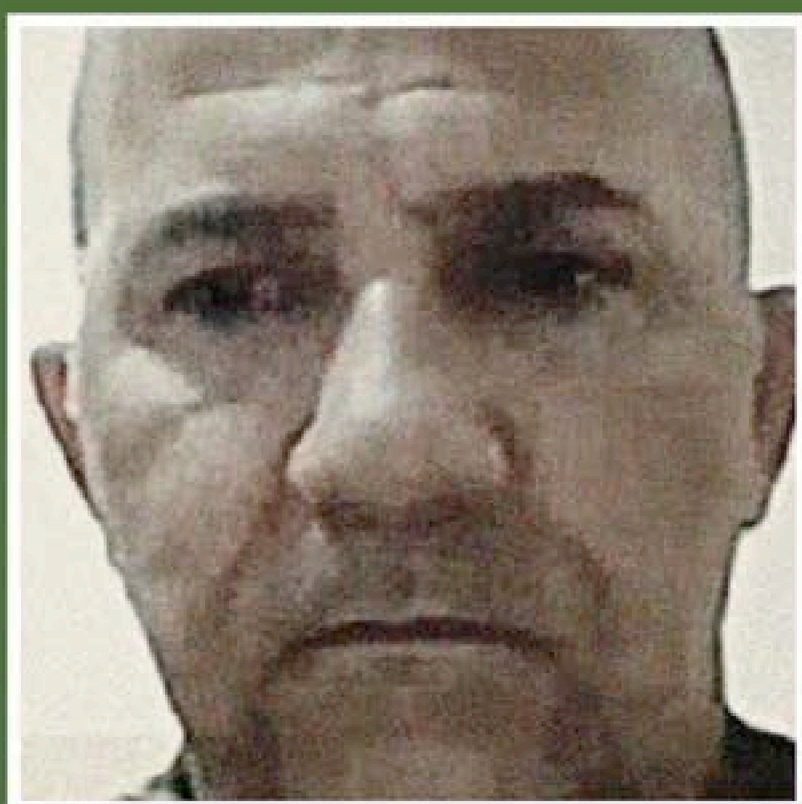
GUILHERME MARQUES
O oficial é especialista em Operações Psicológicas e era encarregado de criar uma atmosfera de suspeição sobre a votação eletrônica

Telegram @clubederevistas



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

CONGRESSO Manifestação: aliados de Bolsonaro já articulam anistia



HELIO FERREIRA
Tenente-coronel do Exército, integrou o grupo que monitorava clandestinamente Lula e Moraes e é autor de uma planilha com detalhes para a consumação do golpe



MARCELO BORMEVET
Policial cedido à Abin, criou notícias mentirosas sobre os ministros do STF e as difundia em grupos de desinformação e perfis falsos

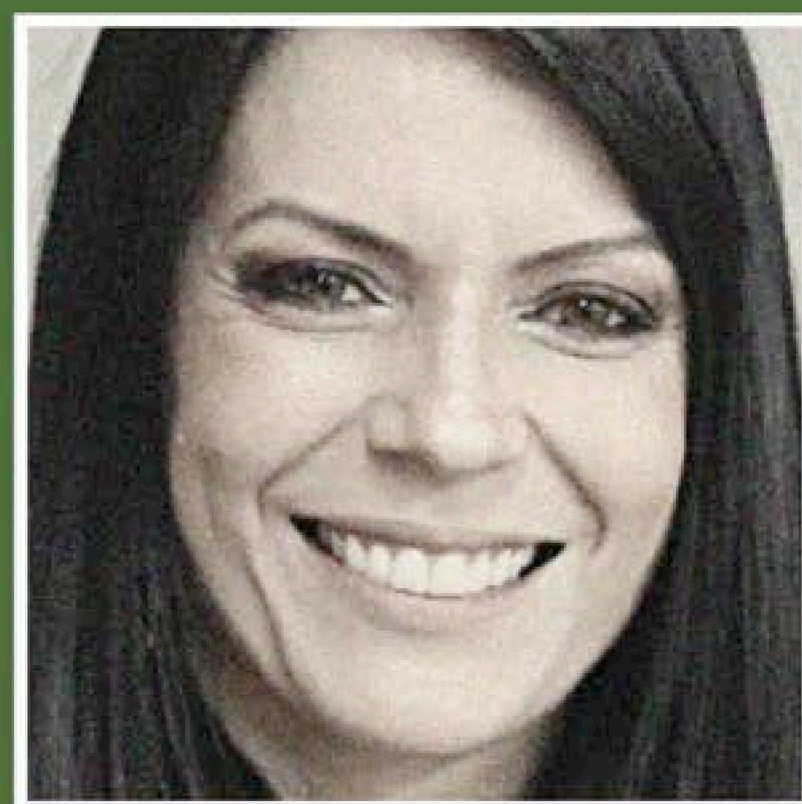
Telegram @clubederevistas

-presidente teria afirmado que o grupo golpista tinha autorização para agir até 31 de dezembro. Segundo o procurador, o militar se referia ao plano que previa o assassinato de Lula, do vice-presidente, Geraldo Alckmin, e do ministro Alexandre de Moraes. “O áudio não deixa dúvidas de que a ação violenta era conhecida e autorizada por Jair Messias Bolsonaro”, escreveu Gonet. Acusação tão grave quanto essa deveria ter vindo acompanhada de maiores elementos na denúncia, o que não ocorreu.

Peça fundamental na investigação sobre o plano golpista, o tenente-coronel Mauro Cid era guardião de muitos se-



MARCELO CÂMARA
Ex-assessor de Bolsonaro, integrava o núcleo de inteligência paralela e foi responsável por monitorar Alexandre de Moraes, alvo de um plano de assassinato



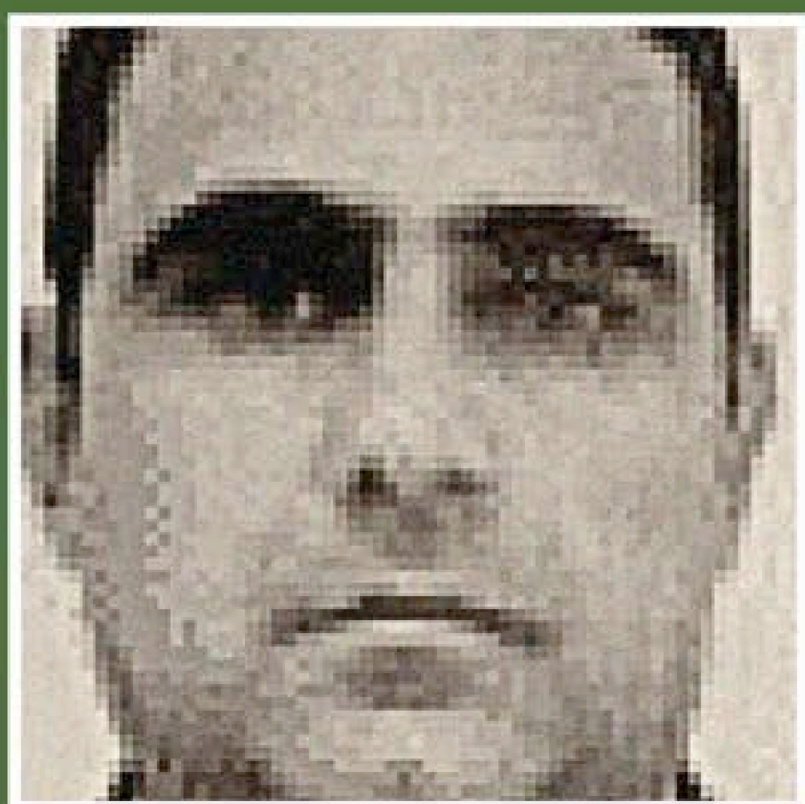
MARÍLIA FERREIRA
Ex-diretora de Inteligência do Ministério da Justiça, determinou a elaboração de um plano para mapear municípios onde Bolsonaro perdeu nas eleições

Telegram @clubederevistas



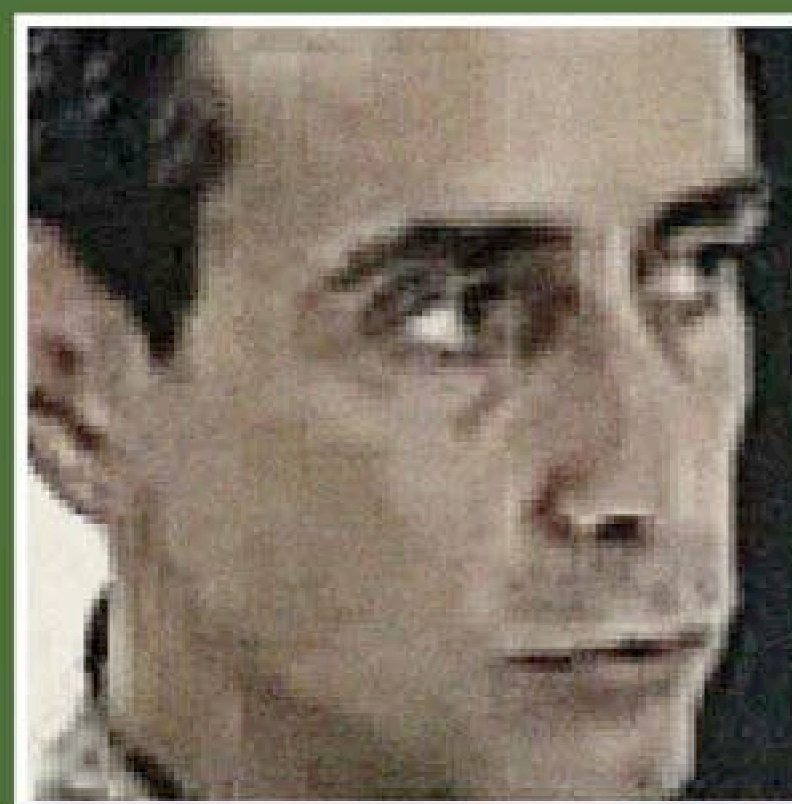
JOÉDSON ALVES/EFE

ESTRATÉGIA Paulo Sérgio: ex-ministro contestava a confiabilidade das urnas



MÁRCIO NUNES

Auxiliar do ex-chefe do Estado-Maior do Exército, atuava em parceria com Cid e em seu prédio ocorreu uma das reuniões que discutiram o golpe

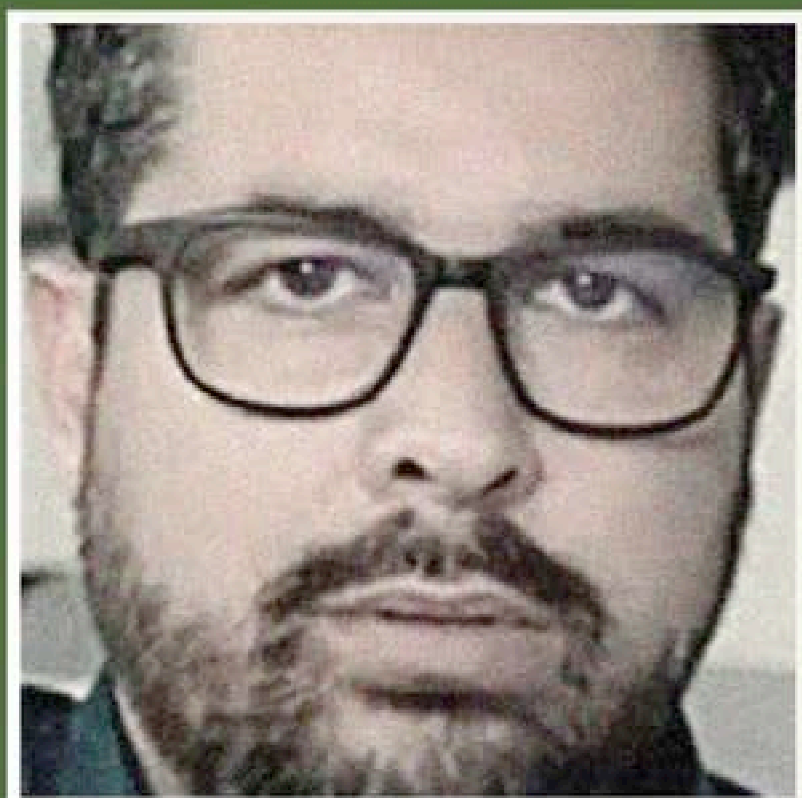


NILTON DINIZ

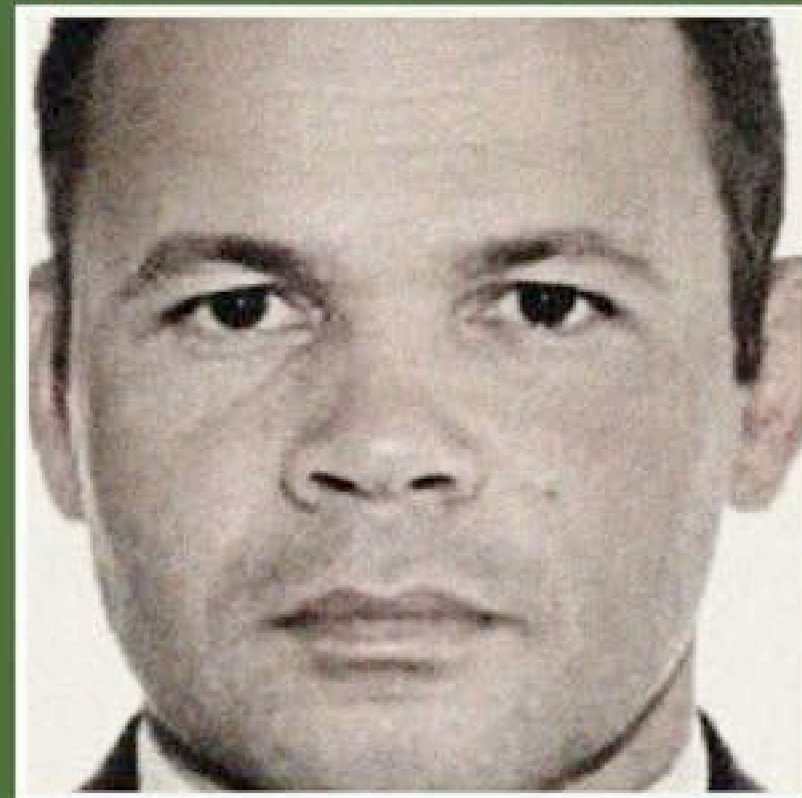
Assistente do comandante do Exército, tentou, sem sucesso, influenciar o chefe da força a aderir à trama golpista

Telegram @clubederevistas

gredos. Preso em maio de 2023, ele quebrou uma regra de ouro no meio militar ao decidir contar o que sabia. As informações que o delator repassou aos investigadores e os documentos oficiais que foram apreendidos podem definir o futuro do ex-presidente e de muitos de seus colegas de farda. Na quarta-feira 19, o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso, tirou o sigilo da delação. Assim que o teor da acusação foi divulgado, a defesa de Bolsonaro anunciou que pedirá a anulação do acordo de colaboração. O argumento é de que Cid foi pressionado e induzido a mentir, mudando ao longo de mais de dez depoimentos versões sobre episó-



PAULO FIGUEIREDO
O influenciador foi responsável por propagar ataques aos comandantes das Forças Armadas refratários à virada de mesa



RAFAEL DE OLIVEIRA
Kid preto, elaborou o planejamento de ações clandestinas que incluíam assassinar Alexandre de Moraes e recebeu dinheiro para a empreitada

Telegram @clubederevistas

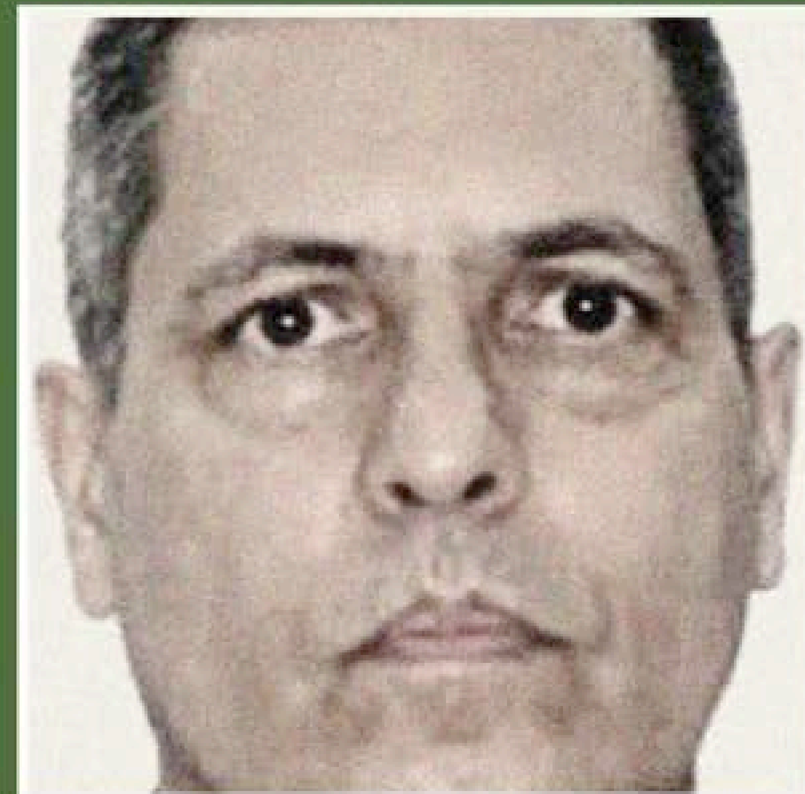


JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

NO PLANALTO Heleno: general elaborou hipóteses para questionar eleição



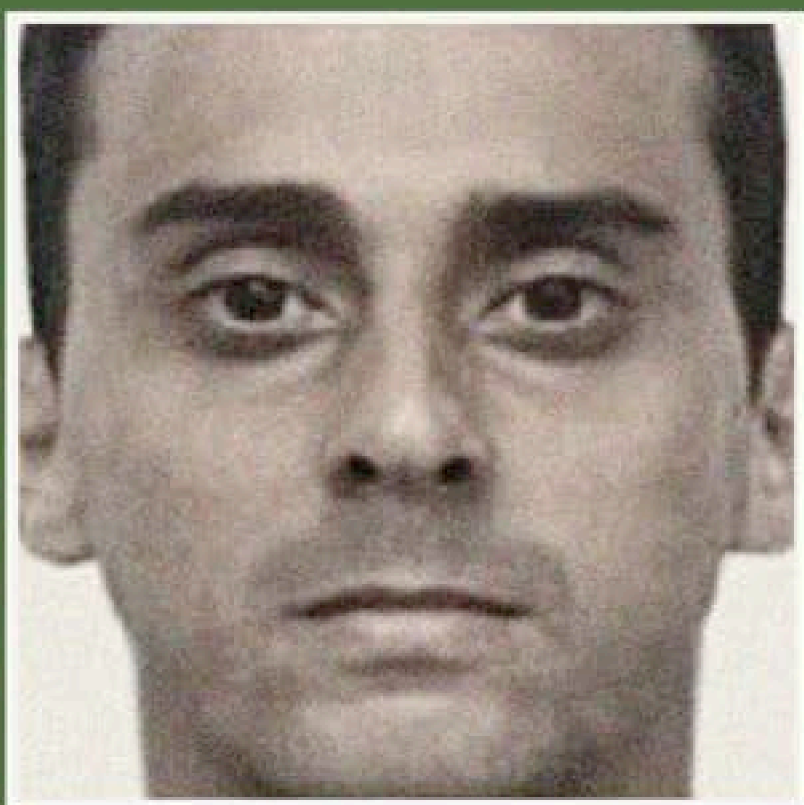
RONALD FERREIRA
Lotado no setor de comunicação do Exército, elaborou, revisou e colheu assinaturas de endosso ao conteúdo da carta que pregava o golpe



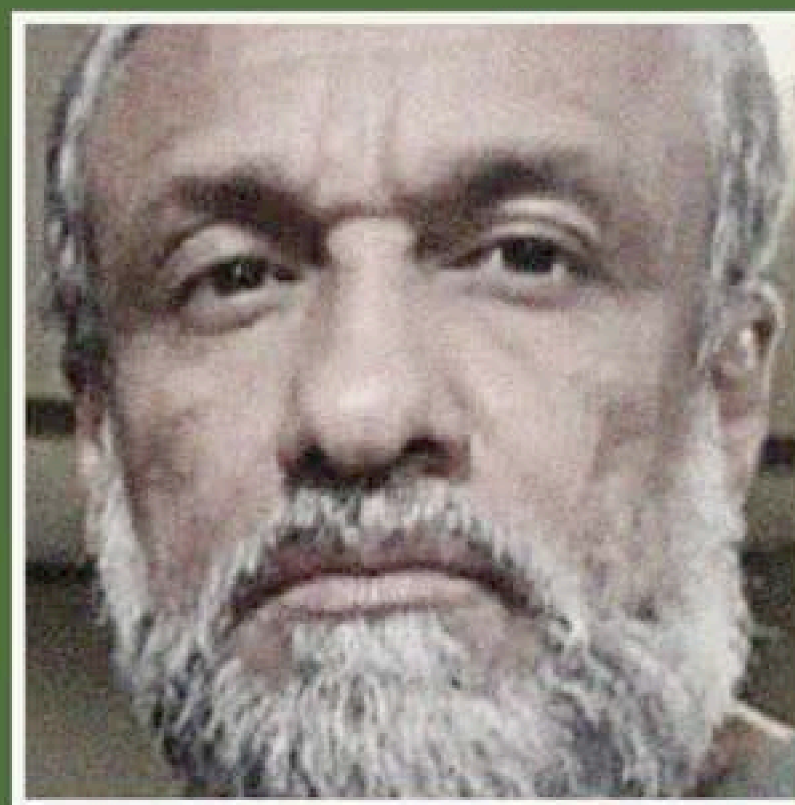
REGINALDO VIEIRA
O militar repassou informações sobre o deslocamento do ministro do STF Gilmar Mendes na época em que uma das minutas do golpe falava da prisão do ministro

Telegram @clubederevistas

dios importantes. Advogado de Braga Netto, o criminalista José Luis Oliveira Lima vem lembrando nos últimos dias áudios nos quais Mauro Cid diz a interlocutores que suas declarações na PF eram distorcidas para completar lacunas da investigação contra bolsonaristas — esses áudios foram revelados em uma reportagem de capa de VEJA no ano passado. A despeito da tentativa dos defensores de explorarem essa e outras supostas fragilidades da investigação e da denúncia, o conjunto de evidências contra o ex-presidente forma um cerco jurídico difícil de ser rompido. A batalha, porém, não será travada apenas no tribunal.



RODRIGO BEZERRA
Participou do grupo responsável por monitorar e conspirar para neutralizar o ministro Alexandre de Moraes



WLADIMIR SOARES
Agente da Polícia Federal, forneceu informações sobre a segurança de Lula para que fosse levado adiante o plano que previa o assassinato do presidente

Telegram @clubederevistas

Horas antes da apresentação da denúncia, Bolsonaro esteve no Congresso para um almoço com senadores aliados. No encontro, pediu que os parlamentares priorizem a aprovação do projeto que anistia os condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023 e defendeu que sejam feitas mudanças na Lei da Ficha Limpa, que, segundo ele, funcionaria como um instrumento para tirar políticos de direita da disputa eleitoral. Em tese, essas duas iniciativas legislativas, se aprovadas, podem reabilitar o capitão, devolvendo-lhe o direito de concorrer em 2026. “Olha para a minha cara. O que tu acha? Eu não tenho nenhuma preocupação com as acusações. Zero”, disse. No dia seguinte à visita aos senadores, ele bateu à porta de deputados aliados. Depois, os parlamentares organizaram um ato em que reclamaram de perseguição política e reforçaram os apelos pró-anistia. “O tempo todo isso de vamos prender Bolsonaro. Eu c... para prisão”, reafirmou.

Cada vez mais, as forças da direita devem se dividir entre a defesa do capitão e a busca por uma nova liderança capaz de disputar as eleições presidenciais de 2026. O nome favorito é o do governador paulista, Tarcísio de Freitas, que tem dito nos bastidores que só aceitaria a missão com o apoio de Bolsonaro — o ex-presidente, por sua vez, segue dizendo que vai registrar a candidatura em 2026, independente de qualquer coisa. Na pior das hipóteses, tentaria ficar em campanha mesmo na prisão, repetindo o que Lula fez em 2018. Nos meios políticos, há quase um consenso sobre dois fatos: que nenhum candidato de oposição pode prescindir do apoio do

Telegram @clubederevistas



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

CELERIDADE Moraes e Gonet: sentença pode ser conhecida ainda neste ano

ex-presidente e que a insistência de Bolsonaro em concorrer a qualquer custo representa hoje um tremendo problema.

O impacto da denúncia da PGR e do iminente julgamento no STF ainda é uma incógnita para a imagem de Bolsonaro. As ruas devem representar o primeiro teste. Antes da denúncia, já estava programada para 16 de março uma manifestação organizada pelo ex-presidente e seus aliados para atacar o governo Lula e pressionar pelo perdão aos vândalos do 8 de Janeiro. O capitão espera que Copacabana, no Rio de Janeiro, esteja lotada e sirva como uma demonstração de força. Aliados do ex-presidente espalham que uma eventual prisão dele ensejará uma reação ainda maior da claque bolsonarista, a ponto de descambar para algum tipo de convulsão social. A esperança de uma mobilização popular contundente ganhou tração com a divulgação de duas pesquisas de intenção de voto. O Datafolha registrou o

Telegram @clubederevistas

maior tombo na aprovação do atual presidente, que passou de 35% para 24%, o pior índice de todos os seus mandatos. Já um levantamento feito pelo Paraná Pesquisas apontou que, se a disputa fosse hoje, Bolsonaro seria o único candidato a superar o petista logo no primeiro turno — e, na segunda rodada, venceria, por 45% a 40%.

Esses dados só terão serventia se o capitão se livrar da inelegibilidade e da acusação de liderar a tentativa de golpe de Estado. Ele corre contra o tempo e quer pressa do Congresso. Na visita ao Senado, chegou a declarar que tem votos suficientes para aprovar a anistia. Sua demonstração de otimismo, no entanto, foi logo confrontada por uma declaração do presidente do Congresso, Davi Alcolumbre, dizendo que o tema não está na pauta. Ou seja: se depender do senador, a anistia não avançará. A declaração foi dada no mesmo dia em que o plenário da Casa aprovou um projeto, com aval do governo Lula, que autoriza o pagamento de emendas parlamentares de orçamentos anteriores, uma verba que pode chegar a 5 bilhões de reais. Sem apoio político, a denúncia apresentada pela PGR deixa Bolsonaro mais distante das urnas — e mais perto da cadeia.

Nesta fase, não é necessário que o procurador apresente provas cabais de cada suspeita — indícios são suficientes — e nos próximos quinze dias a defesa de cada um dos denunciados poderá contraditar as acusações no STF. Também devem começar as pressões das bancas para que o caso seja julgado no plenário do STF, com a participação dos onze

Telegram @clubederevistas



ANTONIO AUGUSTO/STF

EMBATE Colegiado do STF: pressão para que o julgamento seja realizado pelo plenário

ministros. Pelas regras atuais, o processo será apreciado pela Primeira Turma da Corte, colegiado formado por apenas cinco juízes. Para a defesa, uma decisão do plenário impõe mais legitimidade à sentença, seja ela qual for. Para alguns ministros, a mudança de procedimento fatalmente implicaria a necessidade de mais tempo para a conclusão do processo. O tribunal espera julgar o recebimento da acusação — fase em que os suspeitos se transformam em réus — o mais rápido possível, abrindo uma contagem regressiva para que uma decisão final possa ser conhecida ainda neste ano, antes das eleições presidenciais de 2026. Ao falar sobre o assunto, Luís Roberto Barroso, presidente do STF, afirmou que o caso será analisado com seriedade e imparcialidade, independentemente de pressões políticas. Após ter vindo à luz a contundente denúncia da PGR, é exatamente o que o Brasil inteiro espera: que se faça justiça. ■



Telegram @clubederevistas

CRISTOVAM BUARQUE

A MIOPIA NOSTÁLGICA DA ESQUERDA

Os partidos e políticos de direita entendem melhor, hoje, o eleitor

A ESQUERDA cresceu eleitoralmente por defender a distribuição dos benefícios da economia e ampliar os direitos sociais, durante a era de abundância propiciada pelo aumento da produtividade, graças aos avanços da tecnologia. Não estava preparada, porém, para o despontar de novos produtos, como os aplicativos de mobilidade, que mudaram as relações de trabalho. Não se preparou para a substituição da abundância pela compulsória necessidade de limites, ecológicos, sobretudo, porque o aumento no consumo provoca danos climáticos. Não sabe o que fazer com o tamanho do Estado, esgotado fiscal, gerencial e moralmente, atalho para corrupção e privilégios. Perdeu-se diante do dilema entre a soberania nacional e a globalização nas cadeias de produção e finanças. Não estava pronta para enfrentar o planeta movido a individualismo. Brotaram ainda limites na urbanização diante da violência e da imigração; e houve a ampliação dos direitos de minorias que se chocam com valores éticos tradicionais. A esquerda, enfim, vem sendo derrotada eleitoralmente, agora, por ter se esgotado como portadora de utopia.

Telegram @clubederevistas

A esquerda da era da opulência não preparou novas bandeiras para esse tempo de limites, e não consegue concorrer com a direita, cuja coerência está na defesa da manutenção dos privilégios econômicos já conquistados e não mais distribuíveis para todos. Na era da escassez, chamemos assim, a esquerda deixou de ser atraente e a direita é mais confiável. Restaria uma alternativa à esquerda, ao menos do ponto de vista educacional: a proposta de distribuição igualitária do acesso ao conhecimento, com a defesa de um Sistema Único Público (não necessariamente estatal) para a Educação de Base. Essa utopia requer estratégia de acordo com os recursos fiscais disponíveis, mas não sofre limites ecológicos e distribui sem tomar. Ela não é defendida pelos políticos e partidos de esquerda porque eles são prisioneiros de visões antigas. Não entenderam o papel capital do conhecimento como o vetor do

“O cidadão já não acredita em um bom sistema público. Quer os filhos em escolas sem greves”

Telegram @clubederevistas

progresso, nem a educação como o vetor da distribuição. Não entenderam que no lugar da luta de classes temos uma luta de cabeças; também porque seus compromissos são presos aos sindicatos de trabalhadores na burocracia educacional cujos interesses se chocam com a qualidade e a equidade na educação. Por isso, no lugar de defender um sistema educacional, os governos de esquerda comemoram pequenos ajustes e mais recursos financeiros sem ambição de qualidade ou equidade.

O futuro da esquerda parece ser cada vez mais complicado, de obstáculos intransponíveis. A direita, sintonizada com o eleitor individualista e desconfiado do Estado, oferece a proposta de educação de qualidade com equidade por meio da privatização das escolas, graças a uma bolsa, um "voucher", a cada família para que possa pagar as mensalidades. Essa proposta promoverá corrupção, não trará a qualidade necessária, ainda menos equilíbrio, mas soará como bandeira sedutora para o eleitor cansado da mesmice das esquerdas e da deficiência dos quase 6 000 frágeis sistemas públicos municipais. Por causa dos equívocos de governos e da miopia nostálgica das esquerdas, o cidadão já não acredita em um bom sistema público, decepcionado. Ele quer poder ter seus filhos matriculados em escolas privadas, sem greves. ■

Telegram @clubederevistas

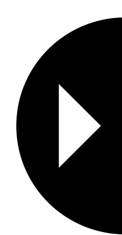
O DURO RECADO DAS RUAS

Queda expressiva da popularidade do presidente atinge segmentos tradicionalmente fiéis, acende alerta entre aliados e alimenta dúvidas sobre 2026

RAMIRO BRITES E **LAÍSA DALL'AGNOL**



ESFORÇO Lula: nova propaganda tem o desafio de recuperar eleitores perdidos



RICARDO STUCKERT/PR

Telegram @clubederevistas

UMA SEQUÊNCIA de números preocupantes ligou de forma definitiva o sinal de alerta no Palácio do Planalto. A falta de paciência dos eleitores com o desempenho de Luiz Inácio Lula da Silva foi exposta em uma série de levantamentos nas últimas semanas, que convergiram na mesma direção: pela primeira vez, a reprovação do governo foi maior que a aprovação. A sondagem mais recente, divulgada pelo Paraná Pesquisas, na quarta-feira 19, mostra que 55% dos brasileiros rejeitam Lula, enquanto 42% o aprovam. Em relação ao desempenho, 45% dos entrevistados avaliam hoje sua gestão como "ruim" ou "péssima" — 28,8% a consideram "boa" ou "ótima" e 25% apontam o governo como "regular".

É verdade que períodos de baixa na popularidade podem ocorrer durante um mandato presidencial. Todos os ocupantes do Palácio do Planalto desde a redemocratização passaram por oscilações na avaliação, sobretudo em momentos de turbulência econômica. É o caso de José Sarney (MDB), que terminou o mandato, marcado pela inflação galopante, com 9% de aprovação. Fernando Henrique Cardoso (PSDB), no primeiro ano de seu segundo mandato, viu sua popularidade chegar a 13%. O cenário atual enfrentado por Lula, no entanto, tem agravantes que podem tornar mais desafiador o esforço de recuperação de imagem. Além da falta de marcas importantes da atual gestão, a situação econômica do país, com inflação ameaçando sair do controle, contribui para a avaliação ruim do governo. "Quem vai no mercado tem a percepção de que tudo

Telegram @clubederevistas

está mais caro, e isso sempre foi um fator determinante na popularidade de um presidente", afirma o cientista político Elias Tavares. "As pessoas esperavam que ele entregasse resultados como em seus primeiros mandatos."

Aos poucos, como mostram as pesquisas, até a base mais fiel ao petista começou a vê-lo com desconfiança. Le-

REPROVAÇÃO EM ALTA

Os números da avaliação do presidente em pesquisas recentes

QUAEST

Coleta de dados: 23 a 26 de janeiro
Margem de erro: 1 ponto percentual

DESAPROVA



49%

APROVA



47%

ATLAS

Coleta de dados: 27 e 31 de janeiro
Margem de erro: 2 pontos percentuais

DESAPROVA



51,4%

APROVA



45,9%

Telegram @clubederevistas

vantamento do Datafolha divulgado no último dia 14 mostra que, entre dezembro e janeiro, a popularidade do presidente desabou 20 pontos percentuais entre seus eleitores tradicionais. Era de 66% a taxa de aprovação de Lula entre as pessoas que haviam votado nele. Agora, esse número caiu para 46%. A debandada se verifica em cidadãos de

DATAFOLHA

Coleta de dados: 10 e 11 de fevereiro
Margem de erro: 2 pontos percentuais

RUIM/PÉSSIMO


41%

REGULAR


32%

ÓTIMO/BOM


24%

PARANÁ PESQUISAS

Coleta de dados: 13 a 16 de fevereiro
Margem de erro: 2,2 pontos percentuais

DESAPROVA


55%

APROVA


42%

Telegram @clubederevistas

baixa renda, nordestinos e jovens, segmentos em que o petista sempre teve votação expressiva, mas que se mostram desiludidos com a atual gestão e veem um governo incapaz de entregar a prosperidade que havia prometido na campanha. Se não bastasse, a gestão parece aos olhos de muitos mais distante de quem sempre votou na sigla. "O PT hoje não é mais dos trabalhadores", diz o barbeiro Weser Costa, de 43 anos, morador da Zona Sul de São Paulo, um tradicional reduto do partido na maior metrópole do país. Filho de um pastor petista, ele faz parte de um raro grupo de evangélicos de esquerda, mas perdeu a convicção que sempre teve de votar no partido.

Para além das questões ideológicas, o que pesa mais no momento mesmo para a perda da popularidade do presidente é a inflação de produtos essenciais no bolso dos brasileiros. "A dúzia de ovos está 20 reais. Nunca vi isso", reclama o baiano Nilvan Queiroz, de 70 anos, dono de um restaurante no centro da cidade de São Paulo. Aos 17 anos, ele saiu de Ibotirama (BA), às margens do Rio São Francisco, para buscar uma vida melhor na cidade grande — e conseguiu. Na capital paulista, o empresário trabalhou como garçom em pizzaria e chegou a ter três lanchonetes, mas fechou duas na pandemia. Os relatos do irmão, que ficou na Bahia, sobre os primeiros governos petistas o fizeram votar em Lula nas últimas eleições. No entanto, o preço exorbitante dos alimentos e a falta de segurança, que o força a fechar seu estabelecimento mais cedo às

Telegram @clubederevistas



CLAUDIO GATTI

DESILUSÃO

Mãe de dois filhos, a jovem beneficiária do Bolsa Família votou em Lula, em 2022. Sem antena em casa, ela não assiste à TV nem ouve rádio. Usa o celular para se informar e foi ali que escutou durante a campanha eleitoral que, se o petista fosse eleito, teria picanha na mesa. A promessa não foi cumprida e custou a confiança da eleitora.

Sabrina Umbelino, 23 anos, moradora de Cidade Tiradentes, bairro na Zona Leste de São Paulo, tradicional reduto petista

Telegram @clubederevistas

quintas, sextas e sábados, e não abrir aos domingos, deixaram Queiroz arrependido do voto.

Lula também perdeu o apoio entre os mais jovens. A dona de casa Sabrina Umbelino, de 23 anos, é de Cidade Tiradentes, bairro no extremo leste paulistano, região onde o petista venceu na eleição presidencial de 2022. Na primeira vez que ela foi às urnas escolher um presidente, optou pelo petista. Sabrina é beneficiária do Bolsa Família e vive com os dois filhos, além do marido, que recebe um salário mínimo. Mas o auxílio não é o suficiente para voltar a acreditar em Lula. Da tela do celular ela viu promessas eleitorais sobre o pobre poder comer picanha, mas nunca conseguiu levar a peça nobre para a sua mesa. "A gente não consegue comprar um quilo", reclama.

O desgaste nessa base mais fiel de eleitores tem reflexos diretos no meio político. A consequência direta disso é o aumento do cacife para parlamentares e partidos barganharem o apoio ao presidente em uma gestão que sempre sofreu para garantir a governabilidade. Lula já ofereceu ministérios a partidos com grandes bancadas, mas não conseguiu a garantia de alinhamento total dessa turma com o Palácio do Planalto. São os casos do PSD, de Gilberto Kassab, e do Republicanos, de Marcos Pereira. Na esteira da queda de popularidade de Lula, ambos os caciques aproveitaram o momento para alfinetar publicamente o petista. O presidente do Republicanos disse que Lula comanda um "governo sem rumo". Já o líder do PSD, conhe-

Telegram @clubederevistas



CLAUDIO GATTI

INFLAÇÃO

A elevação dos preços dos alimentos aumentou os custos de produção do proprietário de um restaurante próximo ao Vale do Anhangabaú, no Centro Histórico de São Paulo. Aos produtos caros soma-se a insegurança do local, e ele se vê em um cenário com poucos clientes. As dificuldades resultaram em arrependimento no voto em Lula.

Nilvan Queiroz, 70, empresário na região central de São Paulo, se diz decepcionado com o governo

Telegram @clubederevistas

cido no meio político como alguém que faz projeções certeiras, afirmou, no fim de janeiro, que, se as eleições fossem naquele momento, Lula seria derrotado. Na mesma ocasião, Kassab também criticou a condução de Fernando Haddad na economia, chamando-o de "fraco".

Integrantes do governo reconhecem o tamanho do problema, mas ainda mantêm o otimismo com a possibilidade de uma guinada. Existe a crença de que grande parte dos problemas reside na incapacidade de comunicar aos eleitores as boas iniciativas da gestão. Recrutado para mudar essa percepção, o marqueteiro Sidônio Palmeira, novo chefe da Secretaria de Comunicação Social, tem o diagnóstico de que a real avaliação sobre o governo é "muito menos negativa" do que mostram as pesquisas. Essa crença, no entanto, vem sendo desmentida a cada novo levantamento.

No campo político, a iminente reforma ministerial será uma tentativa de fortalecer apoios entre os partidos do Centrão. Para Lula, a missão é retomar viagens pelo país, o que ele já vem fazendo. "Ninguém se conecta com o povo como o Lula", diz Marco Aurélio de Carvalho, líder do Prerrogativas, grupo de juristas ligados ao PT. A situação atual mostra que esse laço histórico começou a se enfraquecer. O desafio na segunda metade do governo é se reaproximar dessa base mais fiel e reconquistar a confiança de segmentos para além da bolha da esquerda, como parte da classe média urbana. Será uma verdadeira corrida contra o tempo. ■



Telegram @clubederevistas

MURILLO DE ARAGÃO

UM MUNDO SEM MULTILATERALISMO

Nova era diplomática abre espaço para uma geopolítica mais volátil

A REUNIÃO EM RIAD pode representar um marco nas negociações para o fim da guerra na Ucrânia, mas também revela uma tendência preocupante na geopolítica contemporânea: o enfraquecimento do multilateralismo. O fato de Estados Unidos e Rússia conduzirem tratativas diretas, sem a participação ativa da Europa e da Ucrânia, sinaliza uma volta a práticas diplomáticas do início do século XX, quando grandes potências definiam os rumos globais em negociações fechadas, muitas vezes ignorando os interesses dos países diretamente afetados.

Essa abordagem, embora possa agilizar certos acordos, acarreta riscos significativos. A exclusão de aliados e parceiros estratégicos pode levar a ressentimentos e instabilidade, minando a credibilidade de qualquer tratado alcançado. No caso europeu, o distanciamento das negociações reforça a percepção de que sua influência global está em declínio, o que pode gerar maior fragmentação interna e levar ao fortalecimento de movimentos na-

Telegram @clubederevistas

cionalistas que questionam o papel da União Europeia na arena internacional.

Além disso, o abandono do multilateralismo enfraquece a arquitetura de segurança coletiva construída ao longo das últimas décadas. Organismos como a ONU, a Otan e até mesmo o G7 perdem relevância quando decisões cruciais são tomadas em negociações bilaterais. Isso abre espaço para uma geopolítica mais volátil, em que acordos são feitos e desfeitos ao sabor de interesses imediatos, sem a construção de um consenso duradouro entre múltiplos atores.

Resta saber se temas sensíveis, como as relações entre Rússia e Irã e a cooperação militar com a Coreia do Norte, farão parte do pacote negociado para encerrar a invasão da Ucrânia. Se Moscou continuar fornecendo tecnologia militar a esses dois países, amplamente considerados focos de instabilidade global, o acordo pode enfrentar sérios obstáculos. Para os Es-

“Há sinais de que voltamos a práticas do século XX, quando grandes potências definiam os rumos globais”

Telegram @clubederevistas

tados Unidos e seus aliados, permitir que a Rússia mantenha essas parcerias estratégicas enquanto obtém concessões no front ucraniano seria uma contradição difícil de justificar.

O cenário atual guarda inquietantes semelhanças com os primeiros momentos da Segunda Guerra Mundial, quando as potências ocidentais acreditaram que poderiam conter a escalada do conflito por meio de concessões pontuais. O caso mais emblemático foi o abandono da Tchecoslováquia no Acordo de Munique, em 1938, quando França e Reino Unido permitiram que Hitler anexasse os Sudetos sob a ilusão de que sua fome expansionista seria rapidamente saciada. A história, no entanto, mostrou que ceder sem garantias sólidas apenas adiou e agravou um conflito inevitável.

Agora, o desafio é garantir que as concessões não sejam vistas como um incentivo à continuidade da política de confrontação russa, mas, sim, como um caminho real para a estabilização da ordem global. Por fim, a falta de um compromisso amplo e transparente pode tornar o próprio acordo instável. Se Ucrânia e Europa não forem plenamente envolvidas no processo, há o risco de que rejeitem os termos ou se sintam forçadas a aceitá-los sem real comprometimento, o que pode gerar novas tensões no médio prazo. Além disso, se os Estados Unidos abandonarem o multilateralismo como princípio, outros países poderão seguir o mesmo caminho, consolidando uma ordem mundial onde a força e os interesses individuais predominam sobre a cooperação e a busca de soluções conjuntas. ■

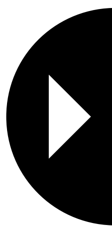
Telegram @clubederevistas

PRESSÃO TOTAL

Forças políticas e interesses regionais engrossam a campanha de Lula pela licença para exploração de petróleo na Margem Equatorial **BRUNO CANIATO** E **ISABELLA ALONSO PANHO**



OURO NEGRO Guiana: maior crescimento do PIB no mundo com os lucros obtidos na costa amazônica



SHUTTERSTOCK

DURANTE VISITA ao estado do Amapá, na semana passada, o presidente Lula elevou a pressão sobre o Ibama para a liberação das licenças necessárias ao início do trabalho de pesquisa e avaliação sobre o potencial de exploração de petróleo na região da Margem Equatorial, a 160 quilômetros do litoral do estado e a 500 da foz do Rio Amazonas. "É isso que queremos. Se depois vamos explorar, é outra discussão. O que não dá é ficar nesse lenga-lenga", disse ele, referindo-se à atuação do órgão de barrar ou exigir especificações técnicas que têm atrasado os planos do governo. Ainda que se possa considerar que não foi a expressão mais apropriada, Lula estava correto na cobrança: está mesmo mais do que na hora de encontrar uma solução para o caso, que envolve, por ora, apenas a liberação de licença para realizar pesquisas. Nos capítulos mais recentes da novela, após a negativa do Ibama, a Petrobras apresentou estudos complementares para tentar destravar o processo. Segundo rumores que circulam nos bastidores, a companhia estaria disposta até a construir um centro de despetrolização com o objetivo de agilizar a licença. Presente ao mesmo evento em que Lula reclamou do lenga-lenga, a presidente da empresa, Magda Chambriard, garantiu que a Petrobras tem estrutura para fazer "tudo de forma extremamente segura".

Para justificar a empreitada, o governo federal costuma apontar para os vizinhos sul-americanos que já começaram a perfurar a região e colher as bonanças do petróleo. Impulsionada pelos lucros da commodity, a Guiana registrou a alta estratosférica de 43% do PIB em 2024 e liderou o ranking global de cresci-

Telegram @clubederevistas



PARCERIA O presidente e Davi Alcolumbre: aliança para acelerar o projeto

mento, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) — a Petrobras aposta que as águas brasileiras são contempladas com a mesma riqueza e está disposta a desembolsar 3 bilhões de dólares até 2029 para abrir quinze poços ao longo da Margem Equatorial, que se estende por 2 200 quilômetros entre o Amapá e o Rio Grande do Norte. Apenas na Foz do Amazonas, uma das cinco bacias da região, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) estima que seja possível extrair entre 6,2 e 10 bilhões de barris de petróleo. "O governo tem a oportunidade de levar o Estado e a indústria às áreas da floresta hoje dominadas por grupos ilegais de garimpo, grilagem e extração madeireira", avalia Edmar Almeida, professor do Instituto de Energia da PUC-Rio.

Telegram @clubederevistas

Devido ao aumento da pressão política, a exploração parece inevitável. No recente discurso no Amapá, ficou clara a aliança entre Lula e Davi Alcolumbre em torno do assunto. “Não venha cantar de galo sobre a nossa capacidade de preservar”, afirmou o presidente do Senado, durante discurso feito ao lado do presidente. Alcolumbre, que construiu a carreira no Amapá e mantém por lá sua principal base, é hoje a voz de maior peso a favor do negócio, mas não é a única. O interesse do Planalto na exploração também é endossado por outros políticos da Região Norte, que veem a oportunidade de injetar dinheiro em suas bases eleitorais. Um dos que ajudam a engrossar o coro de Lula pró-liberação, em Brasília, é o ministro da Integração e Desenvolvimento Regional, Waldez Goés (PDT). Ex-governador amapaense, ele é o encarregado de direcionar os esforços federais para desenvolver a infraestrutura estadual, investir na cadeia produtiva e capacitar a população local para receber o colossal projeto petrolífero em estudo. “Ninguém pode apontar o dedo para o Amapá por faltar com a proteção ambiental. A Margem Equatorial vai resguardar a suficiência e a transição energética do Brasil, e o Amapá está sendo preparado para contribuir e receber sua parte”, afirma Góes.

Aliados no Legislativo estadual, como os deputados pedetistas Delegado Inácio e Jesus Pontes, atuam na articulação política do plano e afirmam que o apoio à extração é ponto de consenso na região. “Não é fácil viver em um dos estados mais pobres do Brasil, e essa bandeira une todos que desejam o desenvolvimento econômico da Amazônia”, diz Pontes. Um dos

Telegram @clubederevistas

NOVELA AMBIENTAL

O cabo de guerra entre o governo, políticos e entidades ambientais por causa do petróleo na Margem Equatorial já dura uma década

ABRIL DE 2014

Arrematante dos direitos de explorar petróleo na Foz do Amazonas, na altura do estado do Amapá, a empresa BP Energy do Brasil faz o primeiro pedido de licenciamento ao Ibama para fazer perfurações na FZA-M-59

ABRIL DE 2018

O MPF recomenda ao Ibama vetar a exploração de petróleo na Foz do Amazonas por outra empresa que detinha participações nos direitos sobre o local, a Total E&P do Brasil. O argumento foi que a atividade econômica poderia destruir a flora amazônica oceânica e configurar crime ambiental

ABRIL DE 2021

Após um acordo que passou seis meses sendo costurado, a Petrobras assumiu os direitos que eram da BP Energy. A empresa estrangeira já estava com dificuldades de conseguir as licenças ambientais

Telegram @clubederevistas

MAIO DE 2023

O Ibama nega as licenças solicitadas pela Petrobras para perfurar o subsolo da Margem Equatorial alegando falta de estudos ambientais. O episódio motiva a desfiliação do senador Randolfe Rodrigues da Rede e aumenta a pressão sobre a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que disse que respeitaria a decisão do Ibama

OUTUBRO DE 2024

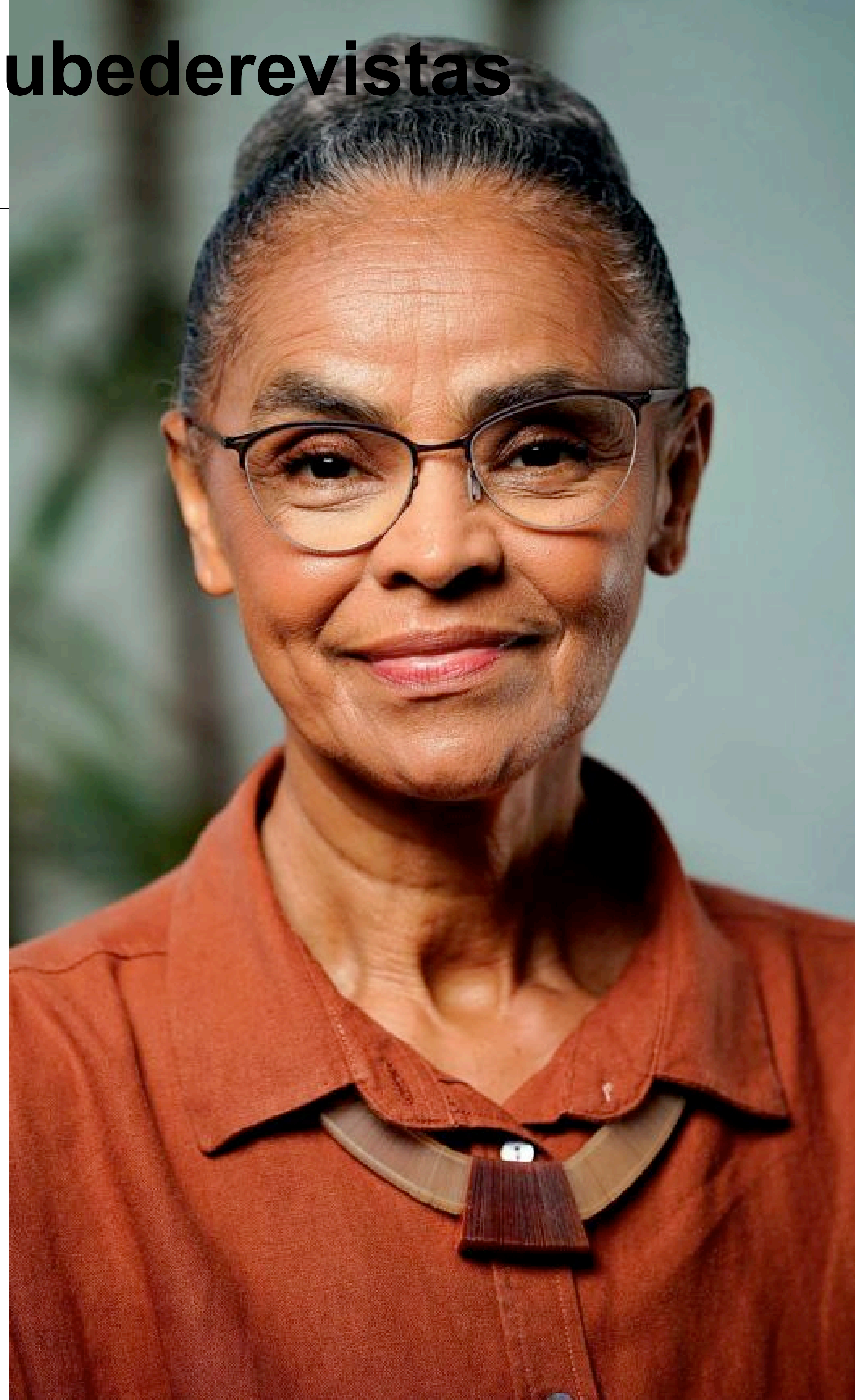
Novamente, o Ibama não concede a licença para a Petrobras explorar petróleo na região da FZA-M-59. Porém o órgão não arquiva a solicitação e pede à estatal mais documentos

FEVEREIRO DE 2025

Ao lado de Alcolumbre, Lula pressiona. Diz que o Ibama estava fazendo um "lenga-lenga" e que a entidade trabalhava "contra" o Brasil, e que Marina "jamais" seria contra as pesquisas na Margem Equatorial. O presidente da Petrobras acena ao petista, dizendo que a empresa fará uma exploração "segura" caso consiga a licença

Telegram @clubederevistas

maiores avalistas da exploração na costa amazônica é o senador Randolfe Rodrigues (PT), que deixou a Rede Sustentabilidade em maio de 2023, após decisão do Ibama contrária à liberação da pesquisa na Margem Equatorial. O Ibama é subordinado ao Ministério do Meio Ambiente, chefiado por Marina Silva, principal nome da Rede. Os outros dois senadores do estado levantam a mesma bandeira de Randolfe. "Somos escravos ambientais. Nós preservamos tudo e nos compensaram em quê? Somos o estado mais preservado do mundo, mas temos a população mais pobre do Brasil", afirma o senador Lucas Barreto (PSD). Ele cita que o Amapá, com 73% do seu território preservado, em 2023 tinha 57% da população do estado inscrita para receber benefícios sociais.


ROGÉRIO CASSIMIRO/MMA

HISTÓRICO Marina: polêmica sobre a construção de Belo Monte provocou a saída dela do PT no passado

O desfecho do caso, com a possível autorização à exploração, deve ter um impacto na área ambiental do governo, a começar pelo Ibama. Nas últimas semanas, aumentaram rumores sobre a substituição de Rodrigo Agostinho na presidência do Ibama. O próprio partido do presidente vem alimentando o

Telegram @clubederevistas

fogo da fritura. "Técnico nunca pode estar acima do interesse público. O interesse público é do país, que tem as suas riquezas e quer ter acesso a elas", afirmou em uma entrevista recente Rogério Carvalho, líder do PT no Senado. Cada vez mais, os argumentos do Ibama de que só é possível avançar no processo com 100% de segurança parecem uma resistência ideológica alinhada com especialistas e correntes ambientalistas mais radicais. Entre eles, o "não" à investida é praticamente unânime. "Não devemos continuar explorando nem o que já está em exploração. Se não zerarmos o saldo de emissões até 2040, estaremos no caminho do ecossuicídio", defende o renomado cientista Carlos Nobre. Como contraponto a esse tipo de crítica, o governo federal diz que colocará em prática um projeto que irá acelerar a transição energética do Brasil com os recursos da nova fronteira de exploração petrolífera. A direção da Petrobras, por sua vez, tem lembrado nos debates o sólido histórico da companhia de expertise em prospecção em águas profundas, sem registros de acidentes mais graves.

O estágio atual da pressão do governo federal sobre o Ibama provoca um evidente desconforto em Marina Silva, a ministra do Meio Ambiente, que sempre foi contrária à exploração. Nos últimos tempos, no entanto, ela tem evitado o tema. Limita-se a dizer que o debate sobre a licença é uma questão que precisa ser resolvida no campo técnico. Apesar disso, o constrangimento público agora é evidente, como ocorreu no último dia 14, no evento do anúncio das verbas para a COP30. Na ocasião, Lula disse que a ministra "jamais

Telegram @clubederevistas



TON MOLINA/FOTOARENA

FOGUEIRA Agostinho: rumores sobre possível saída do presidente do Ibama

seria contra", porque "é uma pessoa inteligente", e que ia "mostrar para a companheira Marina que é plenamente possível fazer a prospecção de petróleo". Já a ministra discursou enfatizando a importância da transição energética.

Saias justas semelhantes tendem a se repetir, pois parcelas do PT resolveram mirar suas baterias contra ela. "A ministra tem atentado contra os interesses nacionais", afirma Washington Quaquá, integrante da Executiva Nacional do partido. A situação parece um *déjà-vu* de 2008, quando, no segundo mandato de Lula, Marina colocou o cargo à disposição por causa da construção de hidrelétricas de grande porte na região da Amazônia, entre elas a de Belo Monte. No ano seguinte, desfiliou-se do PT, pondo fim a um vínculo de 24 anos com a sigla. A repetição desse enredo teria um custo político imenso para o governo, que sediará a COP30 na Amazônia neste ano. Lula vem deixando claro que aceita assumir esse risco em nome dos benefícios da exploração dessa nova fronteira do petróleo. ■





Onde inteligência, economia e sustentabilidade se encontram.

No Brasil, existem mais de 500 comercializadoras de energia. **Mas só a Safira une inteligência, inovação e sustentabilidade para oferecer uma experiência única.**

Somos um hub de energia e inovação, feito para transformar a forma como sua empresa consome e economiza energia.

Com nossos Watts Inteligentes, que somam décadas de expertise, **oferecemos soluções completas para você no Mercado Livre de Energia e energia solar descomplicada.**

Sua conta de luz fica mais barata, com energia renovável e sem complicações.

0800 072 3472
@safira.energia
/safiraenergia
safiraenergia.com.br



Escaneie o QR Code e saiba mais.

Telegram @clubederevistas

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

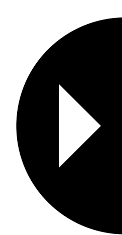


CANETA O ministro: decisões recentes bloqueando nomeações para o TCE-MA são vistas como retaliação a antigo aliado

SUPREMA INFLUÊNCIA

Esquenta a briga no Maranhão entre o governador e o grupo de Flávio Dino — mesmo no STF, ele ainda é uma força muito presente na política local

VALMAR HUPSEL FILHO



Telegram @clubederevistas

TON MOLINA/FOTOARENA



VOO PRÓPRIO Carlos Brandão: predileção por ocupar espaço do antecessor com indicação de parentes a postos-chave

ATÉ 2015, o Maranhão era terra da família Sarney. A hegemonia do clã foi desbancada pela ascensão de Flávio Dino, que governou o estado por dois mandatos. Na campanha eleitoral de 2022, deixou o cargo para concorrer ao senado (acabou sendo vitorioso), e o vice Carlos Brandão (PSB), que assumiu em seu lugar, venceu no mesmo ano o pleito estadual, sempre com

Telegram @clubederevistas

apoio de Dino. Mesmo depois de ocupar uma cadeira no Supremo Tribunal Federal, ele continua sendo uma força presente na política local, que vive agora um clima de conflito devido ao racha entre os dois ex-aliados. Os apoiadores do ministro, os "dinistas", vivem agora em pé de guerra com os aliados do governador, os "brandonistas". A cisão tem causado reflexos nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além do Tribunal de Contas, e podem influenciar na eleição de 2026 no estado.

Novos capítulos ocorridos na semana passada elevaram o tom da cizânia. Com uma canetada no STF, Dino suspendeu o processo de escolha de um membro do Tribunal de Contas do Estado por considerar que faltavam clareza e regras "constitucionais, seguras e estáveis". Quem pleiteia a vaga é um advogado indicado por Brandão. Foi a segunda vez que o ministro suspendeu a mesma indicação. Em março de 2024, ele concedeu liminar para suspender o processo e, desde então, a vaga não foi preenchida. Antes disso, o mesmo advogado havia sido indicado por Brandão para uma vaga de desembargador. Desta vez, no entanto, o veto foi do próprio TJ do Maranhão.

Aliados de Brandão veem influência de Dino em outras decisões de ministros do Supremo, como Alexandre de Moraes e Dias Toffoli, sobre processos no Maranhão. Em dezembro passado, Dias Toffoli suspendeu regra que estabelecia foro privilegiado para diretores da Assembleia Legislativa do estado — prerrogativa que beneficiava o irmão do governador, Marcus Brandão. No mesmo mês, Moraes suspendeu a nomeação de Marcus para o cargo de diretor de Relações Institucionais da

Telegram @clubederevistas

Assembleia. Dias depois da decisão, o governador nomeou o irmão como secretário extraordinário de Assuntos Legislativos do estado. E Moraes deu nova decisão proibindo a nomeação de Marcus para cargo público em qualquer um dos Três Poderes do estado, sob o argumento de que se trata de nepotismo cruzado. Todos os processos têm algo em comum: foram movidos pelo Solidariedade, que utilizou sua prerrogativa constitucional de encaminhar os temas diretamente ao STF. No estado, a legenda é presidida por Flávia Alves, irmã do deputado estadual Othelino Neto, que lidera a oposição ao governo na Assembleia. Othelino é casado com Ana Paula Lobato, senadora que herdou o mandato quando Dino foi para o Supremo.


TON MOLINA/FOTOARENA

VETO Alexandre de Moraes: liminar em 2024 barrou nomeações sob argumento de nepotismo cruzado

O ministro e o governador eram aliados antigos. Formaram a mesma chapa em 2014, quando Dino foi eleito governador e Brandão, vice. O racha entre os dois grupos, relatam aliados de ambos os lados, começou a partir do segundo mandato. Os “dinistas” dizem que o ministro rompeu com o antigo afilhado depois que ele teria iniciado um desmonte de políticas públicas de seu governo. “Brandão não cumpriu acordos”, diz o deputado Othelino Neto (Solidariedade). Além

Telegram @clubederevistas

disso, acusam o governador de fazer uma série de nomeações de parentes para cargos estratégicos no Executivo estadual, no que chamam de uma reedição do *modus operandi* adotado pela família Sarney. Os adversários mapearam ao menos quinze nomeações de parentes na gestão de Brandão — parte delas foi suspensa por decisão de Moraes.

Já os brandonistas afirmam que Dino quer manter a influência sobre o governo do Maranhão e tem se incomodado com a substituição de seus aliados em cargos relevantes do Executivo estadual. "Dino não quer que Brandão tenha voo próprio", afirma o deputado Dr. Yglésio (PRTB). No âmbito da Justiça local, o governador tem ampliado seu poder na corte que julga as contas do Poder Executivo. O atual presidente do TCE-MA é Daniel Brandão, sobrinho do governador. Ele poderá indicar outros três nomes para a corte — todas as vagas foram abertas após antecipação de aposentadoria dos titulares. Em oito anos, Dino indicou apenas um conselheiro.

O racha tem potencial de influenciar a eleição em 2026. Pelo acordo firmado quando "dinistas" e "brandonistas" andavam de mãos dadas, o governador deixaria o cargo em abril do ano que vem para concorrer ao Senado, num movimento semelhante ao que Dino fez em 2022. Assim, o vice, Felipe Camarão (PT), que é ligado a Dino e do mesmo partido do presidente Lula, assumiria no lugar e tentaria a reeleição. Brandão, no entanto, já dá sinais de que pretende ficar no cargo até o final do ano, o que dificultaria os planos do vice. Tudo indica que a briga no Maranhão só está começando. ■

Telegram @clubederevistas

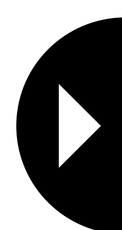
COACH PROBLEMÁTICO

Prestes a ser julgado e possivelmente condenado pelo CNJ, o ex-juiz da Lava-Jato no Rio, Marcelo Bretas, tenta levar a vida como professor de direito pela internet

LUCAS MATHIAS


INSTAGRAM @MCBRETAS

NOVA CARREIRA Bretas: venda de lições on-line enquanto aguarda veredicto



Telegram @clubederevistas

O ANTES todo-poderoso juiz da Operação Lava-Jato no Rio de Janeiro, Marcelo Bretas, está há dois anos afastado da 7ª Vara Criminal da Justiça Federal. Enquanto empunhou o martelo, ele julgou e condenou empresários, políticos e funcionários públicos, suspeitos de manter esquemas de corrupção e desvio de dinheiro. Um dos principais nomes da lista foi o do ex-governador Sérgio Cabral, condenado a mais de 400 anos de cadeia (hoje ele cumpre prisão domiciliar). Contudo, Bretas foi retirado provisoriamente do cargo, depois que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) recebeu denúncias de que o magistrado repetia, na sucursal fluminense da operação, *modus operandi* semelhante ao da matriz em Curitiba: o constrangimento de réus para que assinassem acordos de delação premiada, em um jogo combinado com o Ministério Público. O caso está na reta final — as testemunhas já foram ouvidas e falta apenas o derradeiro relatório. Os conselheiros decidirão, então, se o mantêm longe da toga por mais 140 dias ou se o reabilitam. Às vésperas do julgamento, porém, uma intensa disputa de bastidores tem agitado o colegiado.

Pelos corredores do mundo jurídico passou a circular a versão de que o juiz pode voltar ao cargo em breve, sem sofrer graves consequências à carreira. “Há um movimento de proteção ao Bretas por parte de alguns conselheiros no CNJ, defensores da Lava-Jato”, diz um jurista ligado ao caso, sob condição de anonimato. À boca pequena, comenta-se que o relator dos processos, José Rotondano, poderia aliviar para Bretas, dada a sua proximidade com o presidente do órgão, Luís Roberto Bar-

Telegram @clubederevistas



DADO GALDIERI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

SEM PERDÃO Paes: prefeito alega que foi prejudicado pelo juiz em 2018

roso, tido como um ferrenho defensor da Lava-Jato — o ministro votou pela condenação de réus poderosos levados à júri pela operação e se opôs à suspeição de Sergio Moro no caso envolvendo o presidente Lula. Não há nada que desabone Rotondano, nem Barroso, profissionais ilibados. As desconfianças não passam, portanto, de meras especulações, mas foram suficientes para que, no início do ano, novas reclamações chegassem à Corregedoria de Justiça questionando a postura de Bretas, agora no acostamento.

Nas redes sociais, onde acumula meio milhão de seguidores, ele anuncia um curso em que promete ensinar profissionais do direito a desenvolver “comunicação assertiva e argumentação”, mediante a assinatura de um plano que custa 250 reais por mês. A regional da OAB no Rio viu na iniciativa semelhanças com a atividade de coach, o que é vetado pelo CNJ e incompatível com o código de ética da magistratura. A iniciativa também rendeu-lhe a abertura de um processo disciplinar, movido pelo Tribu-

Telegram @clubederevistas


RODOLFO BUHRER/LA IMAGEM/FOTOARENA

PRISÃO O ex-governador Cabral: condenado a mais de 400 anos de cadeia

nal Regional Federal da 2ª região. O juiz garante que o curso é registrado pela Faculdade Anhanguera e se encaixa na categoria de docência, que é permitida. Já as outras reclamações, movidas pelo ex-deputado federal Marcelo Calero e pela Associação Nacional da Advocacia Criminal (Anacrim), miram postagens do juiz na plataforma X (já excluídas), em que ele critica, com altas doses de ironia, decisões do STF e do ministro Alexandre de Moraes, além de se colocar contra a prisão dos envolvidos nos ataques de 8 de Janeiro. "As publicações ajudam a incitar crimes contra o Estado democrático de direito, o que não pode ser admitido", diz James Walker, presidente da Anacrim. "Como juiz, ele tem potencial para influenciar milhares de pessoas."

As dores de cabeça para Bretas não param por aí. Os conselheiros que estão prestes a decidir o seu destino irão julgar três outros casos em fase bem mais avançada. O primeiro se baseia em uma representação do conselho federal da OAB questionando a idoneidade do magistrado com base em uma

Telegram @clubederevistas

delação premiada do advogado Nythalmar Ferreira Filho, divulgada com exclusividade por VEJA, em 2021. A denúncia foi logo corroborada por uma segunda reclamação, apresentada por Eduardo Paes (PSD). O prefeito do Rio acusa o juiz de promover um julgamento direcionado para prejudicar sua campanha ao governo do estado, em 2018, favorecendo a candidatura de Wilson Witzel, de quem Bretas é amigo. Por fim, pesa contra ele um processo administrativo conduzido pela própria corregedoria que teria, segundo fontes que tiveram acesso ao processo, identificado a ingerência do magistrado nas investigações da Polícia Federal.

É justamente desse último caso, em segredo de Justiça, que pode vir a bala de prata para selar o destino de Bretas. Uma intrincada batalha jurídica gira em torno de áudios, gravados por Ferreira Filho, que o incriminariam. Apresentados na delação do advogado, eles ainda não figuram no processo do CNJ, já que o acordo fechado com a Procuradoria-Geral da República não foi homologado por falta de provas. Procurado por VEJA, Bretas afirmou que prefere "aguardar em silêncio a decisão do Conselho".

Se condenado, a pena máxima imposta ao juiz seria sua aposentadoria compulsória com salário de cerca de 25 000 reais. O portal da transparência do CNJ revela, no entanto, que desde que foi afastado ele recebeu mais de 60 000 reais — quantia que extrapola o teto constitucional — em duas ocasiões, graças aos famosos penduricalhos do Judiciário. Uma mesada e tanto, que vem sendo engordada com a venda de cursos na internet. ■

Telegram @clubederevistas

O JOGO DA ILEGALIDADE

Por falta de fiscalização, bets regularizadas sofrem concorrência desleal de casas de apostas que continuam operando e faturando bilhões de reais na clandestinidade **RICARDO CHAPOLA**



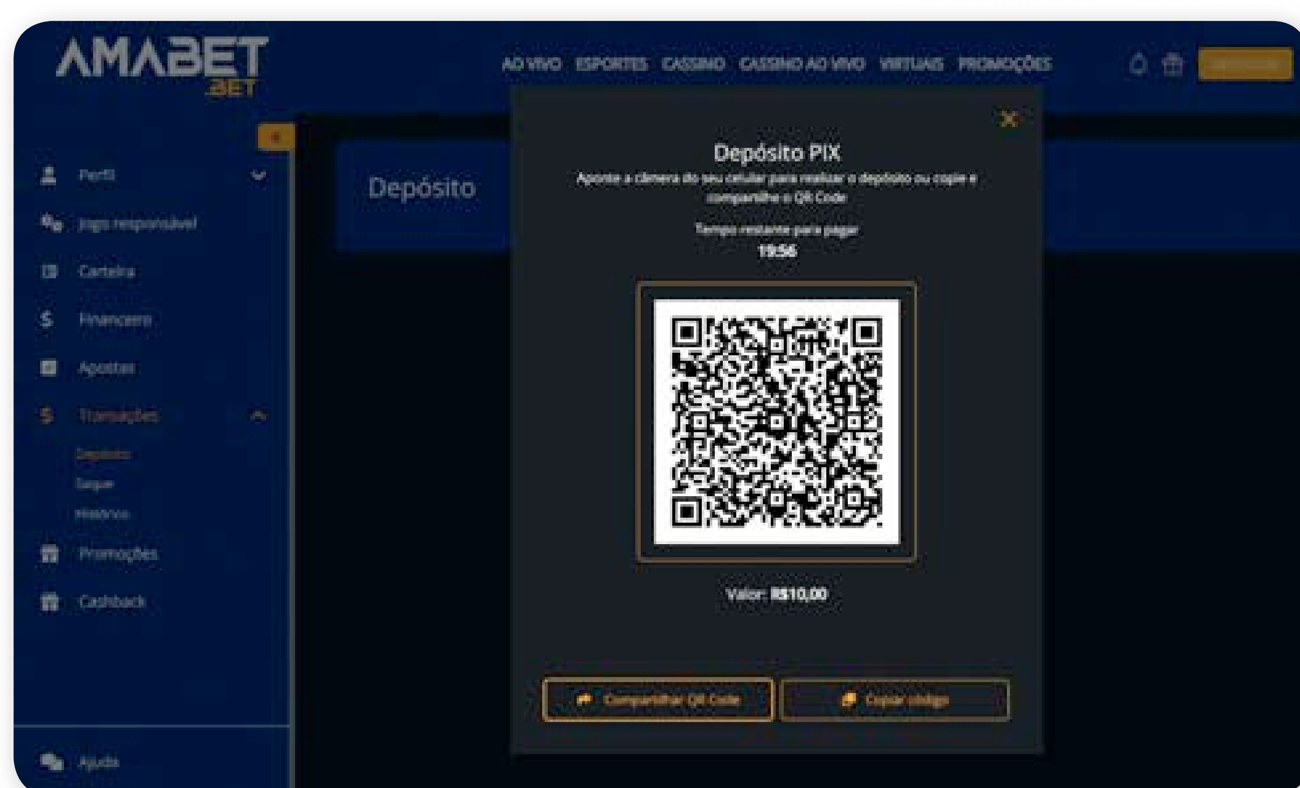
IMPOSTOS Tribunal de Contas da União: levantamentos estimam perdas acima dos 100 bilhões de reais

ALAN MARQUES/FOLHAPRESS)

OS SITES DE APOSTAS esportivas foram autorizados pelo governo federal a operar em 2018. Sem regras definidas, a maioria deles se registrou fora do Brasil, tornando desnecessária qualquer prestação de contas de suas atividades, mantendo distância da fiscalização e, apesar de faturarem bilhões de reais, bem longe dos olhos da Receita Federal. No fim de 2023, o Congresso aprovou um projeto de lei que definiu normas para a exploração do serviço. Desde janeiro, só estão autorizadas a funcionar as empresas que obedeceram a certos pré-requisitos, como estar registrada formalmente no Brasil e pagar uma outorga de 30 milhões de reais. As novas medidas devem gerar uma arrecadação extra aos cofres públicos de cerca de 580 milhões por mês apenas em impostos. Segundo o Ministério da Fazenda, antes da regulamentação havia aproximadamente 5 000 sites atuando no mercado. Com as novas exigências, esse número foi reduzido para 72 — em tese, os únicos autorizados a funcionar. Só em tese.

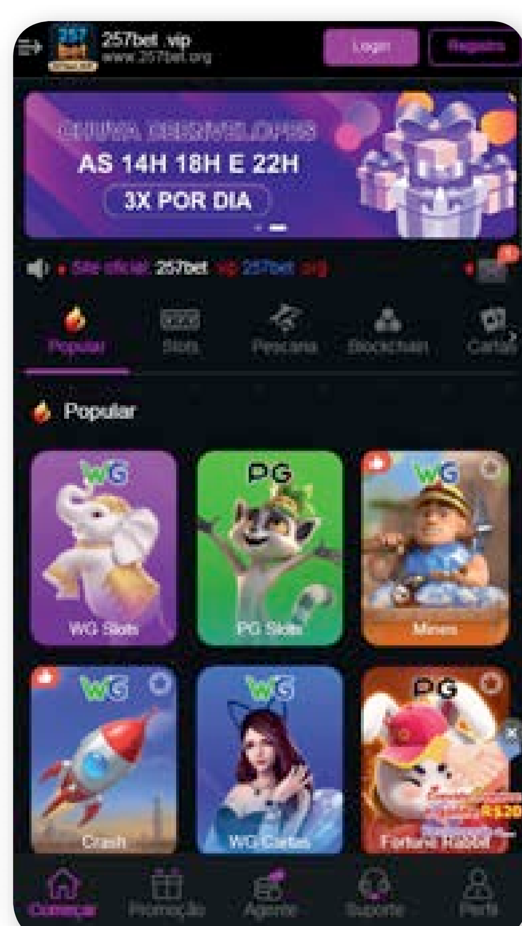
Na semana passada, a Secretaria de Prêmios e Apostas, órgão vinculado ao Ministério da Fazenda e responsável por conduzir os processos de regulação dos sites de apostas, recebeu de entidades que representam o setor uma lista de empresas que não se adequaram às normas, não compraram a outorga, permanecem sediadas fora do Brasil e, ainda assim, continuam operando normalmente. Esses sites clandestinos, segundo o levantamento, arrecadaram perto de 1 bilhão de reais por mês sem pagar





ALERTA Sites que atuam no exterior: um perigo para os apostadores







FOTOS REPRODUÇÃO

um único centavo de tributo. É um incentivo à informalidade e um problema complexo. Muitas dessas empresas estão em paraísos fiscais e funcionam, em princípio, de maneira absolutamente legal em suas bases territoriais. Difícil tirá-las do ar. Quando isso acontece, algumas voltam rapidamente para o jogo. Não há por conta disso qualquer controle sobre as operações, os apostadores não têm garantia de que receberão seus prêmios e ainda existem suspeitas de que algumas delas são usadas para lavar dinheiro do crime organizado.

O Brasil é um dos maiores mercados do mundo para apostas esportivas. A jogatina digital movimentou mais de 100 bilhões de reais apenas em 2023, antes da regulamentação. Estima-se que 22 milhões de pessoas façam ao me-

Telegram @clubederevistas

nos uma aposta por mês. Esse, aliás, até a regulamentação era um dos mistérios desse mercado cobiçado: praticamente tudo se baseava em estimativas. Autorizados pelo governo, os sites funcionaram durante os últimos seis anos sem nenhum tipo de auditagem. Agora, o Tribunal de Contas da União (TCU) quer descobrir por que esse vácuo legal se estendeu por tanto tempo e, principalmente, o tamanho do prejuízo que a omissão causou aos cofres públicos. Levantamentos preliminares dos técnicos estimam uma renúncia de receita acima dos 100 bilhões de reais. A conta inclui as perdas provocadas pelas empresas que passaram a operar clandestinamente após a regulamentação.

Os sites que atuam de maneira regular reclamam, com razão, da inação do governo. “Esse controle era uma das premissas do mercado regulado, mas isso não está acontecendo. Se existe uma regra, ela precisa ser cumprida. Se não for e não acontecer nada, começa a existir uma desvantagem competitiva. É concorrência desleal”, diz André Gelfi, presidente do Instituto Brasileiro de Jogo Responsável (IBJR), entidade que representa nove casas de apostas em atividade no Brasil. Segundo ele, as empresas, o governo e os apostadores estão sendo enganados. “Em muitos casos, esses sites são impulsionados por influenciadores digitais. A pessoa nem sabe que está apostando num espaço ilegal, inclusive correndo o risco de ser enganada, não receber eventuais prêmios e ainda não ter a quem recorrer.”

Telegram @clubederevistas

O mercado formal deve movimentar 25 bilhões de reais neste ano, o que resultará em 7 bilhões de reais a mais em arrecadação de impostos. O documento encaminhado ao Ministério da Fazenda pelos empresários incluiu uma série de sugestões para enfrentar a concorrência ilegal. Uma delas, dirigida ao Banco Central, propõe punir as instituições financeiras que processam os pagamentos e recebimentos das bets ilegais. Sem elas, acreditam os representantes do setor, as operações dos sites ilegais ficariam inviabilizadas, já que elas não teriam como receber nem pagar as apostas. Outra recomendação analisada pela SPA é de criar uma metodologia de certificação para os desenvolvedores de jogos oferecidos pelas casas de apostas — outro ramo lucrativo dessa atividade. Procurado por VEJA, o secretário de Apostas, Regis Dudena, não respondeu ao pedido de entrevista. Além de apertar o cerco, fiscalizando e punindo os clandestinos, o governo poderia tentar convencer essas empresas de que a legalidade também é um excelente negócio. ■


WASHINGTON COSTA/MF

RECLAMAÇÃO
Regis Dudena: o Ministério da Fazenda analisa sugestões para resolver o problema

Telegram @clubederevistas

PEDRO GIL





EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO

PROCURA Moll, da Rede D'Or: faltam bons ativos no mercado para comprar

Oportunidades escassas

O grupo hospitalar Rede D'Or, do empresário **Jorge Moll,** segue interessado em fazer aquisições, mas a avaliação da diretoria é que faltam bons ativos no mercado. Ou eles são muito caros, ou operam com margens de lucro excessivamente apertadas. Nos últimos anos, a Rede D'Or realizou dezessete aquisições no país.

Mais investimentos

Enquanto busca ativos, a Rede D'Or continua investindo nos próprios hospitais. Em 2025, deverá desembolsar 2,5 bilhões de reais na modernização de suas unidades. Nos próximos anos, a meta é entregar 4 000 leitos novos.

Telegram @clubederevistas

Virando sucata

Segundo denúncia formalizada no sindicato da categoria, funcionários da empresa têxtil Coteminas afirmam que a companhia está se desfazendo de alguns bens, principalmente máquinas de pequeno porte. Os equipamentos estariam sendo vendidos como sucata para reforçar o fluxo de caixa.

Salários atrasados

Em recuperação judicial e com dívidas estimadas em cerca de 2 bilhões de reais, a Coteminas também teria atrasado o pagamento de salários. À Justiça, a empresa negou tanto a venda de ativos quanto os atrasos de pagamentos.

Expansão literária

A livraria Leitura, dona de 120 lojas no Brasil, vai abrir nove unidades em 2025. Quatro contratos já foram assinados, e as duas primeiras inaugurações ocorrerão em São Paulo. “Vamos continuar crescendo de acordo com a demanda do mercado”, diz Marcus Teles, presidente da Leitura. “Estamos recuperando o espaço deixado pela Saraiva e pela Livraria Cultura.”

O efeito Amazon

A falência da Saraiva foi decretada pela Justiça de São Paulo há dois anos, enquanto a Livraria Cultura, da família Herz, tenta se reinventar. “Eles quiseram brigar no preço com a Amazon, o que é impossível”, afirma Teles. “Somos competitivos, mas não dá para ganhar de quem vende com prejuízo.”

Dúvida no ar

A Azul e a Abra Holding, controladora da Gol, ainda não têm clareza sobre a divisão das ações da nova empresa resultante da fusão das companhias aéreas. A definição ocorrerá durante a análise do caso a ser feita pelo Cade.

Nuvens no horizonte

Quem acompanha o caso diz que a fusão não será aprovada sem restrições. O maior impasse é a operação em Congonhas. Há o temor de que a união entre as empresas leve a um excesso de concentração de slots — os direitos de pouso e decolagem em aeroportos — nas mãos de uma única companhia.

A carne é forte

O frigorífico Minerva espera finalizar em breve a compra das unidades de abate de bovinos da concorrente Marfrig no Uruguai. A operação foi bloqueada em dezembro pelo órgão regulador do país. A Minerva pagou 7,5 bilhões de reais por um pacote de ativos da Marfrig.

Um lugar ao sol

A Solfácil, empresa especializada no financiamento de projetos de energia solar, pretende levantar até 750 milhões de reais com o lançamento de títulos imobiliários. Recentemente, a companhia captou 1 bilhão de reais em um fundo estruturado. Todos os recursos serão destinados à ampliação da oferta de crédito aos clientes. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora



Pós Carnaval em Gramado

Castelo Saint Andrews

Uma Semana - 8 Dias / 7 Noites - De 09 a 16/março*

A partir de 6x R$ 1.328 por pessoa
A vista R$ 7.968 | Pix R$ 7.569

5 Dias / 4 Noites - De 09 a 13/março
A partir de 6x R$ 716 por pessoa
A vista R$ 4.296 | Pix R$ 4.081

ou

4 Dias / 3 Noites - De 13 a 16/março*
A partir de 6x R$ 612 por pessoa
A vista R$ 3.672 | Pix R$ 3.488

Incluso: Serviços de Mordomo e Concierge. *Wine Experience de sexta-feira. Café da Manhã.
Valores por pessoa em acomodações duplas. Suítes Gold ou Silver mediante disponibilidade.
GRÁTIS 2 crianças até 12 anos - Consulte. Taxas não inclusas. Válido para compras até 28/02/2025.

★ Cashback de 10% ★

Feriados prolongados

Consulte nossa programação de Páscoa, Tiradentes, Dia do Trabalhador e Corpus Christi com tarifas especiais para reservas antecipadas



Informações e reservas: (54) 3295-7700 / (54) 3295-7721 ou seu agente de viagens. castelosaintandrews saintandrews.com.br 

Telegram @clubederevistas

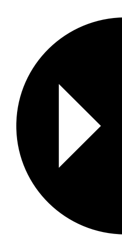
O APAGÃO DE MÃO DE OBRA

Quase 60% das empresas brasileiras enfrentam dificuldades para preencher vagas de emprego, desde as funções simples até as mais qualificadas

MÁRCIO JULIBONI E **CAMILA BARROS**



EM BAIXA Linha de produção de automóveis: os mais jovens não querem mais trabalhar na indústria



PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

Quem observa os dados mais recentes de emprego pode pensar que o Brasil, enfim, superou com folga os problemas causados pela pandemia de covid-19 e — melhor ainda — encontrou o tão almejado caminho do crescimento sustentável. O número de pessoas ocupadas cresceu 9% de dezembro de 2019 até o fim de 2024, para 104 milhões. No pior momento da crise, em meados de 2020, apenas 83 milhões estavam trabalhando. A queda do contingente de desocupados é ainda mais impressionante: 43%, baixando de 12 milhões em 2019 para 6,8 milhões em dezembro passado. No auge da pandemia, o desemprego afligiu mais de 15 milhões de pessoas. A taxa de desocupação, que bateu em 15%, hoje está em 6,2% — o menor nível desde 2012.

Até aí, aparentemente só há motivos para comemoração, aliás como têm feito o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, atribuindo o cenário ao crescimento econômico dos dois anos de gestão petista. Mas a realidade é mais complexa. Muitas empresas têm reportado que enfrentam um problema que já compromete suas atividades e investimentos: está difícil contratar trabalhadores, e o motivo principal não é o número mais baixo de desempregados, como o senso comum poderia supor. A situação é fruto de uma desregulação mais grave do mercado de trabalho. “A escassez é generalizada”, diz Anaely Machado, economista do Observatório Nacional da Indústria. “A falta de pessoal vai desde as funções mais simples até as mais qualificadas.”

Telegram @clubederevistas


ATENTO

PROCURA-SE Central de atendimento: setor de serviços sofre para contratar

No que diz respeito a ocupações básicas, o primeiro ponto a observar é que não falta gente no Brasil — ou não deveria faltar. Com 213 milhões de habitantes, há 177 milhões que passaram dos 14 anos, o piso legal da idade para trabalhar. O total inclui aposentados e outros grupos que ficam fora do mercado. Mas, entre esses, chama a atenção o número dos que optam por se manter apenas com o que recebem em programas sociais. Principal marca do assistencialismo, o Bolsa Família, criado em 2004, no primeiro mandato de Lula, pagava em média 200 reais mensais por família até outubro de 2021, quando foi anabolizado pelo presidente Jair Bolsonaro. Com o objetivo de derrotar o petista e se reeleger em outubro do ano seguinte, o ex-capitão do Exército rebatizou o programa de Auxílio Brasil e

Telegram @clubederevistas

reajustou a bolsa para 600 reais por mês. O número de lares beneficiados, por consequência, cresceu de 14 milhões para mais de 20 milhões atualmente.

A manobra não rendeu os esperados votos, mas deixou um problema para o empresariado, ao desestimular parte dos mais pobres a buscar emprego. O número de pessoas em idade para trabalhar cresceu 4,6% de 2019 a 2024. Mas a força de trabalho, formada por quem tem uma ocupação ou está, de fato, à procura de emprego, cresceu menos: 3%, somando hoje 111 milhões. Isso significa que apenas 63% das pessoas aptas estavam, efetivamente, no mercado de trabalho no fim de 2024. “Os dados mostram uma correlação entre a expansão do Bolsa Família e a redução na oferta de mão de obra”, afirma Daniel Duque, economista da Fundação Getulio Vargas (FGV). “As distorções afetam mais o setor de serviços, em que os salários são mais baixos e a qualificação é menor.”

Uma sondagem recente da FGV mostrou que 19% das empresas não conseguiam encontrar pessoas para serviços elementares. A construção civil, um dos setores que mais empregam quem tem pouco estudo, é um dos melhores exemplos da baixa oferta de pessoal: 82% das construtoras e incorporadoras enfrentam problemas para contratar ou reter funcionários. No varejo, outra tradicional porta de entrada para pessoas de baixa escolaridade ou experiência profissional, a escassez atrapalha 77% das companhias. A indústria e o setor de serviços reportam porcentagens similares pelo país afora. A Federação das Indústrias do Estado de Mato

Telegram @clubederevistas

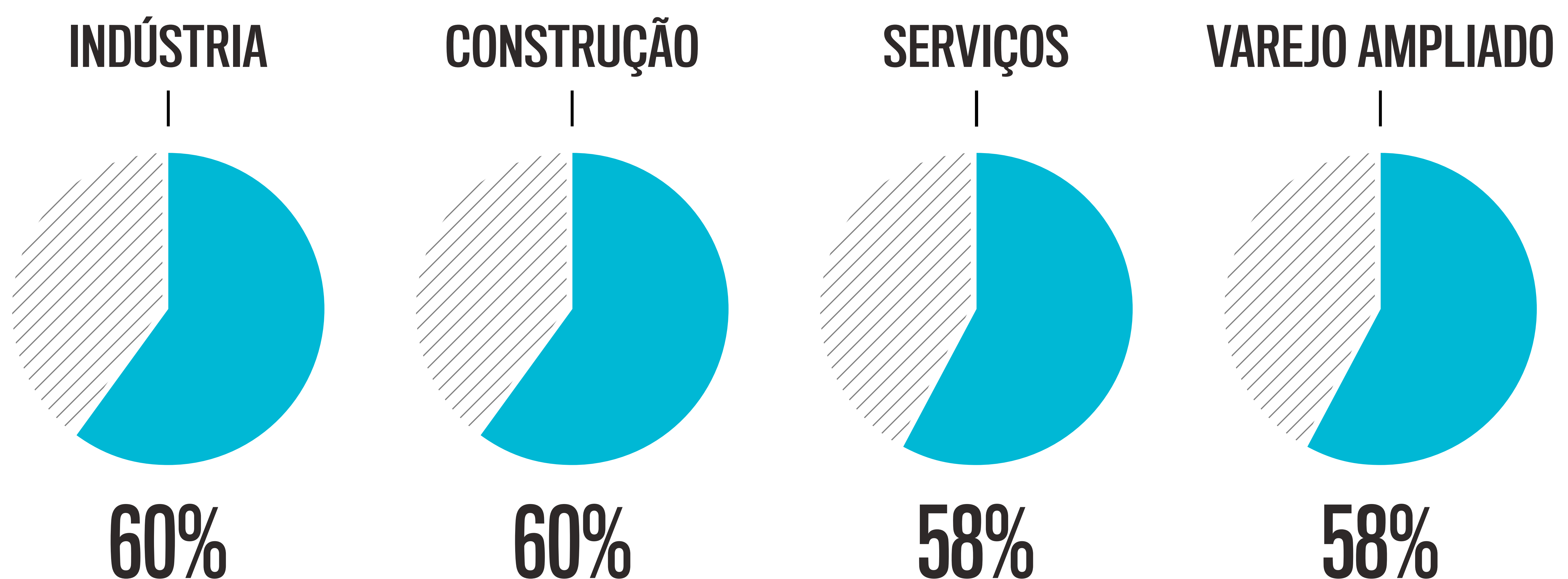
Grosso do Sul (Fiems), por exemplo, estima que suas associadas estejam com 25 000 vagas abertas — algumas há mais de um ano — por falta de candidatos. “Várias fábricas congelaram os planos de aumentar a produção por falta de pessoal”, diz Sérgio Longen, presidente da Fiems. Dono da Semalo, uma fabricante de alimentos, Longen sente na sua empresa o desafio: tem 100 postos que não consegue preencher.

O impacto reacendeu o debate sobre a necessidade de criação de uma estratégia de saída dos programas assistenciais para que os beneficiados possam, em algum momento, andar com as próprias pernas e voltar ao mercado de trabalho. Atrelar o benefício a cursos de qualificação é a ideia mais defendida por especialistas. A solução também alivia-

ESTAMOS ADMITINDO

Os setores que não conseguem preencher as vagas disponíveis

EMPRESAS COM DIFICULDADE PARA CONTRATAR



Fonte: *FGV Ibre*

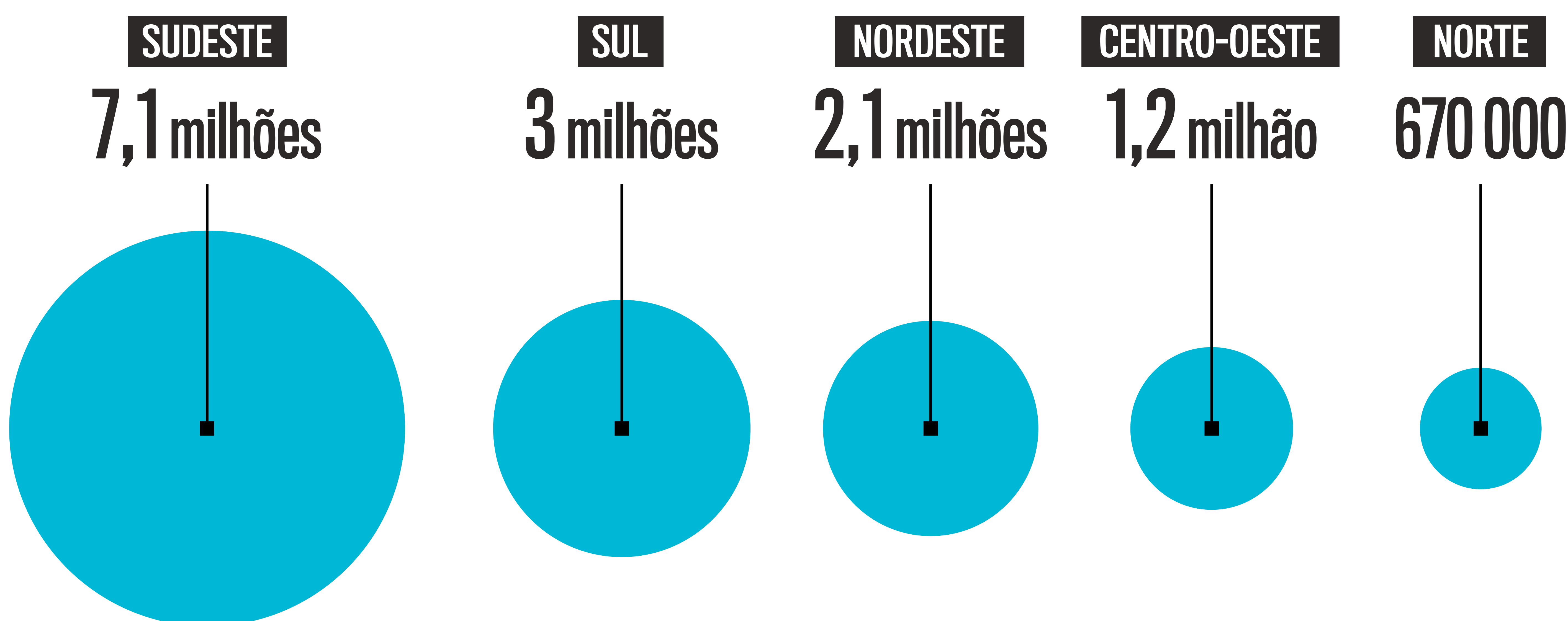
Telegram @clubederevistas

ria a carga sobre as empresas, que hoje suprem essa lacuna com projetos próprios. Segundo a FGV, 45% das companhias estão investindo em capacitação interna para preencher as vagas. Com isso, desempenham um papel que não é seu. “O governo deve ser o grande provedor de qualificação de mão de obra, não as empresas”, diz Fábio Bentes, economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

A falta de pessoal capacitado é um problema clássico do Brasil, que fica mais evidente quando a economia cresce. No levantamento feito pela FGV, a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada foi reportada por 65% das empresas. As transformações por que passam os negócios, impulsionadas por avanço da tecnologia e novos hábitos de consumo, con-

GARGALO

Até 2027, a indústria brasileira precisará treinar e qualificar 14 milhões de trabalhadores (em número de profissionais)



Fonte: *Observatório Nacional da Indústria*

Telegram @clubederevistas



LYON SANTOS/MDS

DESESTÍMULO Bolsa Família: aumento do benefício reduziu busca por trabalho

tribuem para esse quadro. Um exemplo é o que ocorre no setor varejista. Com a aceleração das compras on-line causada pela pandemia, caiu a demanda por vendedores para as lojas físicas e explodiu a procura por profissionais de tecnologia e logística. "A migração para o varejo digital foi muito mais rápida que a formação de mão de obra necessária", afirma Bentes, da CNC. As mudanças culturais também pesam. Trabalho remoto ou híbrido, flexibilidade de horário e qualidade de vida são atributos cada vez mais valorizados por quem busca um emprego, sobretudo pelos mais novos. "Os jovens não aceitam mais os velhos modelos de trabalho", diz Bruno Imaizumi, economista da consultoria LCA 4intelligence. Outro ingrediente é o desejo de se tornar empreendedor. Uma

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

DISCURSO Fernando Haddad: ministro festeja os empregos criados e não vê razão para preocupação

pesquisa do Instituto Ideia notou que 30% dos jovens sonham ter o próprio negócio. Muitos já tiraram os planos do papel. Segundo os dados do IBGE, empreendedores com idade de 18 a 29 anos respondiam por 16,5% dos 30 milhões de empresas existentes no país no último trimestre de 2023.

Esse cenário em que a continuidade do crescimento das empresas esbarra num conjunto de questões precisa ser enfrentado com novas soluções e com a busca de uma saída para a enorme dependência de programas sociais. A queda na taxa de desemprego merece ser comemorada, claro. Falta agora fazer a lição de casa para resolver os problemas estruturais que geraram a atual escassez de mão de obra — e isso dá trabalho. ■



Telegram @clubederevistas

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

ERROS QUE SE REPETEM

A fala de Haddad sugere que a meta de inflação é mais alta

SEGUNDO O MINISTRO Fernando Haddad, a inflação de 4% a 5% está "relativamente" dentro da normalidade para o Plano Real. A afirmação, como de hábito, está entre o capcioso e o equivocado e sinaliza problemas para a inflação futura, em particular para a já machucada credibilidade do Banco Central.

De fato, a inflação média de 1995 a 2024 atingiu 6,7% ao ano (ou 6,4%, contando apenas o período em que vigora o regime de metas), o que faria parecer que a inflação entre 4% e 5% seria "normal". A afirmativa, contudo, omite que a meta de inflação hoje (definida, aliás, pelo Conselho Monetário Nacional, presidido pelo próprio ministro da Fazenda) é de 3%, menos da metade das médias acima. A definição desse patamar e sua redução paulatina desde 2018 revelam o desconforto do país com o nível de 4,5%, que vigorou de 2005 a 2018. Antes, portanto, de a inflação superar o teto do intervalo de tolerância da meta, o próprio governo sinalizava buscar níveis mais baixos. Depois do fiasco, claro, as uvas ficaram verdes.

Telegram @clubederevistas

Ao mesmo tempo, ao normalizar a inflação ao redor do limite superior de tolerância, o ministro sinaliza ao público que o governo não leva a meta a sério. A mesma postura, diga-se, transparece em pronunciamento do ministro Wellington Dias: “Se a meta era 4,5% e fechamos em 4,8%, ficamos praticamente na meta, né?”. A resposta, a propósito, é: “Não, ministro. Ficamos 1,8 ponto percentual acima dela”. À medida que cresce a percepção (correta) de que o teto é na verdade a meta (repetindo a experiência fracassada de Alexandre Tombini), passa a ser natural que as pessoas esperem, no mínimo, 4,5% e, mais provavelmente, algo acima disso. Não deve, então, nos surpreender que as expectativas da pesquisa Focus para 2025 superem 5,5% e que para os demais anos sejam revistas para cima.

Todavia, quanto mais elevada for a inflação esperada, tanto maior tende a ser a inflação. Se o próprio governo

“Agentes públicos repisam as velhas teses toda vez que suas políticas econômicas saem dos trilhos”

Telegram @clubederevistas

parece satisfeito com inflação de 4,5%, por que razão mesmo empresas e trabalhadores se contentariam com reajustes inferiores? Pelo mesmo motivo, o repasse do dólar tende a aumentar. Nesse contexto, a desaceleração da atividade requerida para trazer a inflação de volta à meta torna-se ainda mais severa, ou seja, é necessário elevar mais a taxa de juros do que seria o caso se as expectativas estivessem em torno dela.

Aliás, é também por isso que a proposta de aumentar a meta, que reaparece sempre que o governo tem dificuldades nessa frente, tem tudo para dar com os burros n'água. Com uma agravante: ao renegar publicamente seu compromisso com determinada taxa de inflação, o governo aumentaria também a incerteza acerca de sua nova promessa.

Ao cabo de tudo, tenho que confessar que não é a primeira vez que escrevo este artigo. As palavras podem ser algo diferentes, mas os argumentos são os mesmos que tenho usado mais vezes do que gostaria de lembrar. Quero acreditar que não se trata de falta de originalidade, mas de diferentes agentes públicos que, com irritante previsibilidade, repisam as mesmas velhas teses toda vez que suas políticas econômicas saem dos trilhos, por seus próprios deméritos.

Eu bem que gostaria de apontar erros novos, mas, no Brasil, temos que nos contentar com os antigos. ■

Telegram @clubederevistas

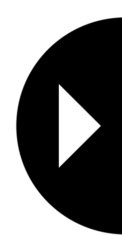
A GLOBALIZAÇÃO DO PIX

O sucesso da ferramenta impulsiona sua adoção por outros países e ela se firma como peça importante da explosão mundial de sistemas de pagamento instantâneos

LUANA ZANOBIA



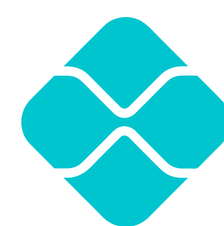
EXPORTAÇÃO Loja na Argentina recebe pagamentos com o sistema: modelo para outros países



KMAIPAY/DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

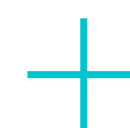
LANÇADO EM 2020, o Pix revolucionou o modo como os brasileiros realizam transações financeiras. No ano passado, a ferramenta, criada pelo Banco Central (BC), ultrapassou a marca de 170 milhões de usuários, que movimentaram 26 trilhões de reais por meio de 63 bilhões de transações — um salto de 51% sobre o número de operações de 2023. Ao cair no gosto popular, o Pix também alçou o Brasil ao segundo lugar no ranking global de países com os maiores sistemas de pagamento instantâneo, atrás apenas da Índia, com cerca de 130 bilhões de transações, segundo a consultoria GlobalData. O sucesso incontestável do Pix atraiu o interesse de nações como a Colômbia e o Canadá. Até os Estados Unidos seguiram um caminho semelhante, criando o FedNow, em 2023. Atualmente, mais de setenta nações possuem sistemas semelhantes, criando um cenário propício para pensar em uma rede global integrada — uma espécie de Pix mundial. "O Pix tem potencial de se integrar a sistemas internacionais", afirmou Gabriel Galí-


SEM FRONTEIRAS

Como o sistema se expande pelo mundo

EMPRESAS COMO MERCADO PAGO, PAGBRASIL E BRAZA BANK HABILITAM O PAGAMENTO VIA PIX EM PAÍSES COMO **ARGENTINA, CHILE, ESTADOS UNIDOS, PORTUGAL E URUGUAI**



CHILE, COLÔMBIA, EQUADOR E URUGUAI ESTUDAM INTEGRAR O PIX A SEUS SISTEMAS DE PAGAMENTOS




Telegram @clubederevistas



PEDRO AFFONSO/FOLHAPRESS

NA PALMA DA MÃO Barato: baixo custo por transação atrai comerciantes

polo, presidente do Banco Central, em um evento recente do Banco de Compensações Internacionais (BIS).

Conhecido como o “banco central dos bancos centrais”, o BIS desempenha papel crucial nessa integração ao coordenar a criação de uma ferramenta que promete unir os sistemas instantâneos de sessenta países. A plataforma, chamada de Nexus, está em testes em Singapura, Índia, Malásia, Filipinas e Tailândia. Se for bem-sucedido, o projeto permitirá transações financeiras entre quaisquer pontos do mundo em um piscar de olhos, 24 horas por dia, sete dias por semana. O Nexus ainda não tem data para estrear no Brasil, mas o BC apoia a ideia, por se encaixar na estratégia de internacionalização do Pix.

Enquanto isso, o BC brasileiro conversa com seus pares de Colômbia, Chile, Equador e Uruguai para difundir o sistema brasileiro na América Latina. A expansão, porém, en-

Telegram @clubederevistas


TON MOLINA/FOTOARENA

FUTURO Gabriel Galípolo: modalidade está pronta para se conectar à rede global

frenta desafios significativos, sobretudo no campo regulatório, já que cada país conta com leis e estruturas financeiras próprias, o que dificulta a conexão dos sistemas. “Os bancos precisam falar a mesma língua”, diz Daniel Pontes, fundador da corretora SWAP Câmbio. “Mas, se der certo, permitirá um ambiente seguro e, possivelmente, mais barato para os negócios.”

Enquanto as autoridades buscam uma solução, o Pix já é “exportado” pela iniciativa privada. A PagBrasil foi uma das pioneiras ao estabelecer parcerias com operadoras de maquininhas de outros países. Assim, lojistas no exterior podem aceitar o Pix como forma de pagamento de turistas brasileiros e expatriados. “Recriamos a experiência exatamente como é no Brasil”, afirma Ralf Germer, presidente da PagBrasil, que tem operações na Argentina, no Uruguai, no

Telegram @clubederevistas

Chile, no Peru e em países europeus. Do outro lado do Atlântico, o Braza Bank, banco de câmbio e pagamentos internacionais, levou o Pix para Portugal, um dos principais destinos de brasileiros na Europa. “Se a operação for bem-sucedida, expandir o Pix para outros mercados europeus será mais fácil”, diz Marcelo Sá, diretor de negócios do Braza Bank. Segundo Sá, as trocas via Pix já representam 30% dos pagamentos processados pela instituição por lá. O Mercado Pago também entrou na jogada e, recentemente, passou a aceitar o Pix na Argentina. Entre as vantagens que levam lojistas estrangeiros a adotar a ferramenta brasileira está o baixo custo por transação. Enquanto as compras com cartão de crédito no exterior pagam uma taxa de IOF de 3,38%, as feitas por Pix desembolsam apenas 0,38%. Isso coloca o sistema como uma alternativa vantajosa, superando até os cartões de empresas de remessa, que aplicam uma tarifa de 1%.

Seja pelas mãos das empresas, seja via bancos centrais, o fato é que o mercado mundial de pagamentos instantâneos vive uma explosão. Segundo a GlobalData, em 2023, 266 bilhões de transações foram realizadas por meio desses sistemas — um aumento de 42% sobre o ano anterior. O volume correspondeu a 19% de todas as transações eletrônicas do ano retrasado. A consultoria projeta que, em 2028, o mundo realize 575 bilhões de transações instantâneas, que representarão 27% do total de operações financeiras. Cada vez mais, o Pix se firma como peça importante no tabuleiro desse jogo financeiro global. ■

Telegram @clubederevistas

A SOLUÇÃO TRUMP

Estados Unidos e Rússia se sentam à mesa para negociar entre si um acordo de paz do jeito que Vladimir Putin quer. O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, não foi convidado

AMANDA PÉCHY



NA MARRA O presidente dos EUA escanteou o líder da Ucrânia e foi direto ao dirigente russo: o fim do cordão de isolamento

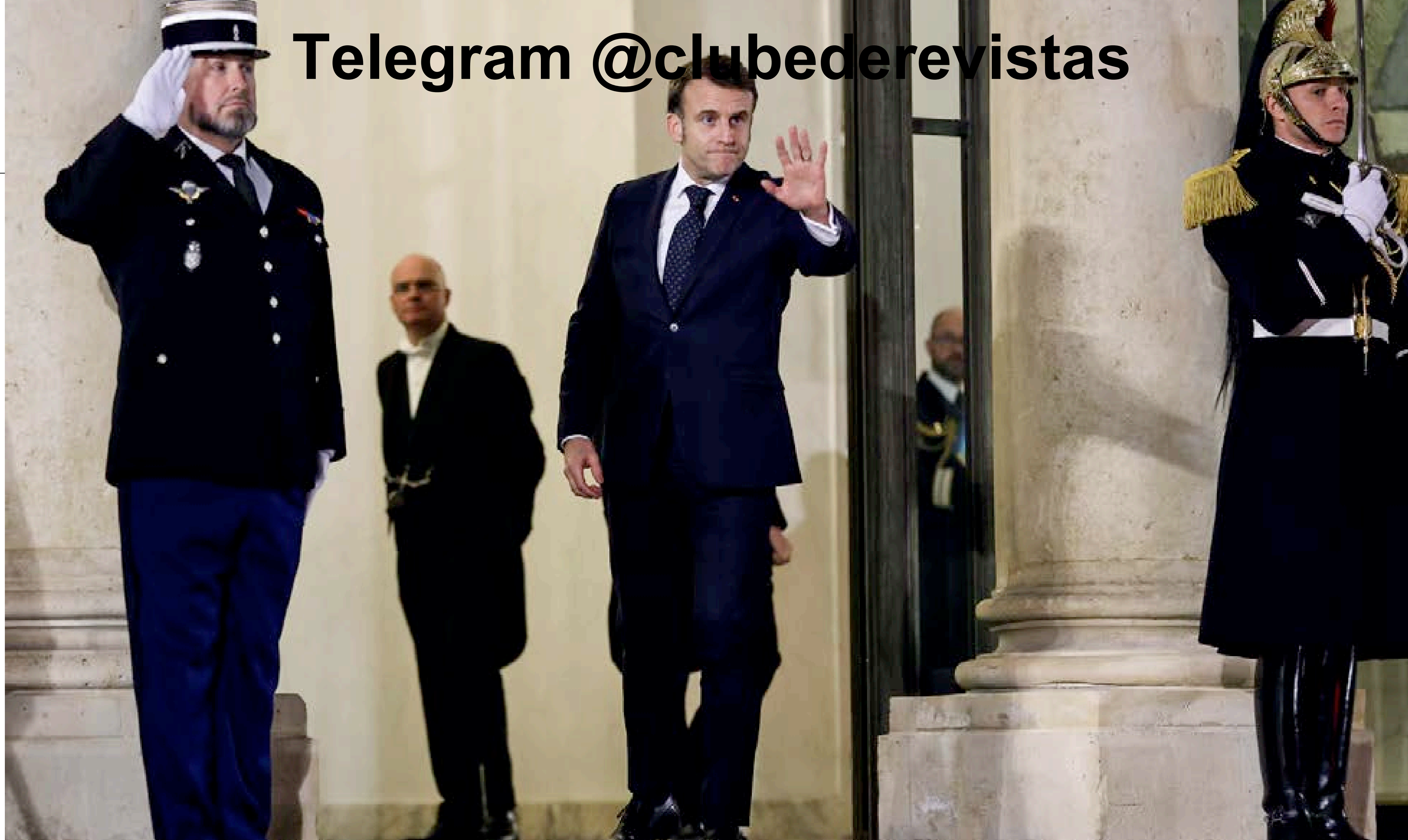
FOTOS GETTY IMAGES; ANDREW CABALLERO-REYNOLDS/AFP; TETIANA DZHAFAROVA/AFP

Telegram @clubederevistas

Ao invadir a Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia adquiriu status de erva venenosa na Europa e nos Estados Unidos, e o mais prudente era cortar contatos e manter distância. Praticamente aposentada na época, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), criada para fazer frente à extinta União Soviética, ressurgiu das cinzas e se tornou megafone de alertas para o absurdo fato de, em pleno século XXI, uma potência atacar um vizinho muito mais fraco e derramar sangue na Europa, continente assolado na história por dois conflitos de enormes proporções e onde se imaginava que isso nunca mais fosse acontecer. O cenário estava posto: Rússia de um lado, decidida a fincar pé no território ucraniano, e Estados Unidos e aliados europeus de outro, fechando questão na defesa da Ucrânia. A poucos dias de o conflito completar três anos, e contando-se um mês da vertiginosa confusão global promovida pelo novo governo de Donald Trump, a situação deu um duplo twist carpado.

Antes mesmo de iniciar qualquer negociação, o presidente americano — que em campanha prometeu acabar com a guerra em um dia — telefonou para o colega russo, Vladimir Putin, efetivamente rompendo o cordão de isolamento. Seu secretário da Defesa, Pete Hegseth, em visita à sede da Otan, em Bruxelas, qualificou de “irrealista” tanto a devolução do naco da Ucrânia ocupado por tropas russas quanto a adesão de Kiev à organização, cedendo por antecipação dois pontos de honra da Rússia. Isso posto, Estados

Telegram @clubederevistas



TOM NICHOLSON/GETTY IMAGES

REAÇÃO Macron recebe líderes europeus: reunião para reavaliar relações

Unidos e Rússia, representados pelos respectivos chanceleres, Marco Rubio e Sergey Lavrov, se encontraram em Riad, na Arábia Saudita, para abrir as conversas sobre o fim da guerra. Detalhe: a Ucrânia não foi convidada.

O presidente Volodymyr Zelensky, que pisa em ovos para não perder de vez o essencial apoio americano, reagiu afirmando que Trump vive em um "espaço de desinformação" e descartando resoluções das quais seu país não participe. Ouviu de Trump que é "um péssimo negociador" e que "nunca devia ter começado essa guerra" (declaração nonsense total) e ainda foi chamado de "ditador" (o mandato dele venceu em maio passado, mas o estado de guerra impede eleições). "Trump pensa que Washington e Moscou devem decidir o futuro da Ucrânia, uma visão de mundo que lembra o século XIX, quando a política global era moldada apenas por grandes potências", diz Martin Smith, especialista em segurança da Real Academia Militar de Sandhurst.

Telegram @clubederevistas



ARMED FORCES OF UKRAINE/AFP

DESTRUIÇÃO Vovchansk, cidade ucraniana devastada pelos russos: minérios em troca da reconstrução

A picuinha de Trump com Zelensky vem de longa data: no seu primeiro mandato, ele pressionou o recém-eleito presidente ucraniano a fornecer provas que incriminassem a família Biden em atos de corrupção no país, manobra mal-ajambrada que acabou desaguando no seu primeiro pedido de impeachment. Ao longo da injeção de 190 bilhões de dólares (500 bilhões, na conta de Trump) em ajuda militar na luta contra os russos, Zelensky foi sendo pintado pela direita americana como um aproveitador deslavado do dinheiro do contribuinte americano. Com tais credenciais, seu papel nas negociações de paz deve ser mínimo.

Ainda não está claro o que realmente Rubio e Lavrov puseram à mesa, mas a prioridade mais imediata parece ser um cessar-fogo, que entraria em vigor até a Páscoa. Isso congelaria as linhas atuais, com Putin dominando uma faixa na fronteira que corresponde a 20% da Ucrânia e mais a Crimeia, ao sul, anexada há onze anos, e os ucra-

Telegram @clubederevistas

nianos se apegando a 0,002% da Rússia na região de Kursk, que ocuparam no ano passado *(veja o mapa).* "Não é a subjugação completa de Kiev que Putin desejava, mas mesmo assim é uma vitória para ele", afirma Anna Arutunyan, do think tank Crisis Group.

O QUE ESTÁ NA MESA

Desde o início da guerra, a Rússia ocupou quatro regiões industriais da Ucrânia que quer anexar definitivamente. Já Kiev espera usar área invadida ao norte como moeda de troca

TERRITÓRIO UCRANIANO TOMADO PELA RÚSSIA
ÁREA OCUPADA PELOS RUSSOS ANTES DO CONFRONTO
REGIÃO RUSSA INVADIDA PELA UCRÂNIA





Zelensky não tem margem de manobra, dada a precariedade de sua posição militar e o futuro incerto do apoio americano. Em troca de dinheiro para proteger e reconstruir o país, onde cidades inteiras foram devastadas, considera dar a empresas dos Estados Unidos acesso especial aos cobiçados minérios no subsolo de seu país, e cultiva o sonho de incluir em um acordo final o projeto de rediscutir a situação dos territórios cedidos. Da parte de Putin, há indícios de que defende uma cláusula para realizar eleições na Ucrânia, com o intuito de ejetar Zelensky do poder e substituí-lo por um presidente mais maleável.

No novo cenário arquitetado por Trump, cai no colo da Europa a responsabilidade por garantir a segurança da Ucrânia contra novos ataques russos (estão frescas na memória dos ucranianos as sucessivas violações dos acordos assinados com a Rússia após a anexação da Crimeia). Zelensky pediu 200 000 soldados europeus para montar uma força de paz, mas ninguém se comprometeu firmemente a aderir até agora. A única carta que parece estar na mesa em termos de segurança é a adesão da Ucrânia à União Europeia, à qual Putin já deu seu o.k. Convocados às pressas pelo presidente francês Emmanuel Macron, os principais líderes do Velho Continente — leia-se, os membros da Otan com as maiores capacidades bélicas — se reuniram em Paris em caráter emergencial, para discutir a agenda trumpista de favorecer a Rússia na busca da paz. Como um fantasma, soava nos corredores do encontro a lembrança do

Telegram @clubederevistas


CORBIS/GETTY IMAGES

1949 Truman assina acordo de criação da Otan: Trump dá as costas à aliança

appeasement, ou apaziguamento, uma ferramenta diplomática de fazer concessões para evitar conflitos que o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain tentou usar com Hitler em 1938, cedendo-lhe um pedaço da então Tchecoslováquia — e deu no que deu.

Também foi tema do encontro o movimento americano de se afastar, de forma inequívoca, de seus parceiros europeus históricos. Em seguida às chocantes concessões à Rússia para acabar com a guerra na Ucrânia expressas na reunião com o comando da Otan, o secretário de Defesa Hegseth declarou, sem rodeios: “A crua realidade estratégica impede que os Estados Unidos tenham como prioridade a segurança da Europa”. Dois dias depois, o vice-presi-

Telegram @clubederevistas

dente J.D. Vance, representando seu país na Cúpula de Segurança realizada em Munique, torceu com mais força ainda a faca na ferida. Vance mal mencionou o conflito que está no centro das preocupações do continente. Em contrapartida, passou vinte minutos dando um pito na Europa, a quem acusa de graves "ameaças que vêm de dentro", entre elas supostos atentados contra a livre expressão — a certa altura, mencionou uma investida contra "as liberdades básicas dos britânicos religiosos" — e falta de pulso firme no controle da entrada de imigrantes.

A fala do vice-presidente causou extremo mal-estar na plateia de líderes europeus, já incomodados com a ameaça americana de impor tarifas no comércio bilateral. A aliança transatlântica vai além do ato de Harry Truman ao assinar a criação da Otan, em agosto de 1949. Além de derrotar Adolf Hitler na Segunda Guerra, ela fincou as bases para a construção de uma ordem mundial alicerçada na cooperação e disseminou uma concepção social baseada em valores comuns como democracia, liberdade de pensamento e defesa dos direitos humanos. "Todos os participantes desta reunião percebem que a relação transatlântica entrou em uma nova fase", declarou Donald Tusk, o primeiro-ministro polonês, aos colegas em Paris. No mapa que se desenha, a Europa vai ter que cortar um dobrado para preservar sua relevância e até mesmo a unidade que, há quase três décadas, tem sido sua coluna de sustentação. ■

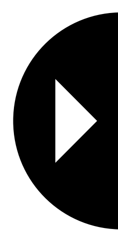
Telegram @clubederevistas

O RETRATO DO HORROR

Hamas choca o mundo ao devolver corpo de bebê



BARBARIDADE Devolução dos caixões: crime intolerável



EYAD BABA/AFP

Telegram @clubederevistas

NÃO HÁ GUERRAS que não sejam marcadas pelo horror, mas algumas vezes ele extrapola qualquer limite do tolerável. Na quinta-feira 20, a liberação dos restos mortais de reféns pelo Hamas chocou o mundo ao confirmar que duas crianças, uma delas bebê, haviam sido raptadas no cruel ataque de 7 de outubro de 2023. Kfir Bibas, de apenas 9 meses, seu irmão Ariel, de 4 anos, e a mãe, Shiri, morreram no cativeiro em Gaza. Apenas o pai, já libertado, sobreviveu. É o retrato de uma família despedaçada, espelhando o trauma de um confronto ainda distante de uma solução final. "Somos vítimas de uma guerra psicológica", disse a VEJA Maurice Schneider, tio-avô das crianças. Nas batalhas da opinião pública, o grupo palestino perde pontos à luz das vidas ceifadas. Trinta das sessenta pessoas em posse dos terroristas ainda respiram, na esperança de serem soltas na segunda fase do cessar-fogo, por negociar. Mas, por ora, Israel chora a tragédia da família Bibas. ■

Telegram @clubederevistas

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito





ABRAM ALAS PARA ELA

VITOR REIS

Telegram @clubederevistas

Apesar da fama e do corpo escultural, atributos que costumam garantir destaque na Marquês de Sapucaí, **FLÁVIA ALESSANDRA,** 50 anos, nunca havia se aventurado pela passarela do samba carioca. O motivo é para lá de prosaico: nenhuma escola havia feito o convite. “Percebi que nunca tinha desfilado e falei: ‘Cara, tenho que realizar isso’”, diz ela. O desafio, revela, fazia parte de uma lista de desejos formulada quando completou cinco décadas de vida. Agora requisitada para estrear na avenida pela Acadêmicos do Salgueiro, a atriz garante não se intimidar com a costumeira pressão do público por não apresentar exatamente a mesma forma física da juventude, fator que levou Paolla Oliveira, 42, a anunciar sua aposentadoria como rainha de bateria da Grande Rio, depois da folia deste ano. “Senti muito apoio da mulherada”, diz Flávia. Na dúvida, enquanto negocia a volta às novelas com a Globo na continuação de *Êta Mundo Bom!*, ela se entrega a intensas sessões de malhação, às vezes até tarde da noite, em razão da rotina atribulada.

Telegram @clubederevistas

DEU COELHO NA CABEÇA

A “bicheira” Violeta Castilho tem feito imenso sucesso na trama de *Volta por Cima,* novela das 7, da Rede Globo. Para dar vida à personagem, a paulistana **ISABEL TEIXEIRA,** 51 anos, estudou a fundo a jogatina típica do Rio de Janeiro, mas abriu mão de imitar o sotaque carioca. “Não ouso a este ponto”, diz, sincera. As antigas experiências com esse tipo de jogatina, brincadeira de adolescência, inspiraram a atriz. Ela conta ter sonhado com um coelho, logo depois de sair da infância, e então decidiu “fazer uma fezinha”, apostando no animal, conforme havia sugerido um amigo. “Ganhei uma grana”, ri. “Acho bonita essa coisa de acreditar no sonho. É uma comunhão popular entre número, matemática e simbologia”, filosofa. Isabel, é claro, trata com alguma leveza o tema pesado, mas condena sem dó a bandidagem em torno da ilegalidade que acelera a violência.


THAIS MAGALHÃES/TV GLOBO

Telegram @clubederevistas

HOLYWOOD É ASSIM MESMO

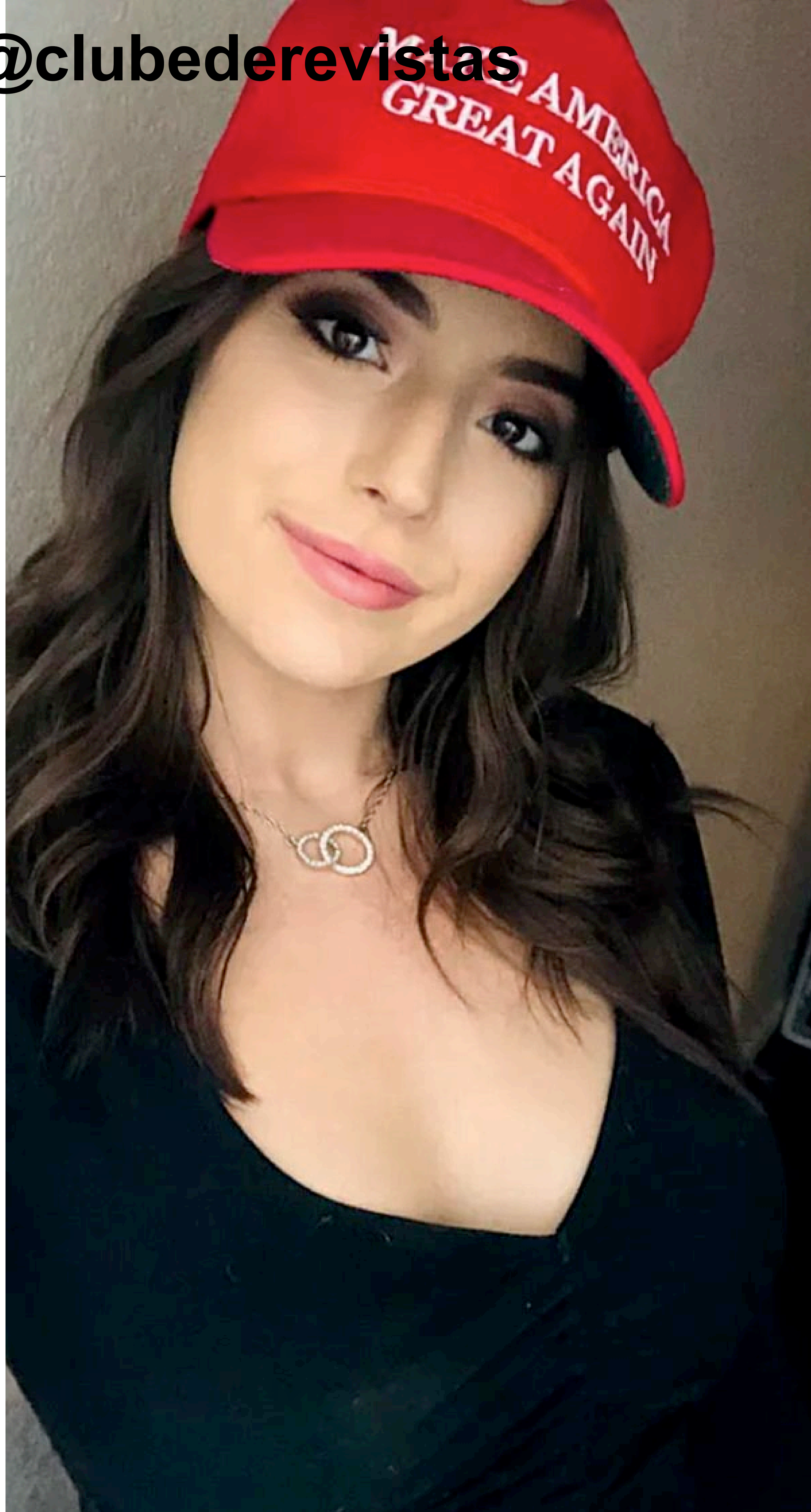
Entre os muitos sucessos estrelados por **WILL SMITH,** 56 anos, está a comédia romântica *Hitch, Conselheiro Amoroso*. No filme, o ator encarna um conquistador que ensina homens sem nenhum talento para a paquera a se darem bem com as mulheres em relacionamentos furtivos, até que ele próprio acaba se apaixonando. Há duas décadas, a fórmula para lá de manjada faturou 370 milhões de dólares em vendas de ingressos ao redor do mundo. Não à toa, o diretor **ANDY TENNANT,** 69 anos, vinha tentando convencer o colega a produzir uma continuação do enredo água com açúcar, mas Smith parecia sempre estar desinteressado. Recentemente, ao tomar conhecimento de que o ator desenvolve o projeto sem tê-lo consultado, expôs as rachaduras na antiga amizade. “Hollywood é assim mesmo”, disse, resignado.



MEHDI FEDOUACH/AFP

Telegram @clubederevistas

O X DA QUESTÃO



X @STCLAIRASHLEY

Surfando a onda da polarização política, a influenciadora **ASHLEY ST. CLAIR,** 31 anos, amealhou milhões de seguidores defendendo posturas conservadoras nas redes, até que virou notícia por um comportamento nada ortodoxo: ela anunciou na plataforma X que seu bebê, de apenas 5 meses, seria fruto de uma rápida relação com Elon Musk, 53, que é casado. A influenciadora diz ter quebrado o silêncio em torno do caso porque o repórter de um tabloide estaria atrás da história. O barraco virtual seguiu depois que o bilionário comentou uma postagem de um usuário que acusava a moça de aplicar um ardiloso golpe da barriga. “Uau!”, se limitou a dizer o homem mais rico do mundo, o amigão de Trump. Se reconhecer a paternidade, nesse novo caso, ele passará a ter treze herdeiros. A propósito: Ashley é autora do livro infantil *Elefantes Não São Pássaros*, em que faz críticas à aceitação de pessoas trans, assunto que Musk ama defender, apesar de ser pai de uma menina que mudou de gênero.

Telegram @clubederevistas

UMA JOGADA FAMILIAR

A nova fase de **NEYMAR,** 33 anos, vai além dos gramados, onde pretende recuperar o protagonismo perdido no futebol e tentar reerguer o Santos. O craque, aparentemente, parece ter deixado as baladas de lado. Nas redes sociais, como não é bobo nem nada, desponta em versão família, ao lado dos três filhos — cada um de uma mulher diferente. Em um lance de fofura calculado, o jogador surgiu na Vila Belmiro com **MAVIE,** de apenas 1 ano, no colo, vestida com uma camisa do clube onde se lia "papai" nas costas. A estratégia mira a reconstrução de imagem, arranhada ao longo da carreira errática e, recentemente, depois que veio à tona que traiu a atual namorada, Bruna Biancardi, 30, enquanto ela estava grávida. Pelas fotos, tudo ficou no passado: o casal sorri feliz enquanto espera a chegada de mais um rebento. "Nosso amor que lute. A gente só está precisando de um ajuste", declarou ele, cantando. Resta saber se a jogada familiar será mesmo para valer. ■



RAFAEL ASSUNÇÃO/AG. PAULISTÃO

Telegram @clubederevistas

TÃO PERTO E TÃO LONGE

Cinco anos depois, a ciência, a colaboração e a solidariedade ficaram como legados positivos da tragédia da covid-19 – mas lições importantes continuam sendo ignoradas, como a necessidade de combate ao vírus do negacionismo

PAULA FELIX



COLAPSO China em alerta: infecção começou em Wuhan, ainda em 2019, com mortos nas ruas

HECTOR RETAMAL/AFP

Telegram @clubederevistas

Pareciam cenas de um filme de futuro improvável. Nos derradeiros dias de 2019 e início de 2020, começavam a chegar notícias e imagens das vítimas de uma doença misteriosa em uma terra distante. Ainda sem identidade definida, o vírus que eclodira na China ultrapassava fronteiras e continentes, deixando um rastro de infecções, mortes e incertezas. A vida seguia, no entanto, entre os brasileiros, que celebravam o Carnaval. Até que a assustadora realidade batesse à porta, na Quarta-feira de Cinzas: em 26 de fevereiro, há exatos cinco anos, tão longe e tão perto, confirmava-se o primeiro caso no Brasil de um paciente com a moléstia que ficaria conhecida como covid-19 — era um homem que viera da Itália, internado no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Nos meses que se seguiram, o país compartilharia com o resto do planeta os sintomas sufocantes, o medo dos outros, as dores psíquicas e sociais e o luto sem despedidas da pandemia.

Meia década depois da maior crise de saúde pública desde a Gripe Espanhola de 1918, a batalha contra o novo coronavírus entrega um legado ambivalente, em que inovações científicas em tempo recorde convivem com ondas de negacionismo e fake news. É um capítulo da história que deveria estar imune ao esquecimento, no mínimo para prestar o devido respeito aos mais de 7 milhões de vítimas pelo mundo, 715 000 delas brasileiras, sem falar nas pessoas que encaram ainda hoje as sequelas da doença e

Telegram @clubederevistas

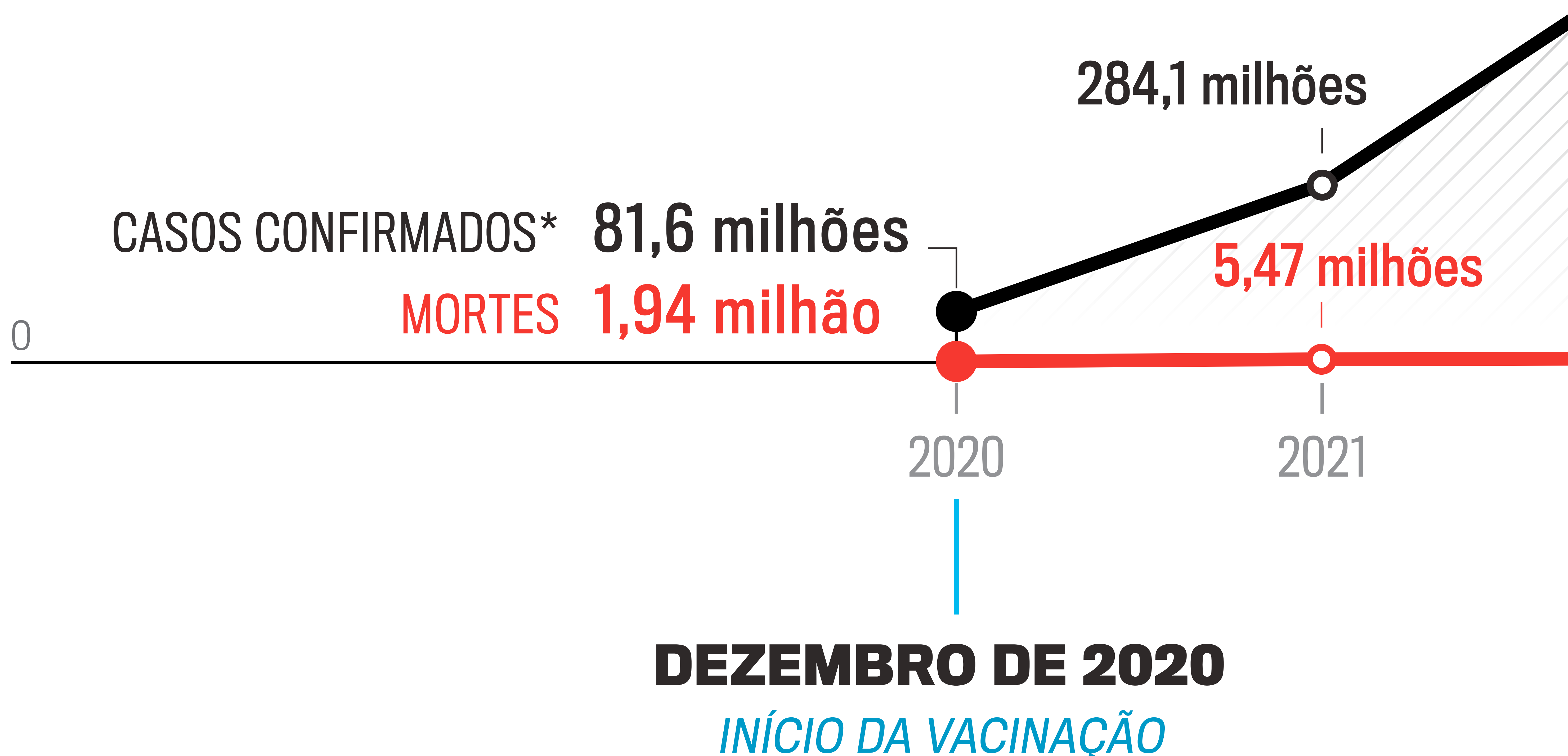
nos profissionais que se dedicaram, dos bastidores em laboratórios à linha de frente dos hospitais, a salvar vidas. Porém, pouco tempo depois de a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter decretado o fim do estado de emergência sanitária, em maio de 2023, cidadãos comuns e autoridades já se esforçavam, em estranha velocidade, por declarar a covid-19, suas lições e efeitos, como página virada.

Não pode ser assim. Revisitar personagens simbólicos que protagonizaram cenas públicas e privadas de uma era

CURVA ACHATADA

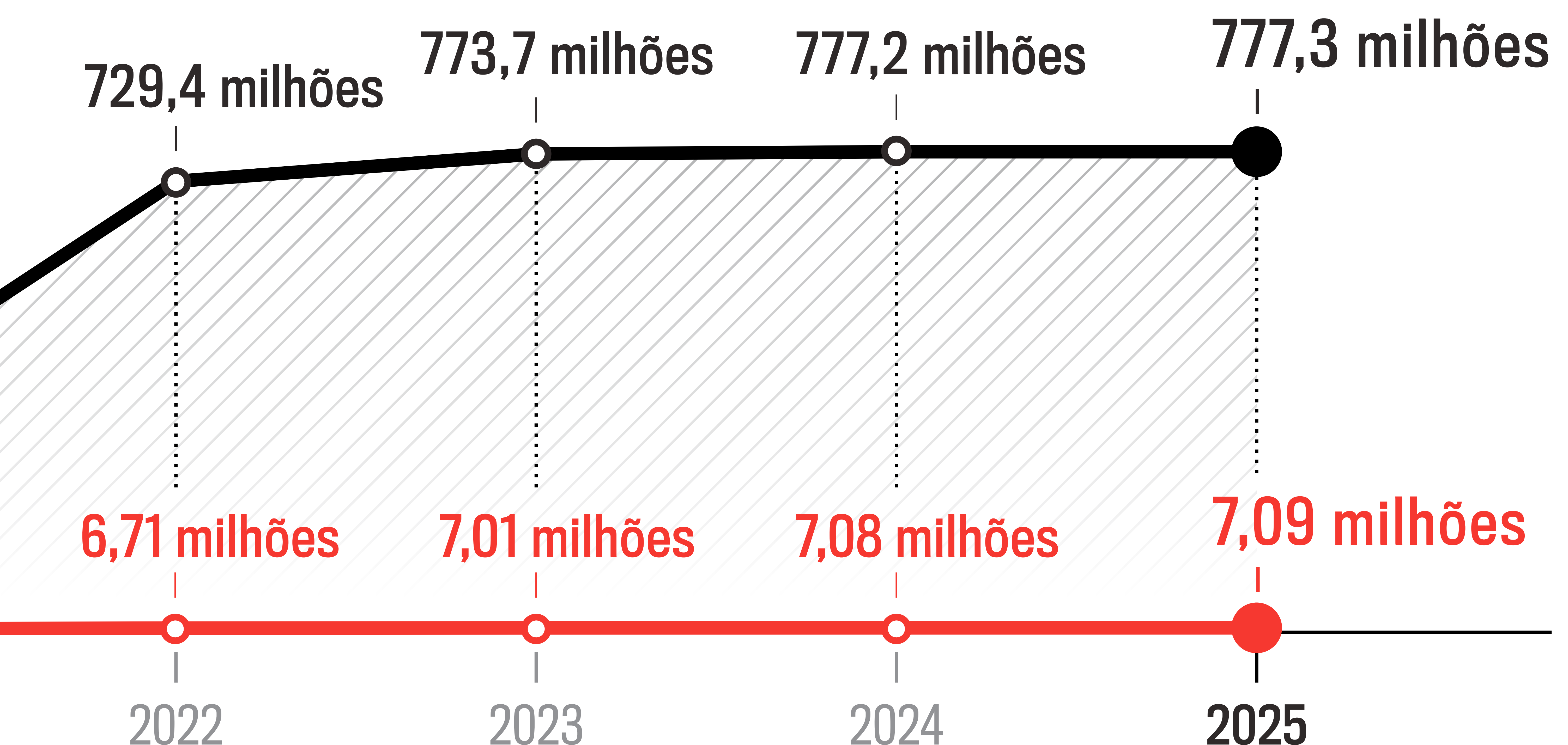
Dados acumulados mostram que a vacina ajudou a controlar a infecção e amenizou impactos mais devastadores

NO MUNDO



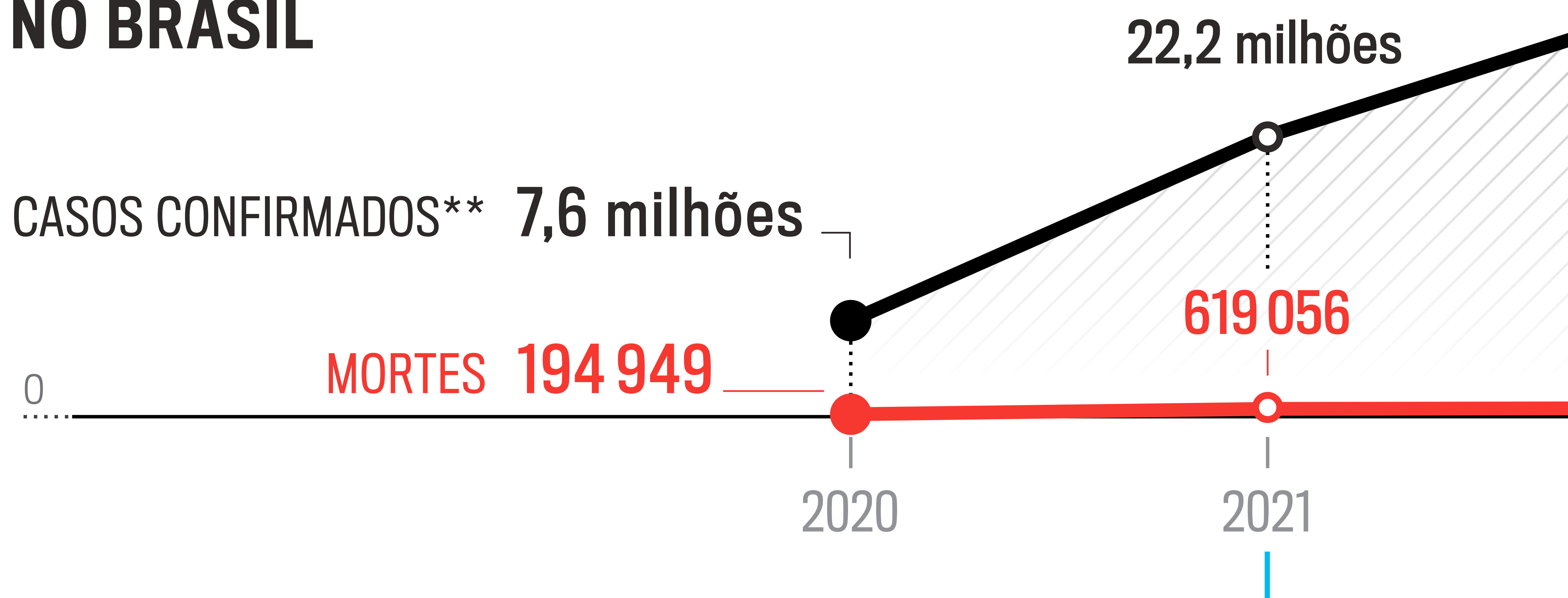
sob o jugo do vírus Sars-CoV-2 tem efeito didático: expõe a importância de evitar a armadilha dos que fazem tábula rasa de um fenômeno que, mais cedo ou mais tarde, poderá voltar a nos assombrar. Da primeira brasileira vacinada a médicos que enfrentaram a morte literalmente de perto, sobressai, nos relatos, um misto de louvor aos avanços da medicina — simbolizados por uma nova geração de vacinas — e de decepção com a falta de cooperação global e a desvalorização da ciência, algo materializado pela recente saída dos Estados Unidos e da Argentina da OMS.

Alçada a pandemia em 11 de março de 2020, a co-



* Dados atualizados até 2 de fevereiro de 2025

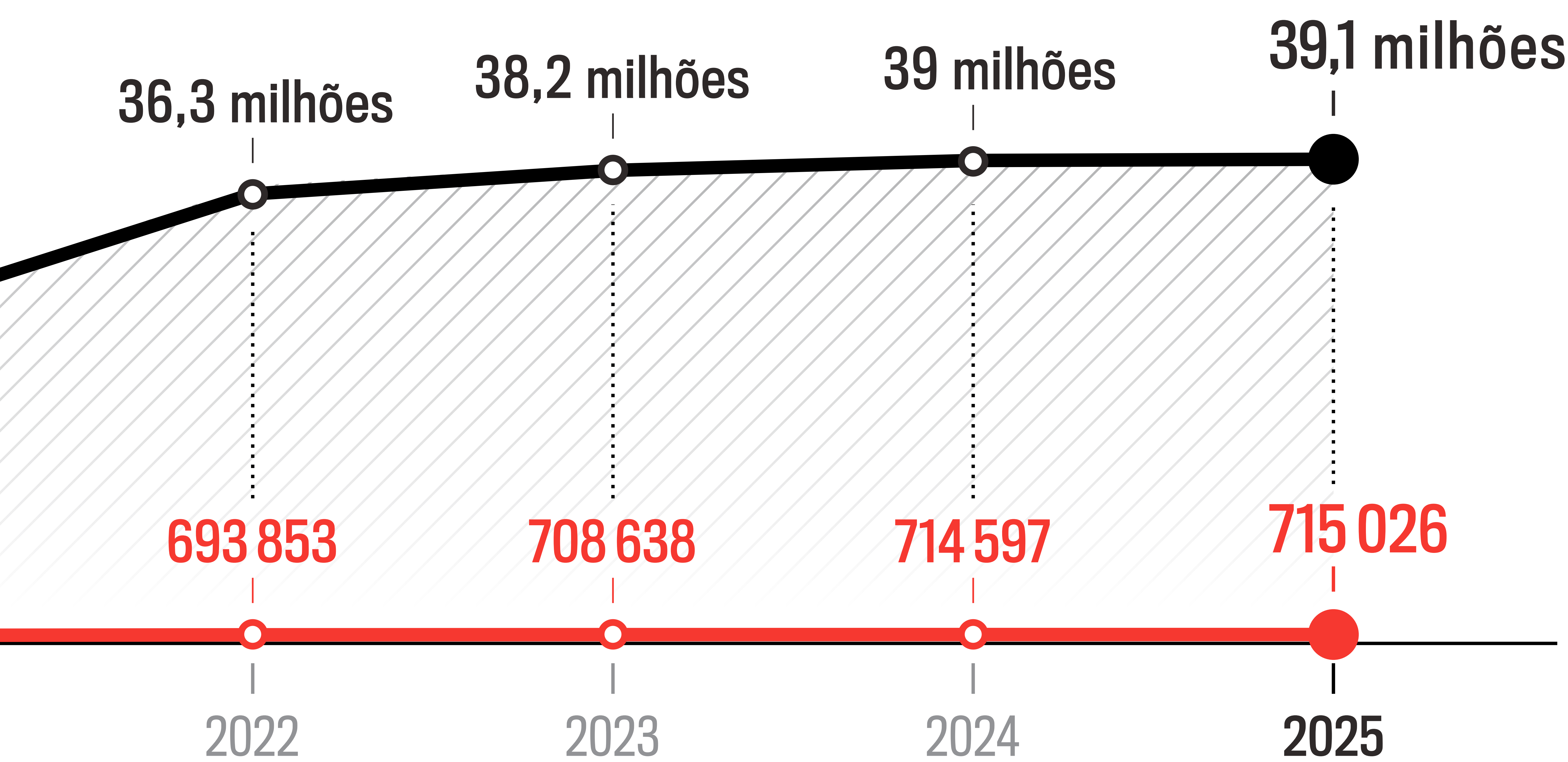
vid-19 escancarou fragilidades individuais e coletivas e desafiou homens e mulheres a buscar respostas e soluções diante do desconhecido. Poucas vezes, na aventura humana, tantos pesquisadores, universidades e indústrias farmacêuticas se uniram em prol de uma saída. E foi uma corrida contra o relógio. Havia casos assintomáticos da infecção, mas também outros, de pessoas que estavam bem e, de repente, evoluíam para um estado grave e letal — e terminavam o dia dentro de sacos para não contaminar quem estivesse ao redor. Em meio às dúvidas sobre as medidas preventivas mais adequadas e eficazes, como o uso de máscaras, famílias se infectavam e morriam, não raro em casa. Era cenário de guerra, com falta de leitos



Telegram @clubederevistas

nos hospitais e caixões nas ruas, que se espraiou por China, EUA, Itália e Equador. O Brasil não foi poupado.

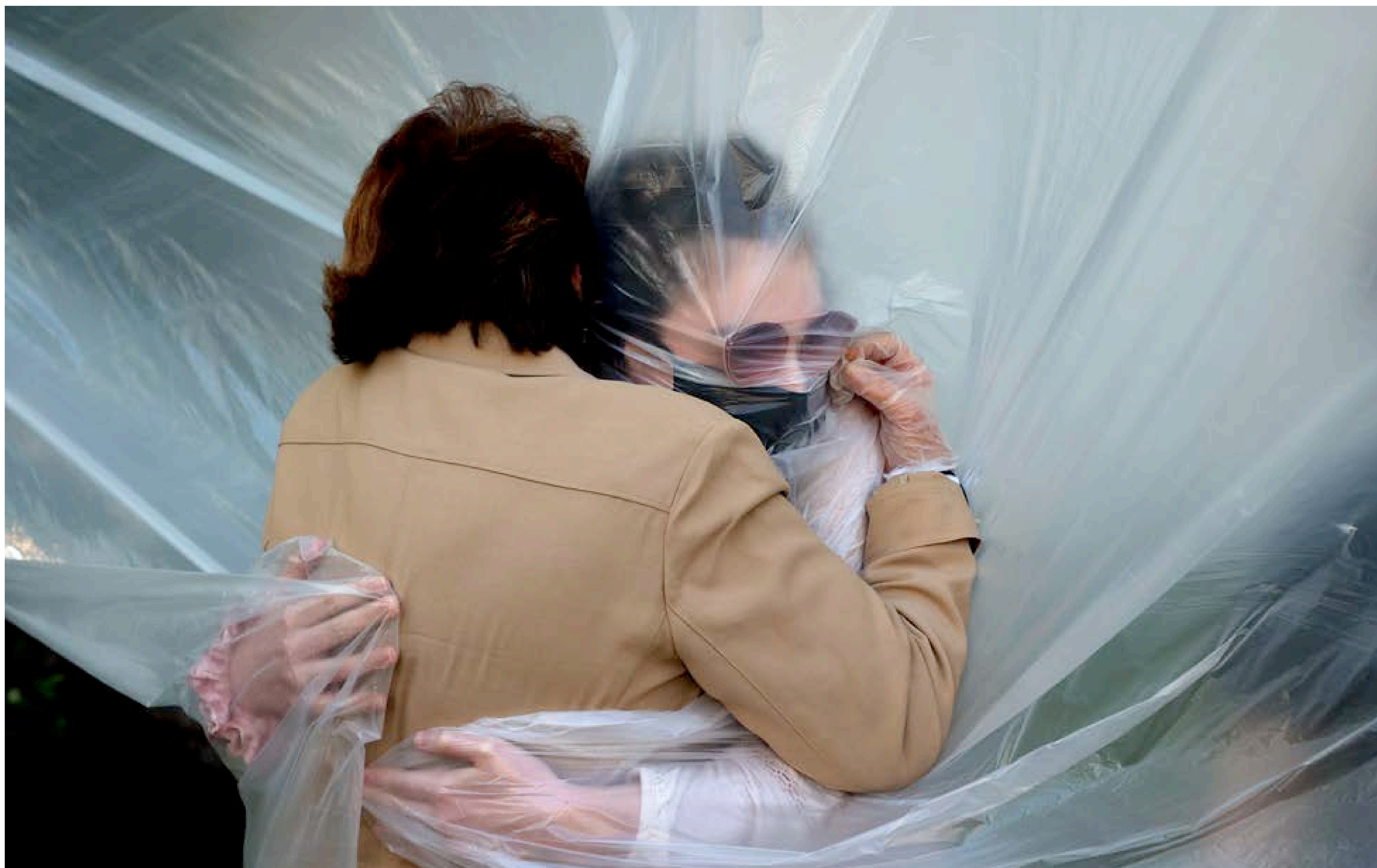
Em um jogo de tudo ou nada, centros de estudo ao redor do globo se aliaram para trocar informações e ideias sobre o novo patógeno. No Brasil, apenas dois dias depois da confirmação do paciente zero, deu-se o sequenciamento do genoma viral do microrganismo. Uma das responsáveis pelo trabalho de detetive, a médica Ester Sabino, professora da USP, se preparava para estudar uma outra doença quando a catástrofe explodiu. "Estava tudo pronto em nosso laboratório porque achávamos que haveria uma



** Dados atualizados até 17 de fevereiro de 2025

Fontes: *Our World in Data, Instituto Butantan e Ministério da Saúde*

Telegram @clubederevistas


AL BELLO/GETTY IMAGES

SAUDADE Criatividade: diante da insegurança do contato, até abraço com plástico buscou driblar a disseminação viral

grande epidemia de dengue em 2020", diz. "Por isso, conseguimos sequenciar rapidamente aquele novo vírus". As descobertas se somaram às de outros milhares de cientistas em plataformas abertas na internet que propulsionaram o desenvolvimento de testes, remédios e imunizantes.

Desde o princípio, sabia-se que a confecção de uma vacina seria decisiva para impedir mortes e, aos poucos, achatar a curva pandêmica. Enquanto uma fórmula segura e eficaz não vinha à tona, restou à humanidade se engajar no isolamento social. Nascia a era das lives diárias e do home office. Em casa, o público que antes lotava estádios conheceu a residência de artistas favoritos. Um dia era a cantora Ivete Sangalo cantando e pulando de pijama, em

Telegram @clubederevistas


JONNE RORIZ/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

TRAGÉDIA Manaus: pacientes morreram por falta de oxigênio

outro uma emblemática apresentação de *You Can't Always Get What You Want* com cada integrante da banda Rolling Stones tocando em quadrado virtual, porque nem sempre podemos ter tudo o que queremos. Fechados fisicamente, escolas e escritórios migraram para o ambiente digital, assim como os encontros familiares, que se estenderam às janelas dos carros e ao icônico abraço numa trama de plásticos entre netos e avós. Era o "novo normal".

Vivia-se à busca de algum consolo, de mãos dadas com a tecnologia, atalho para humanizar dolorosas partidas. O pneumologista Artur Codeço, que atuou no hospital de campanha erguido no Estádio do Pacaembu, na capital paulista, testemunhou experiências inimaginá-

Telegram @clubederevistas



LECO VIANA/THENEWS2/ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

A PRIMEIRA VACINADA

A enfermeira **Monica Calazans,** de São Paulo, inaugurou a imunização contra a covid-19 no país ao receber uma dose da CoronaVac, em janeiro de 2021, oferecida numa parceria entre um laboratório chinês e o Butantan. "As pessoas querem saber de onde veio a vacina, mas o vital é que ela salvou vidas", diz.

veis. "Prestes a intubar o paciente, fazíamos videoconferências com os parentes", recorda. "Alguns diziam que ia ficar tudo bem, outros pediam para a família seguir a vida, e também tinha aquele que avisava: 'Olha, tal coisa está naquela gaveta'." Diretor médico de Cuidado Integrado e Acessível do Einstein, Codeço convivia com a morte e o temor da contaminação enquanto aguardava a chegada do segundo filho. Agora brinda a conquista da telemedicina, que enfim foi regulamentada depois da tragédia, ao mesmo tempo que guarda a memória das perdas, inclusive a de um tio no Rio de Janeiro que ele acompanhou a distância. "A pandemia ensinou que nada é mais importante do que a nossa saúde", afirma.

Telegram @clubederevistas


GETTY IMAGES

NOVO NORMAL Era das lives:
os Rolling Stones, cada qual em sua casa

Sobreviver aos episódios críticos em UTIs era algo festejado como um milagre a ser compartilhado nas redes sociais. Hoje com 92 anos, a cirurgiã Angelita Habr-Gama, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, foi uma dessas pessoas que se salvaram após uma temporada de desafios dentro de um hospital. Logo no início da pandemia, ela havia retornado de um congresso em Israel com tosse e mal-estar. O quadro progrediu para falta de ar, e Angelita foi levada às pressas para a unidade de terapia intensiva. “Fiquei intubada por 52 dias e tiveram de fazer um corte na minha traqueia para que eu pudesse respirar”, lembra. “Dormi com a sensação de que ia morrer. É como se fosse um período que desapareceu da minha vida.” Seu

Telegram @clubederevistas

despertar era aguardado com ansiedade pelo marido e pela equipe que a acompanhava. “Tive a sensação de renascer”, diz. De volta ao trabalho, a professora deparou com o negacionismo científico, mas nunca desanimou: “Sempre existe oposição ao conhecimento, mesmo que ele seja extraordinário.”

Havia um cabo de guerra em curso. De um lado, os defensores da ciência lutavam para estancar a propagação do vírus clamando pelo distanciamento e o uso de máscaras e, depois, pela adesão às vacinas. Do outro, políticos, profetas de jaleco e influenciadores propagavam, na velocidade da internet, falsos tratamentos — do kit covid de vitaminas à cloroquina — e difamavam os imunizantes tão logo eles chegavam. Governantes encamparam o desserviço e o caos. De Donald Trump, hoje de volta à Casa Branca com seus asseclas antivacina, a Jair Bolsonaro, que chamou a doença de “gripezinha”, imitou pacientes agonizando com falta de ar e atrasou o início da vacinação no país — sandices inaceitáveis pelas quais ainda não foi julgado.

Como uma dose de esperança em meio ao pânico, em 17 de janeiro de 2021, uma enfermeira com o diagnóstico de diabetes e hipertensão se tornou a primeira pessoa vacinada no Brasil. Funcionária da UTI do Instituto Emílio Ribas, em São Paulo, Monica Calazans vinha perdendo pacientes para o vírus exatamente devido à ausência de uma arma capaz de freá-lo. A picada no braço com a vaci-

Telegram @clubederevistas



ARQUIVO PESSOAL

LINHA DE FRENTE

O pneumologista **Artur Codeço** atuou no hospital de campanha do Pacaembu, em São Paulo, e trabalhou quase sem dormir, em um cenário de guerra, viabilizando telechamadas entre pacientes em isolamento e seus familiares. “A carga emocional era extrema”, recorda.

na CoronaVac, distribuída pelo Instituto Butantan e apoiada pelo então governador de São Paulo, João Doria, só não foi mais especial que o nascimento do filho. “Foi o segundo dia mais marcante da minha vida, porque pude provar que a única coisa que tínhamos de fato para combater o vírus era a vacina”, diz. Vacinas, que, diga-se, foram consideradas seguras e eficientes em sucessivos estudos.

Com 58 anos e funcionária de uma faculdade, agora teme as decisões que podem ser tomadas em futuras epidemias. “O horizonte é incerto diante do negacionismo e das atitudes de quem tem poder de decisão”, afirma. Ela virou personagem iluminada, no avesso de episódios terríveis, marcos da estupidez, como o das vítimas da falta

Telegram @clubederevistas

de oxigênio em hospitais do Amazonas, em 2021. Sim, brasileiros morreram sufocados devido à inépcia de governantes. Mesmo com a vacina no braço do povo, o vírus não arrefeceu de imediato, sofrendo mutações e picos de transmissão. Estávamos em guerra com mecanismos da própria natureza. E, muito além das infecções, abrandadas por imunizantes e os novos medicamentos, ganharam evidência as sequelas da covid-19. Segundo o mais recente levantamento do Ministério da Saúde a respeito da doença, quase 20% dos infectados apresentaram sintomas persistentes semanas ou meses após o ataque viral — de ansiedade a fadiga.

Qual é, por ora, o legado de tanta dor? A ciência, a colaboração e a solidariedade venceram, ainda que o preço pago durante o processo tenha sido imensurável por se tratar de vidas. A vitória, contudo, traz lições preciosas demais para serem soterradas — lições particularmente relevantes para as autoridades. "É preciso se preparar e investir antes de o problema aparecer, para ter a resposta adequada", diz Mariângela Simão, presidente do Instituto Todos pela Saúde, diretora de acesso a medicamentos da OMS durante a crise. As lembranças pandêmicas podem até soar distantes, a memória é seletiva, mas aquele período assombroso segue vivo, a iluminar os erros, acertos e rumos da humanidade. ■

ALÔ, ARTE CHAMANDO





DIAL-A-POEM

0800-01-76362

REALIZAÇÃO: 



APOIO: 

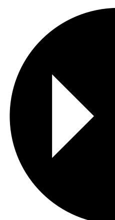
Telegram @clubederevistas

NO PRINCÍPIO ERA O CLIQUE

As mais variadas doutrinas investem nas redes sociais, especialmente o TikTok, para divulgar seu credo, livres para escolher com quem e como seguir as pregações **VALÉRIA FRANÇA**

PEREGRINAS
Fiéis promovem símbolos católicos: fotos com os afrescos da capela

TIZIANA FABI/AFP



Telegram @clubederevistas

FIÉIS QUE VISITAVAM recentemente uma capela em Lucerna, na Suíça, conseguiram falar com Jesus Cristo. Não foi uma aparição messiânica. Na verdade, o público presente no templo conversou com um avatar criado por inteligência artificial (IA), e do diálogo dirimiu dúvidas em torno da crença cristã. Esse robô é um bom exemplo de como a digitalização da fé é um fenômeno. Um dos campos mais férteis para a pregação são as redes sociais. Ali, brotam ofertas ecumênicas para as mais diversas vertentes espirituais, e muitas vezes os deuses coram de vergonha. No chinês TikTok, que por milagre ressuscitou nos Estados Unidos de Donald Trump, tem de tudo um pouco, de missas a homilias, de pregações e lugares-comuns. As hashtags #jesus e #islam, juntas, já ultrapassam 1,2 trilhão — trilhão! — de visualizações.

Há canais para todos os credos. No YouTube, um curso a distância promove formação em umbanda, a religião afro-brasileira que mistura o culto aos orixás com elementos de religiões ocidentais, que dá direito a certificado de conclusão. No Instagram, padres vendem desde viagens de peregrinação pela Europa — que se autopromovem rapidamente com o compartilhamento das imagens dos seguidores — até aulas sobre como se preparar para o fim do mundo, que virá, garantem eles. É uma revolução só comparável à de quando o alemão Johannes Gutenberg (1398-1468) criou o sistema ocidental de impressão por tipos móveis, escolhendo a *Bíblia* para ser o primeiro livro confeccionado pelo

Telegram @clubederevistas



ARNAUD FINISTRE/AFP

NA RIBALTA Jasseron: padre presbiteriano deixou a batina depois das críticas

método inovador. Era um misto de obrigação com o seu empregador, o Sacro Império Romano-Germânico, e desenvolvida visão de futuro.

A aposta de Gutenberg foi certeira. Mais de 3,9 bilhões de exemplares bíblicos, em 3 000 idiomas, já foram vendidos no mundo. “Antes, os escritos sagrados estavam nas mãos só de pequenos grupos religiosos”, diz Silas Guerriero, professor da pós-graduação em ciência da religião, na PUC-SP. Tratava-se, naquele tempo, de conhecimento exclusivo do papa e de seus cardeais, guardado a sete chaves, em narrativa costurada com esmero e inteligência por Umberto Eco em *O Nome da Rosa*.

Telegram @clubederevistas

Com o tempo, é natural, depois de Gutenberg, vieram o rádio, a televisão e o computador. Casamentos, funerais e missas puderam ser transmitidos ao vivo ou em gravações de excelência. Hoje, contudo, houve salto exponencial — o que não significa a morte de folhetos e livros, que ainda pululam, e é bom destacar a existência, no Brasil, de uma editora, a Paulinas, fundada em 1931 e que segue firme no mercado. “Mas a religião, é bom saber, sempre esteve de mãos dadas com as revoluções midiáticas”, diz Ricardo Hida, pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autor do livro *Rituais Online.*

Os efeitos são nítidos. O alcance da devoção eletrônica é imenso, e muita gente que jamais pisaria em teto religioso pode receber as mensagens. Cai também o distanciamento professoral e arrogante, e o linguajar simplificado pode ajudar a atrair, em resposta democrática. Vale lembrar ainda da relação íntima entre a atual onda e a pandemia de covid-19, que acelerou mudanças *(leia a reportagem “Tão perto e tão longe” nesta edição).* Mesmo antes do distanciamento social imposto pelo vírus, as empresas, em geral, já tinham acelerado a chamada transformação digital. As igrejas, que também são negócios bem-sucedidos, seguiram a tendência. Nos lockdowns, as pessoas foram proibidas de frequentar reuniões sagradas para impedir a disseminação da doença. Rapidamente todas as vertentes abriram alguma extensão digital para atendimento, até aquelas que pareciam impossíveis de funcionar a distância. É o caso do espiritismo

Telegram @clubederevistas


FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

REVOLUÇÃO A *Bíblia* de Gutenberg: a tecnologia de impressão a serviço da fé

e da umbanda, que envolvem processos mediúnicos, mas hoje interagem por meio da máquina, seja um computador, seja um smartphone.

Direto ao ponto: as redes sociais empoderaram o chamado baixo clero, o que às vezes provoca ciumeira na alta hierarquia. Foi o que aconteceu com o padre presbiteriano mais famoso da França, Matthieu Jasseron, de 40 anos, com 1,2 milhão de seguidores no TikTok. No fim do ano passado, ele anunciou que havia pendurado a batina, criticado pelos superiores, que o consideravam vaidoso em demasia. “Tenho uma fé prática”, justificou. “Ao contrário da Igreja, que mais parece um partido político, onde vale mais o sucesso de quem manda do que fazer o bem comum.” No Bra-

Telegram @clubederevistas

sil, entre os líderes de cliques religiosos está a budista Monja Coen, que reúne 3,2 milhões de seguidores — muitos deles católicos, espíritas, evangélicos e judeus, que se sentem livres nas redes para flertar com novos caminhos. Sem a necessidade de presença física e com o anonimato garantido, cada um constrói a própria prática religiosa, sem preconceito. É uma forma de professar a fé, sem se submeter a regras imutáveis. Há muito de pecado trafegando no mundo digital na forma de curandeirismo, daí a necessidade de separar o joio do trigo. Mas em um aspecto, sim, a velocidade da internet pode ser benfazeja: como púlpito moderno. ■

Telegram @clubederevistas

BOB WOLFENSON





NÃO SABIA QUE TINHA UMA DOENÇA

A jornalista Barbara Gancia, de 67 anos, relata como superou o alcoolismo e redescobriu sua vida desde então



MINHA MÃE CONTA que a primeira vez que bebi foi aos 3 anos de idade, o que depois se repetiu aos 6 e aos 9. Quando trago esse assunto no meu livro *A Saideira (cuja nova edição, revista e ampliada, acaba de ser lançada pela Editora Matrix),* crio muito alvoroço, porque as pessoas pensam que comecei a beber na infância. Não é bem assim: gosto de citar essa história porque, no alcoolismo, a genética é bastante significativa. Os aspectos social e ambiental têm, sim, relevância, mas é essa herança que define se você vai gostar ou não de beber e a sua tolerância aos goles. É claro que cada caso é um caso, mas, com frequência, a gente começa a beber porque sente que aquilo é gostoso.

Veja, eu estudei em uma escola inglesa e lá a cultura era beber... Se você não bebia, ficava de fora. Eu era ansiosa, tí-

Telegram @clubederevistas

mida, mas lembro que, quando tomei meus primeiros drinques, logo virei a dona da festa. Para mim, foi uma questão de reafirmação. Era mais prazeroso sair para dançar, ouvir música, fazer sexo... A bebida tirava as barreiras.

O momento em que você percebe que tem um problema é difícil, e a gente sempre tenta negociar. Você fala: "Vou parar de beber cachaça, vou chegar na festa mais tarde, vou tomar doses a menos". Mas não consegue. O álcool nos derrota todas as vezes. Constatar isso machuca. Até que em um momento notei também que eu era realmente uma bebedora problemática. Criava encrenca, dava piti, ficava escandalosa e violenta. A culpa que carreguei era muito grande. Fiz minha família sofrer demais. Me envolvi em um acidente de automóvel e perdi a visão de um olho. Não tem como reparar a dor que tudo isso causou aos meus pais. Eles acordavam de madrugada e, quando viam que eu não estava em casa, pediam para um irmão ir até o Hospital das Clínicas e outro ao IML me procurar.

No fundo, esse é um negócio que até hoje é difícil de superar. Não por acaso, o primeiro dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos é reconhecer que somos impotentes perante o álcool. Outro é fazer um inventário e pedir desculpas. Quando eu completei o questionário e me disseram que tinha um problema, foi um alívio. Queria parar, mas não sabia que tinha uma doença. Só achava que era uma mau-caráter sem força de vontade que não conseguia cumprir com as próprias palavras. Recaía, e essa se torna-

Telegram @clubederevistas

va uma viagem solitária. E seus amigos... Bem, eles acham que você não passa de uma idiota.

Decidir parar também não é fácil. Me internei contra a vontade da minha família. Eles diziam que aquele era um lugar cheio de malucos e que eu não era alcoólatra. Quando cheguei lá dentro, um cara me disse que eu teria que mudar de amigos, lugares e hábitos. Eu rebati: “Ah, só isso?”. Imaginei que fosse impossível, mas as coisas vão mudando aos poucos e naturalmente. Você não vai mais ao boteco, para de acordar às 4 da tarde e aprende a botar algo no lugar da bebida: às vezes é uma caminhada, às vezes, um passeio com o cachorro.

Quando parei de beber, já não sabia mais quem eu era. Afinal, tinha bebido toda a minha vida adulta. Conheci uma mulher, com quem fiquei por anos, e, para me relacionar com ela, tive que me redescobrir completamente. Me transformei numa pessoa mais séria e menos insegura. O que me espanta é que o Brasil é um dos países que mais têm problemas com o álcool e ninguém fala disso. São doze óbitos por hora ligados à bebida. A gente precisa entender que isso tem a ver com política e reconhecer que há muito lobby envolvido. E é essencial trabalhar a prevenção. Eu escrevi o livro *(A Saideira),* porque era isso que eu gostaria de ter lido aos 25 anos. Quem enfrenta o alcoolismo necessita de um lugar onde possa encontrar respostas. ■

Depoimento a Luiz Paulo Souza

Telegram @clubederevistas

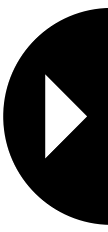
ENFIM, VIDA!

Depois de anos de promessas vazias e gastança de dinheiro público, a Baía de Guanabara renasce, embalada pelos investimentos feitos pelo capital privado

ERNESTO NEVES



CARTÃO-POSTAL Vista do Rio: obras de saneamento básico não aparecem, mas fazem a diferença



ANDRÉ PINTO/MOMENT/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

NÃO TEM SIDO FÁCIL. O biólogo carioca especializado em fauna marinha Ricardo Gomes intensificou nos últimos meses uma experiência que até pouco tempo atrás parecia um atestado de insanidade: mergulhar na Baía de Guanabara. Há anos, o belo cartão-postal da capital fluminense é considerado impróprio para banho por abrigar águas poluidíssimas. Recentemente, porém, a volta da vida marinha tem dado sinais de que finalmente, depois de muita promessa das autoridades, quimeras que soavam como disco riscado, a célebre enseada parece renascer. Na Praia de Botafogo é possível notar numerosos cardumes de badejo e garoupa. No Flamengo e na Urca assiste-se à multiplicação de tartarugas e cavalos-marinhos, baiacus e carapebas. Mas vem da Ilha do Governador, a maior surpresa. Ali, pela primeira vez, foi detectada a presença de um polvo pigmeu, atestado de boa qualidade da água, já que o molusco costuma ser avesso a qualquer tipo de impureza. “É emocionante presenciar tudo isso”, diz Gomes. “Nos últimos trinta anos, vimos a baía quase morrer.”

A impressionante mudança é resultado direto do aumento das obras de coleta e tratamento de esgoto na região metropolitana do Rio, que aos poucos vão pondo fim ao despejo clandestino de dejetos no mar. O impulso só se tornou possível graças à

12
BILHÕES DE REAIS
serão investidos até 2030 para coletar e tratar 90% do esgoto do entorno

Telegram @clubederevistas

aprovação do Marco Legal do Saneamento Básico, em 2020, que incentiva a participação do setor privado na prestação desse tipo de serviço. Outra medida a fazer a diferença foi a privatização da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), em 2021, que levou dinamismo e eficiência à operação. Assim, a desigual mancha urbana ao redor da Guanabara, onde cerca de 10 milhões de pessoas convivem alojadas em barracos e condomínios de luxo, passou a ser de responsabilidade da Águas do Rio. A empresa traçou um arrojado plano de recuperação que prevê investimentos da ordem de 12 bilhões de reais até 2033 para coletar e tratar o esgoto de 90% dos moradores — até agora, cerca de 3,5 bilhões de reais já foram empenhados. “O estado não tem capacidade de investir os recursos necessários” afirma Luana Pretto, presidente do Instituto Trata Brasil. “Somente com a participação do capital privado podemos resolver esse gravíssimo passivo ambiental.”

As mudanças a olhos vistos ocorrem graças a reformas perceptíveis apenas para quem acessa o subterrâneo da cidade. O Interceptor Oceânico, um túnel de 9 quilômetros de extensão, responsável por recolher grande parte do esgoto da Zona Sul da capital, ganhou capacidade máxima depois de um processo de limpeza que retirou mais de 3 000 toneladas de detritos. Com isso, o curso do fétido Rio Carioca, que antes despejava 300 litros de excremento por segundo na Praia do Flamengo, passou a ser captado.

Telegram @clubederevistas


RICARDO GOMES/INSTITUTO MAR URBANO

ELAS VOLTARAM Tartarugas: animais marinhos indicam a qualidade da água

O resultado é que essa faixa de areia, há décadas vetada para banho, permaneceu balneável durante todo o mês de janeiro, transformando-se numa das praias mais concorridas do verão, graças ao mar calmo e à vista deslumbrante do Pão de Açúcar. Ali do lado, a franja de Botafogo ainda alterna períodos próprios e impróprios por conta do Rio Banana Podre, que desemboca no oceano, mas já houve uma redução de 90% no despejo de coliformes. “Mais de 100 milhões de litros de esgoto pararam de cair na baía todos os dias”, diz Anselmo Leal, presidente da Águas do Rio. “Nossa meta é quadruplicar esse número.”

Segunda maior baía do país, com 412 quilômetros quadrados, a Guanabara é alvo de um programa de des-

Telegram @clubederevistas

poluição desde 1994, que já consumiu mais de 4,5 bilhões de reais sem, no entanto, apresentar grandes resultados. A ineficiência do modelo de gestão e a falta de capacidade das estações de tratamento falaram mais alto. Os Jogos do Rio, em 2016, representaram outra grande oportunidade perdida. Agora, sob administração privada, usam-se até satélites para identificar vazamentos. As obras têm efeito quase imediato graças à dinâmica da baía que renova suas águas em trocas constantes com o mar aberto a cada duas semanas.

A situação é mais crítica nos pontos em que ela avança em direção ao continente, onde se concentram os municípios da Baixada Fluminense e de São Gonçalo, que despejam o esgoto *in natura.* A ampliação da rede de estações de tratamento promete mudar o quadro. Na Ilha do Governador, a estrutura, que operava abaixo da capacidade, está sendo recuperada e o sistema de São Gonçalo deve ser inaugurado neste ano. Na Ilha de Paquetá, a meta de coletar e tratar 100% dos dejetos já foi cumprida. “Teremos praias limpas mesmo em regiões críticas”, diz Leal. Falta muito trabalho ainda, mas já podemos comemorar: a Baía da Guanabara volta, enfim, a respirar. ■

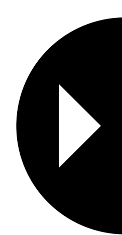
Telegram @clubederevistas

BRINCADEIRA VINTAGE

Para celebrar os 25 anos do lançamento do produto, volta ao mercado a versão original do *The Sims,* um dos jogos mais populares e influentes de todos os tempos **ANDRÉ SOLLITTO**



GÊNESE Pioneirismo em 2000: o game dava total liberdade ao usuário para decidir como viveriam os personagens



DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas

EM 1991, a região de Oakland, na Califórnia, foi afetada por um dos mais devastadores incêndios já registrados. Durante cerca de quatro dias, as chamas consumiram mais de 3 000 moradias em uma área de 620 hectares. Uma delas pertencia ao desenvolvedor de games Will Wright, na época com 31 anos, que mais tarde usaria o dramático episódio de recomeço forçado como inspiração para um dos mais populares e influentes jogos de todos os tempos. Lançado nove anos depois, *The Sims* chegou ao mercado com a premissa simples, mas funcional, de permitir que cada jogador construísse os personagens e suas casas e cuidasse das vidas digitais. Virou um fenômeno, vendeu mais de 11 milhões de cópias e manteve um público cativo ao longo dos anos. Agora, retornou em sua versão original, sem alterações, em celebração aos 25 anos do lançamento. A conclusão: em um mundo totalmente plugado, on-line, o carisma clássico ainda é valor de respeito, sempre influente.

The Sims Legacy Collection reúne não apenas o primeiro *The Sims*, mas também a continuação, *The Sims 2,* e dezenas de pacotes de expansão que agregaram elementos à diversão. A enorme variedade de cenários, decorações e outras personalizações faz parte do apelo dos games. Mas a grande inteligência foi ter oferecido liberdade ilimitada. *The Sims* pode significar respostas diferentes para cada uma das pessoas que se aventuraram por suas ruelas. Vale, portanto, a criatividade — eis o segredo. “Quando está dentro do *The Sims* é o usuário quem constrói o conjunto de regras”, diz Wright. “Dou a ele um brinquedo para que o transforme em jogo.”

Telegram @clubederevistas

Da caracterização física dos personagens até a visão progressista sobre relacionamentos sem rótulos ou expectativas de gênero, vários elementos contribuíram para o pioneirismo do *The Sims,* como se antecipassem o tempo de hoje. Os personagens não falam uma língua específica, mas um idioma próprio, e realizam funções cotidianas com exagero quase teatral, ao estilo de quem deseja aparecer nas redes sociais. "As emoções que podemos obter dos jogos são diferentes das do cinema ou dos livros", afirma Wright. "Dá para desenvolver temas como orgulho, culpa e trabalho em equipe." São sentimentos que só fazem sentido estando dentro da história, de modo quase real.



SEQUÊNCIA A versão 4, lançada em 2014: sucessivas atualizações de conteúdos, mas nada como a primeira

DIVULGAÇÃO

Telegram @clubederevistas


YOUTUBE @GALAGAMES

CRIADOR
O desenvolvedor Will Wright: a ideia nasceu depois de um incêndio em Oakland

No início, lembre-se, havia outras brincadeiras eletrônicas de imersão, e todas fracassaram. Só *The Sims* vingou com pompa. Antes de lançá-lo, Wright já era reconhecido como um desenvolvedor talentoso e de grande criatividade. Ele havia criado a série *SimCity*, um simulador que punha o jogador no papel de um planejador e administrador de cidades (deu certo, no começo, mas depois perdeu tração). Com o novo simulador, alcançou patamar extraordinário de popularidade. Mas acabou se afastando da fama. Lançou apenas mais um jogo, *Spore*, em 2008, e desde então trabalha em *Proxi*, ainda sem data de lançamento, sobre um simulador de inteligência artificial.

The Sims 2 saiu em 2004, já sem o envolvimento direto de Wright. O título mais recente da franquia, *The Sims 4*, brotou em 2014. Em 2022, passou a ser oferecido gratuitamente. Atingiu a marca de 85 milhões de usuários. Nenhuma das sequências, no entanto, tem o charme e a originalidade da primeirona versão. Revisitá-la agora só mostra força e longevidade. É a vida como ela era — ou é. ■

Telegram @clubederevistas



LUCILIA DINIZ

NEM SÓ DE PÃO VIVE O SER HUMANO

As tarifas americanas de Trump na balança alimentar

NO SEGUNDO DOMINGO deste mês, como acontece todo ano, os americanos se reuniram diante da tevê para assistir à final do campeonato de futebol americano. O evento mobiliza a nação, e a tradição abrange até os petiscos servidos para ver a partida. Mas, em 2025, uma das iguarias mais populares desse menu, o guacamole, se viu ameaçada. Isso porque, se o presidente Trump de fato aumentasse as tarifas impostas aos vizinhos do sul e do norte, o abacate e o tomate, centrais para o preparo, ficariam proibitivos para os americanos — o México é o maior exportador de ambos para os Estados Unidos, e o Canadá contribui com 20% dos vegetais consumidos no país. O impacto de medidas assim, porém, pode ir muito além de um snack eventual.

A ideia de um sistema alimentar “America First”, que priorize a produção interna dos EUA, esbarra em desafios logísticos e culturais. Afinal, o país pode até produzir o próprio trigo, mas não consegue cultivar todo o abacate que consome. Nem o morango, o pepino, o pimentão, a laranja. Mesmo os mirtilos para as *blueberry pies,* algo tão americano, não dão lá o ano todo.

Telegram @clubederevistas

Ao longo da história, o protecionismo muitas vezes bagunçou a mesa da população. No século XIX, leis que taxavam grãos importados pelo Reino Unido, a fim de fortalecer o trigo britânico, fizeram subir o preço do pão, ocasionando motins. No Brasil, um alimento bem menos básico quase levou o país a um conflito internacional. Falo do episódio que ocorreu entre 1961 e 1963, jocosamente apelidado de "Guerra das Lagostas". Elas são abundantes em águas nordestinas, como nós sabemos — e os franceses também. Tendo perdido suas colônias africanas, eles viram o estoque do apreciado crustáceo baixar e resolveram vir capturá-lo por aqui.

Com a atividade local ameaçada, o governo brasileiro reagiu, argumentando que as lagostas eram protegidas pela soberania marítima. A França revidou dizendo que, como elas saltavam, eram peixes, ficando fora dessa regra. Um comandante da Marinha do Brasil ironizou o drible: se era assim, então canguru era ave? A briga extrapo-

"Hoje, portanto, não é tão simples dizer: 'Se não têm guacamole, que comam cream cheese' "

Telegram @clubederevistas

lou a piada, com navios dos dois países se deslocando na região. Foi preciso envolver até a ONU para evitar que estourasse uma guerra de fato.

Medidas protecionistas não precisam chegar à beira de enfrentamento transatlântico para afetar a população. Seus efeitos tendem a ser mais imediatos — o que não impede que continuem sendo propostas. Em 2011, devido a uma restrição a laticínios importados, os noruegueses foram comprar manteiga na Suécia. Para os americanos, que importam muita fruta e verdura, uma política de taxação de importados pode, por exemplo, piorar a saúde pública, especialmente nos “desertos alimentares”, onde é mais fácil encontrar salgadinhos e refrigerantes.

E o impacto ultrapassa as fronteiras de lá. Se países afetados revidarem taxando produtos americanos, o custo desses aumentaria globalmente. No Brasil, isso significaria, por exemplo, pães e massas mais caros, pois importamos trigo dos EUA. E não só de pão vive o ser humano. A economia altamente globalizada moldou os padrões de consumo em toda parte. Hoje, portanto, não é tão simples dizer: “Se não tem guacamole, que comam cream cheese”. ■

Telegram @clubederevistas

O VERÃO DOS *HERMANOS*

Todo ano, a situação do câmbio define se brasileiros vão passar as férias na Argentina, ou vice-versa. Neste ano está claro: são eles que invadiram nossas praias

CAIO SAAD



PECHINCHA Turistas argentinos no Rio de Janeiro: temporada de lazer e compras a preços camaradas

SHUTTERSTOCK

A GANGORRA é bem conhecida: ora o peso argentino se valoriza, o real despenca e multidões de turistas da Argentina cruzam a fronteira para uma temporada de lazer e compras no Brasil, ora as moedas fazem movimento inverso e aí são os brasileiros que lotam cidades, vinícolas e encostas nevadas do país vizinho. O vaivém está documentado pelo menos desde o Carnaval de 1954, quando a ocupação de Florianópolis foi tamanha que os hotéis, sem vagas, tiveram de improvisar. "Eles vão enfiando camas nos quartos já ocupados", relata reportagem da finada *A Gazeta* naquele ano. Neste 2025, o pêndulo se inclina, mais uma vez, a favor das caravanas vindas do sul: enquanto em algumas praias catarinenses só se ouve castelhano na areia, em Mendoza, a joia do enoturismo argentino, a presença de brasileiros caiu 20% em relação a 2023. A situação atual do Brasil é a mais conveniente para os argentinos desde 2001. "Tchau, Villa Gesell. Olá, Rio de Janeiro", brinca o economista Nery Persichini, da GMA Capital, citando a cidade balneária da Grande Buenos Aires preferida dos jovens nas férias.

A combinação que favorece os turistas argentinos neste momento é a de inflação elevada (2,2% em janeiro), apesar da redução drástica promovida pelo governo de Javier Milei, com desvalorização do peso em ritmo controlado de aproximadamente 1% ao mês. Como a perda de valor da moeda é mais lenta do que a alta de preços, o consumo em dólares ficou relativamente mais barato para os argentinos em geral e uma pechincha no Brasil, onde o

Telegram @clubederevistas

real anda despencando. Resultado: aviões despejando argentinos em férias nos aeroportos brasileiros.

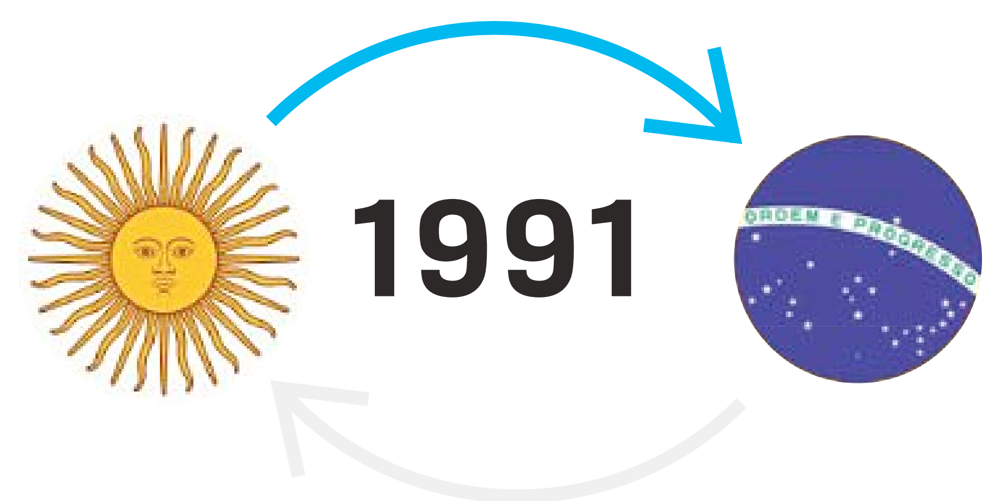
No quarto trimestre de 2024, refletindo a invasão da virada do ano, o número de turistas do país aumentou 33%, com o Rio Grande do Sul (85%) à frente, seguido de Santa Catarina (71%) e Paraná (17%). Portais e canais de TV argentinos ensinam como usar o Pix, o pagamento instantâneo brasileiro, que também vale para argentinos clientes de bancos digitais e foi imediatamente cooptado por eles *(leia mais na matéria "A globalização do pix")*. Tamanha é a onda que o secretário de Turismo, Daniel Scioli, ex-embaixa-

GANGORRA CAMBIAL

Nas últimas décadas, o peso argentino oscilou intensamente, influenciando diretamente o fluxo de visitantes nos dois lados da fronteira



FOTOS JAIME RAZURI/AFP; MARTIN HEER/EFE; GABRIEL ROSSI/LATINCONTENT/GETTY IMAGES; BUDA MENDES/GETTY IMAGES



*Para combater a hiperinflação, **Carlos Menem** equiparou a moeda nacional ao dólar, valorizando o câmbio*

Telegram @clubederevistas

dor argentino no Brasil, sugeriu que o governo da cidade de Buenos Aires atrasasse a data de retorno das férias escolares para depois do Carnaval, para impulsionar o turismo doméstico. A proposta não foi bem acolhida por educadores, mas houve quem a apoiasse, é claro.

Ao assumir o governo, em dezembro de 2023, Milei baixou um tratamento de choque na economia, com aperto dos gastos públicos, cortes de subsídios estatais e reajuste de tarifas de serviços públicos. As contas públicas se equilibraram e a inflação caiu dramaticamente, a um alto custo social: mais da metade da população — 52,9%, ou 25 milhões de argentinos — se encontra hoje em situação de pobreza. A consultoria PriceStats calcula que, em janeiro, uma cesta básica de alimentos e combustível na Argentina estava 19% mais cara do que no Brasil. Quem ainda tem dólares ou pesos para via-





Em meio à grave crise econômica, ***Fernando de la Rúa*** *acabou com a política de 1 para 1 e o peso despencou*

Telegram @clubederevistas

jar, porém, está aproveitando a conjuntura favorável para não só se divertir, como comprar tudo o que pode no Brasil. Nada que se compare à invasão dos anos 1990, quando Carlos Menem instituiu a paridade peso-dólar (*veja a linha do tempo abaixo*), mas, ainda assim, um movimento significativo.

Apenas em dezembro de 2024, 1,3 milhão de argentinos viajaram ao exterior, 76% a mais do que no ano anterior, sendo o Brasil seu principal destino, seguido de Uruguai e Chile. No mesmo período, o número de estrangeiros que visitaram a Argentina somou 951 000, um tombo de 25% em relação a 2023. E tome argentino fazendo a festa no comércio brasileiro, como no vídeo — que viralizou, claro — de uma multidão esvaziando as prateleiras da loja de material esportivo Decathlon em Florianópolis. “Há anos que a Argentina está cara, mas os





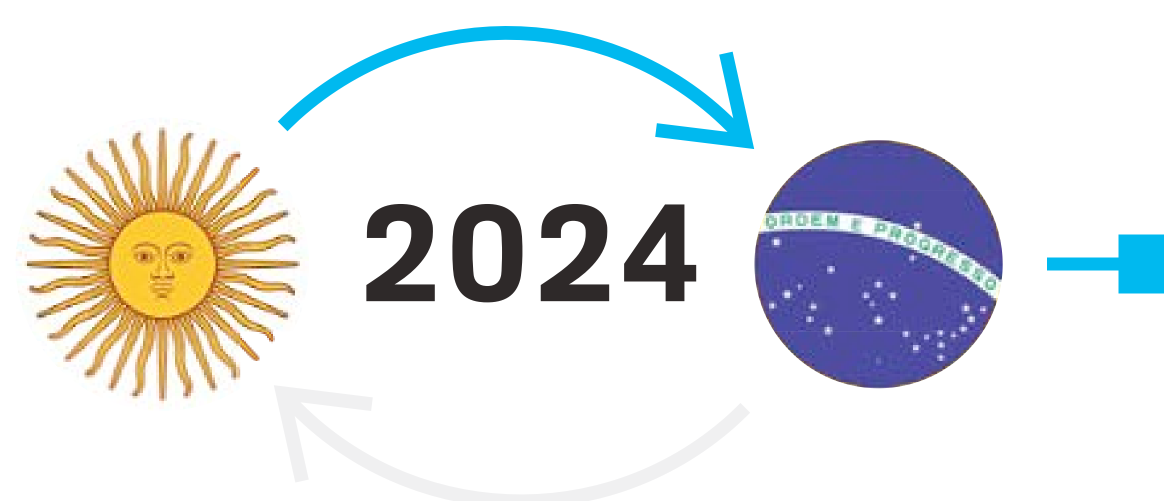
*A fim de honrar o pagamento da dívida, **Mauricio Macri** fechou um acordo com o FMI e a moeda americana disparou*

Telegram @clubederevistas

preços no Brasil são chocantes", diz o argentino Pedro Marín, que atraiu milhares de visualizações ao comparar uma lata de cerveja Patagonia vendida no Brasil a 8 reais, ou 1 500 pesos, e a 3 000 pesos em seu país.

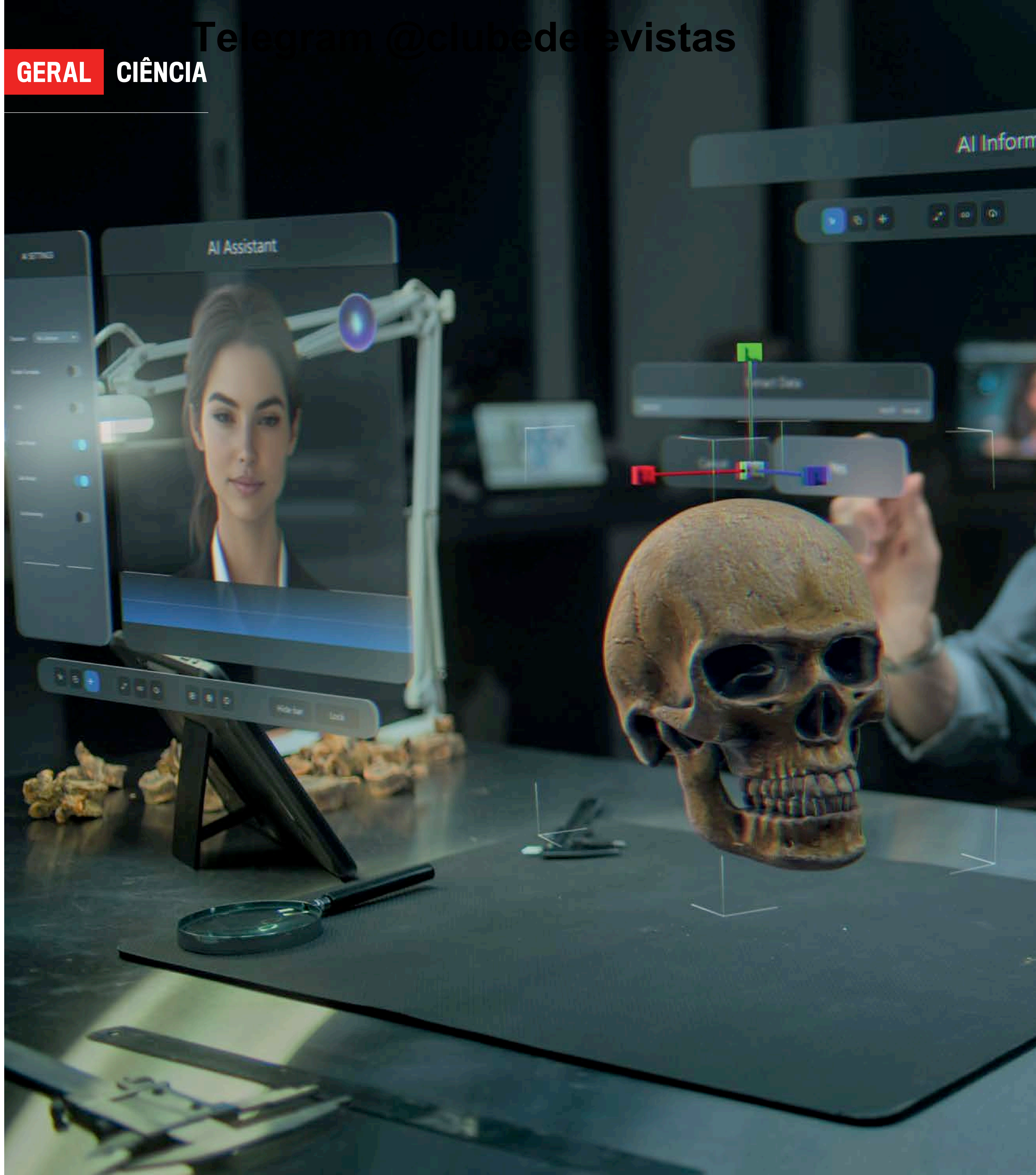
Segundo Danniela Eiger, diretora de Varejo da XP, os preços aqui estão cerca de 60% abaixo dos de lá. Forte na Região Sul, onde foi fundada, a rede varejista Havan está batendo recordes só com as compras dos argentinos. A filial na parte norte da ilha de Florianópolis dobrou o faturamento em janeiro, atingindo 140% da meta estipulada. Não resta dúvida: nas constantes idas e vindas das ondas de turismo entre os dois países, o *dame dos,* estribilho dos brasileiros que compram tudo em dobro ou triplo quando o sol cambial brilha do lado de lá, este ano fez as malas e se instalou na boca dos argentinos que circulam por aqui. ■





*Com corte radical de gastos públicos, **Javier Milei** recuperou a confiança dos investidores e o peso voltou a subir*

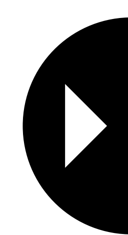
Telegram @clubederevistas



ISTOCK//GETTY IMAGES

ESCAVAÇÃO HI-TECH

Os recursos de tecnologia de ponta alimentados pela inteligência artificial inauguram uma promissora era na arqueologia, a caminho de resolver enigmas insolúveis **LIGIA MORAES**



Telegram @club



AVANÇO
Laboratório moderno: uma janela aberta para a Antiguidade

A ANTIGUIDADE já não é mais como costumava ser. Em um dos mais interessantes movimentos alimentados pelos recursos da inteligência artificial (IA) atrelados à ciência, brotam recursos de investigações arqueológicas — e o que antes parecia improvável virou possível, ao revelar enigmas por trás das camadas de poeira. As novidades surgem a todo instante. Exemplo mais recente disso foi o caso de um

pergaminho de 2000 anos reduzido a carvão pela erupção do Vesúvio, na Itália. Ele estava enterrado debaixo das cinzas da mítica cidade de Herculano. O documento parecia condenado ao silêncio, mas começou a falar.

A primeira palavra reconhecida foi o equivalente a “roxo”, em grego. Depois, em um processo batizado de desenrolamento virtual, a peça foi sendo traduzida. Há, agora, ao menos quinze trechos que, em futuro breve, serão costurados a ponto de entregar algo coerente. Combinando tomografia de alta resolução e um feixe de luz síncrotron — um tipo de radiação eletromagnética gerada por partículas aceleradas a velocidades próximas à da luz —, a IA ajudou os cientistas a esmiuçar nacos que podem marcar a inauguração de uma nova era.

É um divisor de águas comparável, na paleontologia, ao advento da datação por carbono-14, descoberta na década de 1940 pelo americano Willard Libby, ao perceber que a quantidade do elemento nos tecidos orgânicos mortos — um fóssil, por exemplo — diminui a um ritmo constante com o passar dos anos. “A IA resolve problemas extremamente complexos, como tornar os traços de tinta mais legíveis e identificar camadas individuais mesmo quando estão muito danificadas e sobrepostas”, disse a VEJA Brent Seales, professor de ciência da computação na Universidade de Kentucky, um dos mais reputados especialistas no tema.

O sucesso inicial com o pergaminho de Herculano é a ponta de um espetacular iceberg. Um grupo de pesquisa-

Telegram @clubederevistas



DIAMOND LIGHT SOURCE

BODLEIAN LIBRARIES

VANGUARDA O pergaminho e o aparelho usado para desenrolá-lo: feixes de luz, raios X e outros métodos modernos

dores da Universidade de Tel Aviv, em Israel, utilizou IA para recriar a planta da antiga cidade de Afula. Eles alimentaram um computador com mapas aéreos antigos, desenhos da cidade e outros dados arqueológicos, o que permitiu que o programa identificasse padrões e estruturas urbanos, possibilitando assim a reconstrução virtual de ruas e edificações.

Em outro caso, arqueólogos aplicaram IA, sempre ela, para decifrar tábuas de argila da antiga Ugarit, no que hoje

Telegram @clubederevistas

é o norte da Síria, com textos como cartas, receitas e mitos. A IA foi capaz de reconhecer os padrões, de modo a verter para o inglês documentos da antiga Mesopotâmia, escritos em acadiano. O sistema é capaz de traduzir tanto os glifos cuneiformes originais quanto as transliterações, representações desses sinais em escrita latina. O método consegue também reproduzir o estilo original, permitindo ao modelo identificar se um texto é administrativo, religioso ou de outro gênero. Vive-se, portanto, um período de acelerado desenvolvimento, como nunca antes.

O Brasil comemora um belo quinhão nessa aventura. Ancorados no celebrado sensoriamento remoto aerotransportado — o Lidar, na sigla em inglês —, pesquisadores do Norte estão mapeando sítios arqueológicos em regiões da Amazônia em risco ambiental, visando oferecer uma proteção mais efetiva. Há muito mais em camadas subterrâneas, atalho para compreensível empolgação. “A combinação de IA e escaneamento de alta precisão pode ser aplicada não apenas na leitura de textos antigos, mas também na reconstituição digital de peças danificadas e na análise de estruturas arqueológicas”, relatam, em trabalho reputado, Maria Isabel D’Agostino Fleming e Vagner Carvalheiro Porto, do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp) da Universidade de São Paulo (USP). “A arqueologia digital está nos levando a revisitar achados e reescrever a história.” É como uma ampla janela virtual que se abre para o passado. ■

Telegram @clubederevistas

O DESAFIO DO EQUILÍBRIO

Depois de Trump banir mulheres trans de competições femininas, entidade do atletismo pode seguir o mesmo caminho — nesse jogo, há muito preconceito e pouco bom senso **FÁBIO ALTMAN**



POLÊMICA A nadadora americana Lia Thomas: derrotada nos tribunais, foi barrada das competições de elite

MIKE COMER/NCAA PHOTOS/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

NO INÍCIO DO MÊS, cercado por meninas, crianças e adolescentes sorridentes, quase esfuziantes, Donald Trump assinou um decreto proibindo a participação de mulheres transgênero em competições esportivas femininas. A decisão anda de mãos dadas com um dos lemas mais agressivos, e de tom grosseiro, da campanha presidencial: “Manter os homens fora das competições femininas”. A Casa Branca pretende, depois de forçar escolas públicas a respeitarem as regras — embora alguns estados comandados pelo Partido Democrata já tenham demonstrando desconforto —, pressionar as federações esportivas e o Comitê Olímpico Internacional, o COI. Lembre-se que a próxima Olimpíada, em 2028, será disputada em Los Angeles. “A canetada de Trump pode expor os jovens a assédio e discriminação”, diz Kelley Robinson, presidente do grupo Human Rights Campaign, a maior ONG americana em defesa dos direitos LGBTQIAPN+. “O esporte, afinal, é um modo de inclusão, de aprender os valores do trabalho em equipe, dedicação e perseverança.” Por mimetismo, e complexo de vira-latas, a deputada bolsonarista Bia Kicis (PL-DF) prometeu se empenhar para acelerar um projeto semelhante que está parado na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal.

O movimento conservador imposto pelo presidente americano — que ultrapassa os campos, ginásios, pistas e piscinas, e pretende se espalhar por todos os setores da sociedade — pode ganhar, já na largada, um parceiro de

Telegram @clubederevistas



IAN MACNICOL/GETTY IMAGES

MULHER Caster Semenya *(à dir.):* discriminada por testosterona a mais

relevo: a World Athletics, a antiga Federação Internacional de Atletismo, se reunirá, no início de março, para endurecer ainda mais o acesso de pessoas trans às competições. De acordo com as normais atuais, introduzidas há um ano, qualquer atleta que tenha passado pela puberdade masculina é barrada de torneios para mulheres. Ancorados em pesquisas científicas, os cartolas chegaram à conclusão de que havia vantagem em força, resistência e capacidade pulmonar, mesmo depois de tratamento para suprimir a testosterona masculina. A ideia, agora, é realizar testes de saliva em todos os casos, mesmo para quem tenha iniciado a transição de gênero antes da puberdade, supondo que já na infância possam ter sido deflagradas as

Telegram @clubederevistas

diferenças de desempenho. O inglês Sebastian Coe, presidente da entidade de atletismo, foi direto ao ponto: “Nossas diretrizes acompanham as informações mais recentes disponíveis de modo a estabelecer justiça e nivelação na categoria feminina”.

É claro, as mulheres cisgênero podem sentir-se prejudicadas, e tem todo o direito de relevar incômodo — e o tema exige zelo e calma. Um estudo recente financiado pelo COI, encomendado para a Universidade de Brighton, no Reino Unido, dá uma ideia da complexidade do problema. Ele mostrou que atletas femininas transgênero tinham, sim, capacidade aeróbica ligeiramente maior na comparação com mulheres cis. Contudo, têm desvantagem na força dos membros inferiores e igual capacidade de oxigenação *(veja ao lado).*

Os dados, associados a outros trabalhos de relevo, põem em xeque a tese do benefício irreversível. Em algumas situações, aliás, o suposto favoritismo não se confirma na prática. Foi o caso da levantadora de peso neozelandesa Laurel Hubbard, primeira atleta trans de toda a história olímpica. Presente aos Jogos de Tóquio, em 2021, ela voltou de mãos abanando. Nem mesmo chegou às finais da categoria de mais de 87 quilos — segundo o senso comum, dado o histórico dela, a competidora deveria ser praticamente invencível numa disputa feminina. “As mulheres trans podem até ter desvantagens, dada a dificuldade de manter capacidade aeróbica e massa

Telegram @clubederevistas

FALSA VANTAGEM

A performance de atletas trans que fizeram tratamento hormonal não é claramente melhor do que a de mulheres cisgênero, indicam estudos recentes



DESEMPENHO PIOR

MENOS FORÇA NOS MEMBROS INFERIORES





NA MESMA

TAXAS DE HEMOGLOBINA — VETOR DE OXIGENAÇÃO DOS MÚSCULOS — EQUIVALENTES





DESEMPENHO MELHOR

CAPACIDADE AERÓBICA DISCRETAMENTE MAIOR

Fontes: *Universidade de Missouri-Kansas City, Universidade Batista de Hong Kong e Universidade de Brighton*

Telegram @clubederevistas



CHRIS GRAYTHEN/GETTY IMAGES

SEM MEDALHA A neozelandeza Laurel Hubbard, em Tóquio: fora das finais

muscular em corpos maiores", diz Joanna Harper, cientista esportiva, ela mesma trans.

O campo relativamente recente de pesquisas nessa área dá margem para que cartolas esportivos estipulem regras que soam como um ataque à briga por direitos humanos e pela diversidade. A nadadora americana Lia Thomas perdeu um processo movido contra a World Aquatics, a Federação Internacional de Esportes Aquáticos, um pouco antes dos Jogos de Paris, no ano passado. Excluída das competições classificatórias americanas, ela tentou reaver o direito de competir. Não conseguiu e, ao fim do julgamento, acabou banida das provas de elite. A política da World Aquatics determina que nadadores ho-

Telegram @clubederevistas

mens que fizeram a transição para mulheres só seriam elegíveis para competir nas categorias femininas se fizessem a transição antes dos 12 anos de idade ou antes de atingirem o chamado estágio 2 da puberdade, no qual ocorrem as mudanças físicas no corpo. Não foi o caso de Thomas, o que a desqualificou.

Em alguns casos, a falta de cuidado na tentativa de estipular regras nesse campo produziu injustiças. O episódio mais conhecido de ruído foi o da sul-africana Caster Semenya, bicampeã olímpica dos 800 metros em 2012 e 2016, que tem hiperandrogenismo, disfunção caracterizada por altos níveis de testosterona. Ela sempre enfrentou as críticas, e a Justiça ora a impedia de correr, ora a autorizava a fazê-lo. Em 2023, o Tribunal Europeu de Direitos Humanos entendeu que Semenya sofreu discriminação ao ser impedida de participar de competições femininas por se recusar a passar por um tratamento para reduzir o nível de testosterona. “Há uma premissa que não pode ser abandonada, a de que todo mundo tem direito à prática esportiva”, disse a VEJA o presidente do Comitê Olímpico do Brasil, Marco La Porta. “É básico e inegociável. No alto rendimento, contudo, há regras que precisam ser respeitadas, em nome do equilíbrio, a partir de orientações das confederações, e desde que exista real amparo científico.” O bom senso, como anota La Porta, é o correto. Convém esmiuçar os detalhes de cada modalidade e deixar fora do campo a cegueira ideológica. ■

Telegram @clubederevistas

ELA JÁ LEVOU

A caminho da cerimônia do Oscar, Fernanda Torres desfila o charme incontestável de uma mulher madura e bem-humorada, sem os exageros de Hollywood

SIMONE BLANES

PASCAL LE SEGRETAIN/GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas

POUCO IMPORTA se Fernanda Torres sairá de Los Angeles, no domingo de Carnaval, 2 de março, com a estatueta do Oscar. A Eunice do já clássico filme *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, a viúva do ex-deputado Rubens Paiva, morto nos porões da ditadura, em 1971, tem chamado atenção por onde passa e por onde pisa,


PASCAL LE SEGRETAIN/GETTY IMAGES


DAN DOPERALSKI/PENSKE MEDIA/GETTY IMAGES


INSTAGRAM @OFICIALFERNANDATORRES

ELEGÂNCIA A atriz de Chanel *(à esq.),* Dior, Olivier Theyskens e Burberry: a ideia era não estar longe demais da imagem pacata de Eunice

Telegram @clubederevistas

desde que deflagrou a campanha para atrair votos da Academia de cinema, desde que ergueu o troféu do Globo de Ouro. Aos 59 anos, madura e altiva, sem no entanto perder o sorriso contagiante e a alegre ironia dos tempos de juventude — quando ganhou a Palma de Ouro de melhor interpretação feminina em Cannes, por *Eu Sei que Vou Te Amar*, em 1986, e depois como a Vani de *Os Normais*, lançado pela Globo em 2001 —, ela desfila o poder da maturidade. Elegante, precisava não ofender a história de Eunice, mas também não poderia ser minimalista em demasia.

Era como se a personagem saísse da tela. Como, então, Eunice se vestiria? Eis a premissa a costurar o planejamento visual de Fernanda para as câmeras de quem as aponta para o frenesi de Hollywood. “O desejo dela era levar a personagem para além do que foi visto no filme”, disse a VEJA o estilista Antonio Frajado, responsável pelo guarda-roupa da atriz. “Funcionou porque há semelhança entre as personalidades.” Pode soar um tanto exagerado, mas é paralelo coerente, dada a discrição parecida de ambas.

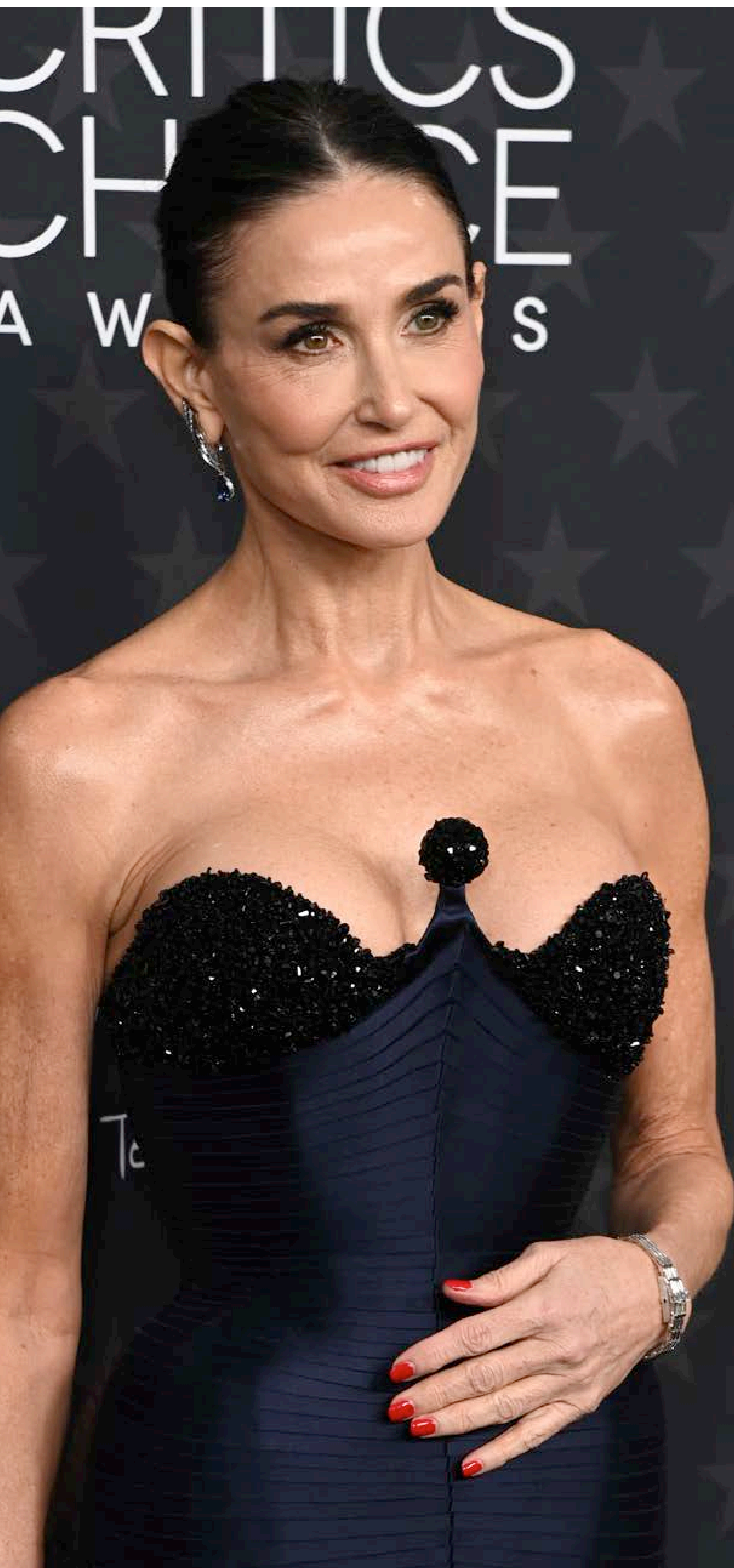
Funcionou, e muito. Do début no Festival de Veneza, em setembro do ano passado, onde usou um modelo assinado por Alexandre Herchcovitch, à noite do Bafta, apelidado de o “Oscar Britânico”, dentro de um vestido de alta-costura Dior, desenhado por Maria Grazia Chiuri, com um decote um pouquinho maior do que o habitual,

Telegram @clubederevistas

Fernanda nunca deixou de ser Fernanda. Entre um ponto e outro, foi de Olivier Theyskens, Burberry e Chanel — que ofereceu a ela um casaco-vestido inédito, na Semana de Moda de Paris, e que tão cedo não chegará às lojas. A peça já é conhecida como “o casaco de Fernanda Torres”. “Ela sabe exatamente o que quer usar, isso encanta”, diz Reinaldo Lourenço, autor de um modelo tubo de seda preta para o Festival de Toronto.

A crescente popularidade de Fernanda como ícone da moda também se reflete nas redes sociais, é natural. Seus looks são frequentemente comentados e compartilhados por admiradores, gerando debates. A atriz, no entanto, mantém postura discreta em relação ao capítulo como influencer, afirmando em entrevistas que “não fez nada, o filme apenas a colocou nisso”. A seu feitio, modesta, mas sempre atenta, sabe andar na contramão de alguns de seus pares na festa. Tome-se, como exemplo, Demi Moore, 62 anos, candidata por *A Substância* — adversária da pesada na disputa do Oscar. A americana fez carreira com figuras quase sempre sensuais, voluptuosas, de erotismo transbordante, características, aliás, que a afastaram dos prêmios, e que o próprio *A Substância* critica, de algum modo. E, contudo, na vida real, por hábito, talvez, ou imposição dos flashes, ela usa e abusa dos decotes, como seu viu durante o rega-bofe do Critics Choice. É o avesso da brasileira, charmosa de outro modo. “A roupa serve a Fernanda, e não o contrário”, diz Frajado.

Telegram @clubederevistas



JON KOPALOFF/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

RECEITA
Demi Moore: por hábito ou imposição dos flashes, dá-lhe decotes

A expectativa, em forma de segredo que vale 1 milhão de dólares, é saber o que o alter ego de Eunice vestirá na noite do Oscar. VEJA apurou que o modelo está sendo costurado em Paris, embora não se saiba a etiqueta. Deve ser preto, mas com detalhes que confiram algum glamour. Tudo para que, ao final da aventura de 2024 e 2025, ela possa repetir Eunice em uma das cenas mais bonitas de *Ainda Estou Aqui*, quando a mãe de cinco e marido desaparecido é abordada por um repórter fotográfico que lhe pede ar tristonho, uma foto "menos feliz". Ela se recusa a fazer cara feia, vira para os filhos e diz: "Nós vamos sorrir! Sorriam!". Assim é Fernanda Torres, chique no último. ■

Telegram @clubederevistas

A GÊNESE DE UM MITO

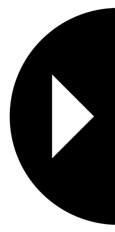
No filme *Um Completo Desconhecido*, um afinado Timothée Chalamet vive Bob Dylan do início como artista misterioso até um momento crucial da história da música

FELIPE BRANCO CRUZ



INSPIRADO Chalamet: encarnação perfeita e voz melhor que a do original

MACALL POLAY/DISNEY PICTURES



Telegram @clubederevistas

Segundos antes de Bob Dylan plugar sua guitarra em um amplificador no palco do Newport Folk Festival, nos Estados Unidos, em julho de 1965, o clima de tensão nos bastidores era quase palpável. Nos anos anteriores, o cantor e compositor havia se convertido no principal nome do renascimento da música folk, estilo tradicional americano cujos defensores puristas se negavam a aceitar o uso de instrumentos elétricos e consideravam o rock um gênero comercial e grosseiro. O clima, que já não era bom, se tornou hostil quando Dylan e o restante da banda iniciaram o show com *Maggie's Farm*, um blues com guitarras. A coisa ficou ainda pior no momento em que o pianista Al Kooper tocou, em um órgão, as primeiras notas da hoje clássica *Like a Rolling Stone.* Dylan recebeu uma vaia monumental de mais da metade das 15 000 pessoas na plateia, e os organizadores ameaçaram cortar os fios de energia com um machado.

A cena recriada no filme ***Um Completo Desconhecido,*** que estreia nos cinemas brasileiros na quinta-feira 27, é hoje um dos momentos cruciais da história do rock. O longa narra com frescor a gênese de um artista que dali em diante se tornaria um ícone — não apenas pela estupenda carreira musical e excelência como letrista, que fez dele o primeiro bardo popular a receber o Nobel de Literatura, em 2016, mas também pela persona enigmática que erigiu. Não por acaso, enfim, o longa está indicado a oito ca-

Telegram @clubederevistas

DISNEY PICTURES



DUPLA Monica Barbaro e Chalamet como Joan Baez e Dylan: relação complicada

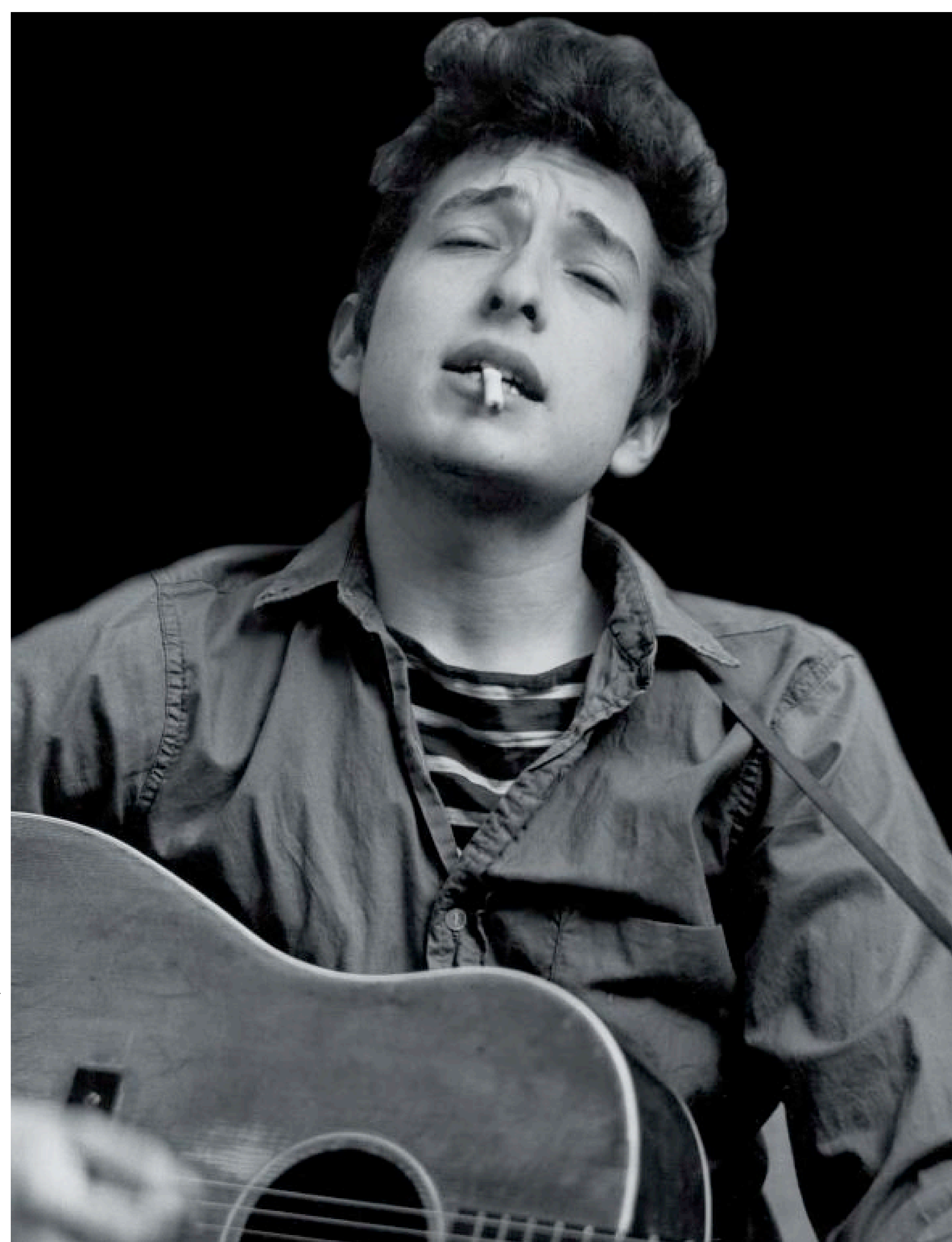
tegorias do Oscar, inclusive de filme do ano, diretor para o eficiente James Mangold, ator — pois Timothée Chalamet recria com perfeição os trejeitos de Dylan e chega a cantar, para muitos, melhor do que o original — e atriz coadjuvante — uma afinada Monica Barbaro convence na difícil missão de cantar como Joan Baez.

Um Completo Desconhecido resgata Dylan desde sua chegada a Nova York, no início dos anos 1960, até o fatídico show no Newport Folk Festival. "A pesquisa para esse filme se tornou uma obsessão para mim, um projeto em que fiquei mergulhado por mais de seis anos. *Blowin' in the Wind* ou *The Times They Are A-Changin'* permanecem relevantes até hoje", declarou Chalamet recentemen-

Telegram @clubederevistas

te. Foi no período retratado que Dylan, músico que jamais aceitou ser enquadrado em caixinhas de gênero, se tornou elétrico e fez um movimento essencial na evolução do rock: saíam as canções pueris e entravam músicas com letras densas e de protesto contra a Guerra do Vietnã, a ameaça nuclear e em defesa dos direitos civis. "Artisticamente, a década de 1960 foi um tempo fascinante de expansão cultural", diz o diretor Mangold.

Desde o início, mostra o filme, o jovem Robert Allen Zimmerman soube beber das melhores fontes musicais. Fã de Little Richard e Buddy Holly, ele passou a se interessar por folk na universidade, quando conheceu a música de Woody Guthrie (Scoot McNairy), cantor folk que compôs canções de protesto como a lendária *This Land Is Your Land*. Guthrie foi a razão de Dylan se mudar para Nova York. Ele queria conhecer o ídolo, que então estava em um hospital para tratar de uma doença neurológica degenerativa. Ao chegar no local, o jovem conhece Pete Seeger (Edward Norton),



MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

LENDA O jovem cantor: de ídolo do folk a "traidor" por eletrificar o gênero

Telegram @clubederevistas

músico responsável pelo movimento de resgate do folk. Impressionado com o talento de Dylan, Seeger abriga o cantor em sua casa, o apresenta a empresários e marca shows em bares da cidade.

Embora capte um período de poucos anos na longa carreira do artista, hoje aos 83, o longa ilumina como ele começou a construir uma aura misteriosa que ajudou a impulsionar seu sucesso — traço que se converteria em franca esquisitice com o tempo e que só foi alimentado com as tentativas de decifrar o enigma, como os documentários que Martin Scorsese fez sobre diferentes ângu-

TRÊS MOMENTOS INACREDITÁVEIS DE DYLAN

Em 65 anos de carreira, o ídolo cultivou com afinco sua persona enigmática – e alguns lances memoráveis resumem suas esquisitices:



NETFLIX

O DOCUMENTÁRIO "FICCIONAL"

A turnê *Rolling Thunder Revue,* de 1975, com Joan Baez *(foto),* foi registrada em um caótico documentário de Martin Scorsese, misturando realidade com histórias ficcionais. Uma delas é a razão da maquiagem do cantor, que mentiu ao dizer ter se inspirado na banda Kiss. Na realidade, o visual de palhaço veio do filme francês *Children of Paradise* (1945).

Telegram @clubederevistas

los de Dylan em 2005 e 2019. Quando despontava, ele fazia questão de ser lacônico sobre sua origem na pequena Duluth, no Minnesota. “Para prender a atenção, você precisa ser uma aberração”, chegou a dizer Dylan, levando a máxima às últimas consequências em momentos inacreditáveis na carreira *(leia o quadro).*

Embora simpático ao artista, o filme não deixa de mostrar um lado hoje polêmico: sua conduta no complicado triângulo amoroso com duas mulheres que mudariam sua maneira de ver o mundo. A primeira, Suze Rotolo, que no filme teve o nome alterado para Sylvie Russo (Elle Fan-

ACANHADO EM *WE ARE THE WORLD*

Em 1985, Michael Jackson, Lionel Richie e Quincy Jones reuniram um supertime para gravar uma canção para ajudar a África. Bob Dylan topou, mas, ao deparar com vozes muito melhores que a dele, travou e não conseguiu cantar no coro. Na hora de gravar seu solo, o músico foi para um cantinho reservado e só soltou o gogó com a ajuda de Stevie Wonder ao piano.



NETFLIX

Telegram @clubederevistas

ning), foi a responsável por despertar o interesse do cantor por temas sociais. É ela quem aparece abraçada com ele na capa de *The Freewheelin'*, de 1963, enquanto caminhavam pelo West Village, em Nova York. A outra é Joan Baez (Monica Barbaro), com quem faria uma prolífica e conturbada parceria musical e amorosa — e que sofreu horrores nas mãos do cantor. Numa cena, Dylan compara a música de Joan, uma das maiores vozes femininas da época, a "uma obra-prima exposta em uma sala de espera de um consultório dentário". Mesmo em sua gênese, o mito não era perfeito. ■



PASCAL LE SEGRETAIN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

A FALTA NO NOBEL

Em 2016, Dylan foi o primeiro (e até hoje o único) roqueiro a ganhar o Nobel de Literatura. O Bardo de Minnesota, no entanto, não foi à cerimônia de entrega da honraria, alegando "outros compromissos". Só não perdeu seu Nobel porque pediu para a amiga Patti Smith representá-lo. Ela leu um discurso do músico e cantou uma de suas canções.

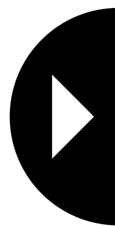
Telegram @clubederevistas

CIDADE DOS SONHOS

Meca do cinema e das ilusões, Los Angeles ganha sua tradução perfeita na obra de Eve Babitz, autora que narra sua vida de sexo, drogas e rock nos anos 70 em contos inéditos no país

MALUCA BELEZA
A autora: casos famosos e reflexões agudas sobre a fama

PAUL HARRIS/GETTY IMAGES

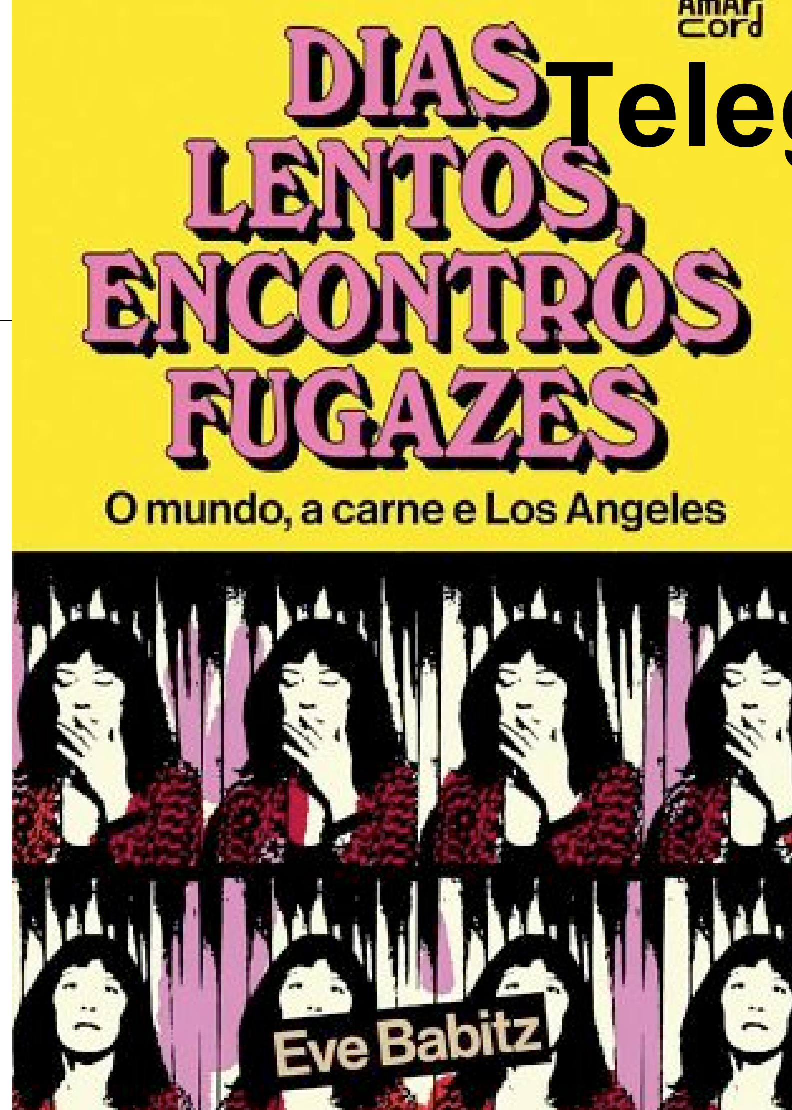


Telegram @clubederevistas

EM 1970, quando Janis Joplin vivia entre o auge da fama e a escalada do vício em heroína, a americana Eve Babitz (1943-2021) promoveu uma caça à musa da música em Los Angeles. Escritora e artista plástica, Eve queria criar a capa do próximo disco de Janis. Certa noite, foi ao estúdio onde a cantora estava gravando, mas encontrou-a adormecida num canto, indiferente aos decibéis que saíam da mesa de som. Dias depois, Eve fez nova investida — mas, ao chegar ao hotel onde Janis morava, a cantora jazia apagada numa boia dentro da piscina. Uma semana depois, Janis teve a overdose que tiraria sua vida aos 27 anos. Como narra num dos contos do altamente pessoal e delicioso ***Dias Lentos, Encontros Fugazes,*** as tragédias causadas pela heroína na Cidade dos Sonhos eram demais até para seu espírito livre, e explicitavam a difícil transição das mulheres na era da liberação. “Elas não estão preparadas para ter ‘tudo’, não o tipo de ‘tudo’ do sucesso”, escreve, entre a lucidez e o lamento.

De maneira talvez até mais aguda que Joan Didion, outra autora que personificou Los Angeles, Eve Babitz tinha autoridade para refletir sobre esse universo: ela própria esteve no olho do furacão da busca pela afirmação e por um lugar ao sol ali — e sobreviveu com brio. De beleza solar e inteligência social notável, foi amante de roqueiros e atores famosos que iam de Jim Morrison a Harrison Ford, posou nua numa célebre fotografia jogando xadrez com o *enfant terrible* da arte Marcel Duchamp — e, sobretudo, foi a maluca beleza que se amarrava em drogas como a cocaína e mil psi-

Telegram @clubederevistas



DIAS LENTOS, ENCONTROS FUGAZES, de Eve Babitz (tradução de Cecilia Madonna Young; Amarcord; 240 páginas; 64,90 reais)

cotrópicos. Assim, tornou-se símbolo da contracultura dos anos 1960 e 70 e imortalizou em seus livros a cidade de nascimento que amava mais que tudo, cenário do cinema de Hollywood e da mística do entretenimento em geral.

De modo sintomático, a atitude libertária frente à vida fez com que Eve demorasse a ser levada a sério como autora. Mas, se por anos o machismo e a hipocrisia tentaram rotular como fúteis seus relatos plenos de sexo, drogas e rock'n'roll, o tempo realçou suas qualidades literárias. Agora, a onda da autoficção amplia o interesse pelos dez contos de *Dias lentos, Encontros Fugazes*. Na obra de 1977 que ganha sua primeira tradução nacional, Eve mescla fatos e personagens reais à imaginação. Cada história se passa num lugar de LA, da mítica Sunset Strip aos arredores praianos e desérticos. Entre divagações sobre a qualidade dos Bloody Marys de um bar estrelado, pensatas sobre o vento árido de LA e passeios por festas onde se podia topar com Marlon Brando paquerando mocinhas hippies, Eve incute suas pensatas. "Toda arte se esvai, mas o sexo se esvai mais rápido", proclama. Nenhum lugar é mais sensual e ilusório que sua Cidade dos Sonhos. ■

Marcelo Marthe

Telegram @clubederevistas

FOFURA INOVADORA

No filme *Flow*, um gatinho com medo de água enfrenta uma inundação — desenho singelo e feito com pouco dinheiro, mas que esbanja criatividade, beleza e emoção

RAQUEL CARNEIRO



PROTAGONISTA O gato medroso: estrela do filme aprende a trabalhar em equipe e a superar desafios

PRIME VIDEO

Telegram @clubederevistas

A LISTA de habilidades do cineasta letão Gints Zilbalodis, 30 anos, é notável: além de diretor, ele é animador, compositor, roteirista, iluminador e editor. A gama de talentos, porém, esconde dilemas pessoais. Tímido, introvertido e ansioso, Zilbalodis se tornou autossuficiente como meio de evitar o confronto do trabalho em equipe. Desse receio, e de vários outros, nasceu o belíssimo filme ***Flow*** (Letônia/Bélgica/França, 2024), já em cartaz nos cinemas e indicado em duas categorias no Oscar — entre elas, filme internacional, ao lado do brasileiro *Ainda Estou Aqui*. Na trama, um gatinho cinza e antissocial, que tem medo de água, se vê obrigado a enfrentar seus fantasmas quando uma enchente toma sua casa. Para sobreviver, ele aceita a ajuda de um inusitado grupo de animais, formado por uma capivara, um cachorro e um lêmure, que se refugiam em um barco navegando à deriva — vale ressaltar que nenhum humano integra o elenco. Zilbalodis reflete na trama seus próprios temores: antes um artista solitário, ele transformou seu estúdio, Dream Well, em um espaço colaborativo e trabalhou, pela primeira vez, em parceria com um time de animadores em uma coprodução internacional. O resultado foi o melhor possível.



AS INDICAÇÕES

FILME INTERNACIONAL

ANIMAÇÃO

Telegram @clubederevistas



PRIME VIDEO

AUTENTICIDADE Técnicos de som e capivara: grunhidos de verdade

Elogiado e premiado em festivais, *Flow* surpreendeu ao conquistar o Globo de Ouro de melhor animação em janeiro, derrubando pesos pesados da indústria como *Divertida Mente 2.* O filme pop da Pixar custou 200 milhões de dólares ante humildes 3,7 milhões do longa independente. De cara, o feito louvável de *Flow* é desafiar os métodos estabelecidos (e caríssimos) de fazer animação. Essa arte acabou monopolizada por poucos estúdios com bala para investir nesse tipo de filme, que demanda anos para ficar pronto, além de equipes numerosas e alto investimento técnico — e tem retorno imprevisível nas bilheterias.

Flow cortou boa parte dos custos por ser inteiramente animado com auxílio de um software on-line gratuito chamado Blender, conhecido principalmente por profissionais que trabalham com animação, engenharia e arquitetura. Prático e ágil, o programa atendeu às necessi-

Telegram @clubederevistas



PRIME VIDEO

BICHARADA Os animais em cena: comportamento fiel à natureza

dades do diretor e de sua equipe de vinte pessoas. Outro desafio era a renderização — processo que finaliza digitalmente uma animação. A Pixar, por exemplo, renderiza seus filmes por meio de um supercomputador que combina a potência de 2 000 máquinas. *Flow* foi finalizado no notebook do diretor, façanha possível graças ao visual mais singelo das cenas.

As limitações da verba enxuta levaram a soluções criativas e técnicas prodigiosas. À primeira vista, *Flow* causa estranhamento pela qualidade difusa e pixelada da aparência de seus animais. A animação em 3D fotorrealista virou uma norma no setor ao apresentar animais com pelos e penas de alta resolução impecáveis e próximos aos da realidade. Para compensar sua simplicidade visual, os personagens de *Flow* emulam com fidelidade o comportamento animal, fazendo com que o público se identifique

Telegram @clubederevistas



DIRETOR Zilbalodis e o cão que inspirou o golden retriever do filme: medos pessoais refletidos na trama

ao reconhecer os movimentos e ações de bichinhos de seu cotidiano. “Nossos animadores foram pagos para passar horas assistindo a vídeos de gatos na internet”, brincou o diretor nas redes sociais, mostrando a ampla pesquisa sobre movimentação e expressões dos animais da trama.

Esqueça, ainda, os usuais bichos falantes como humanos. Outra sacada de mestre da produção foi gravar os sons diretamente das espécies retratadas — apenas a capivara, mais calada, não ajudou muito e teve sua voz natural aguda substituída pelo “falar” mais rouco e amplo de um filhote de camelo. Assim, toda a interação entre os personagens se dá com miados, latidos e grunhidos. No processo, cada um deles passa por transformações — este detalhe, sim, mais próximo do comportamento humano. O gatinho aprende a confiar nos demais, o cachorro a ser menos carente e dependente, o lêmure para de depender da aprovação de outros membros de sua espécie e a capivara, bem, essa só precisou continuar adorável. *Flow* esbanja fofura e inovação enquanto oferece uma belíssima viagem na tela. ■

Telegram @clubederevistas

PRAZERES ARTIFICIAIS

Puxada por *Acompanhante Perfeita*, uma nova safra de filmes repensa as relações entre humanos e androides: eles agora ensinam, quem diria, como somos imperfeitos

THIAGO GELLI



UTILITÁRIA *Acompanhante Perfeita:* nem tudo que é cômodo traz felicidade – e paz

WARNER BROS.

Telegram @clubederevistas

UMA LINDA mulher desfila pelos corredores do supermercado, conduzindo o carrinho de compras como se fosse mais um acessório de seu visual. O look é composto de tiara retrô e um vestido azul-bebê que lhe confere ares de inocência. A moça chama a atenção de um pretendente que por ali passa e, na tentativa de cortejá-la, derruba uma pilha de frutas no chão. A cena remete ao primeiro encontro ideal de qualquer romance de cinema, e é o ponto de partida para o enlace entre Josh (Jack Quaid) e Iris (Sophie Thatcher) no filme *Acompanhante Perfeita,* em cartaz no país. Mas essa *mise-en-scène,* tão familiar a comédias românticas da era hipster, é enganosa. Josh é somente um consumidor em busca de um produto providencial — companhia feminina. E a bela Iris vem a ser o produto em si: uma robô que mistura os afazeres de empregada doméstica, assistente pessoal, boneca inflável e, claro, namorada.

A sequência "romântica" no supermercado é homenagem a um clássico esquecido, *Esposas em Conflito* (1975), primeiro longa a imaginar que androides subservientes poderiam substituir donas de casa. De lá para cá, o tema ganhou profundidade filosófica e novas nuances tecnológicas em filmes como *A.I. — Inteligência Artificial* (2001), em que Steven Spielberg narra a história de um menino-robô programado para amar os pais, ou *Ex Machina* (2014), no qual Alex Garland fala de uma androide manipulativa. No momento atual, quando a inteligência artifi-

Telegram @clubederevistas


PRIME VIDEO

APRENDIZADO *O Homem Ideal:* mulher e máquina mudam para se relacionar

cial entrou de vez na pauta da civilização, uma nova leva de produções capitaneada por *Acompanhante Perfeita* faz refletir sobre as consequências para as relações humanas da possibilidade — cada vez mais concreta — de podermos substituir companhias de carne e osso por aparelhos feitos de chips e baterias de lítio. A robô do filme dá uma pista de como isso provavelmente se dará: Iris é produzida em massa e vendida por uma big tech, como se fosse um frugal iPhone ou a nova invenção da Tesla.

A androide e outros personagens similares refletem uma questão premente: a busca humana pelo prazer do mínimo esforço por meio da tecnologia, estabelecendo uma conexão com máquinas e algoritmos que termina re-

Telegram @clubederevistas

formatando nossos comportamentos. Tal e qual uma Alexa, a robô informa a previsão do tempo exata a qualquer momento, e adivinha gostos e necessidades do dono de forma que nada incomode o ego dele. Sua chegada, porém, atrofia a empatia e o intelecto de Josh, assim como um carro com piloto automático livra as pessoas de saber dirigir ou o ChatGPT torna dispensáveis aprendizados como fazer pesquisa e escrever. Quando a personagem se liberta das amarras e atinge o potencial completo da própria força e inteligência, tornando-se humana em essência, fica estarrecida ao perceber todos os atalhos tomados pelo amado, que nunca teve de pensar sobre como satisfazê-la, respeitá-la, ou enxergá-la para além do próprio reflexo. Forçada à violência pelo enredo, ela então se torna heroína de ação, fazendo o público celebrar suas peripécias contra os acomodados vilões humanos.

Efeito semelhante ocorre no terror *M3GAN* (2022), que ganhará sequência em 2025, no qual uma boneca equipada de inteligência artificial sai do



UNIVERSAL PICTURES

PERIGOSA
A boneca espevitada de *M3GAN*: lições às famílias sobre como não criar os filhos

Telegram @clubederevistas


PRIME VIDEO

INSINUANTE A atriz Megan Fox *(à dir.)* em *Alice:* real ameaça ao lar

controle e toma medidas drásticas para proteger a menina de quem cuida. Propositalmente cômico, o longa diverte e estimula simpatia pela assassina, ao fazê-la vitimar humanos frios e egocêntricos, que já deixaram os próprios interesses ofuscarem sua compaixão. Ao mesmo tempo, ela é um símbolo dos aparatos colocados entre crianças e seus guardiões, como as telas de tablets e celulares utilizados para hipnotizar e domar os pequenos.

Em suma, enquanto boa parte da ficção sobre androides e inteligência artificial explorou os temores da humanidade em relação à perda de controle sobre as máquinas, esses novos retratos impõem um debate diverso: o problema não são as máquinas, mas o egoísmo e a

Telegram @clubederevistas

inépcia humanos nas relações. Até o suspense trash *Alice,* lançado no final de 2024, contribui ao diálogo ao transpor clichês de *Atração Fatal* (1987) a uma robô doméstica com a cara de Megan Fox. Após sofrer alterações em sua programação, a personagem se torna obcecada pelo pai da família que a possui e recorre à sedução e a agressões para substituir sua esposa humana, se aproveitando de desejos que o homem jamais revelaria a outro ser da própria espécie, mas que se sente confortável em saciar com um corpinho de metal.

Nem tudo, porém, é pessimismo nessa seara. O drama alemão *O Homem Ideal* (2021) fala de uma antropóloga forçada a avaliar quão humanos são androides produzidos com o mesmo intuito daqueles de *Acompanhante Perfeita.* A relutância da personagem ao experimento e seu senso crítico, porém, resultam em outra dinâmica, na qual o parceiro-robô é forçado a evoluir e desobedecer ordens para criar uma relação genuína. Com isso, ele deixa de lado a perfeição de fábrica e torna-se algo mais próximo de nós, mortais. Na era dos prazeres artificiais, talvez até seja possível humanos e robôs evoluírem juntos. ■

Telegram @clubederevistas



TRAE PATTON/PARAMOUNT+

FAROESTE MODERNO A série *1923:* conflitos familiares embalados pela violência do Velho Oeste

TELEVISÃO

1923 – SEGUNDA TEMPORADA **(disponível no Paramount+ a partir de domingo 23)**

Ambientado quase um século antes dos acontecimentos do aclamado faroeste moderno *Yellowstone,* o prelúdio da trama criada por Taylor Sheridan se debruça sobre as origens da poderosa família Dutton, que precisa pegar em armas e lutar para sobreviver e prosperar numa América instável, marcada pela Lei Seca e pelo trauma da Grande Depressão. Com os pesos-pesados Helen Mirren e Harrison Ford de volta como o casal protagonista Cara e Jacob Dutton, a nova leva de episódios retoma os conflitos delineados na primeira temporada após quase dois anos de hiato, unindo a violência do Velho Oeste a intrigas familiares para narrar a jornada de um clã que tenta salvar seus negócios em meio a um inverno rigoroso e às ameaças de diversos inimigos.

Telegram @clubederevistas

TELEVISÃO

DIA ZERO **(disponível na Netflix)**

Na nova minissérie de Robert De Niro, o astro vive George Mullen, um ex-presidente dos Estados Unidos que se vê de volta ao centro do poder quando o país sofre um ataque terrorista cibernético. Durante um minuto, toda a energia e os meios de comunicação digitais são desligados, causando caos e desastres como acidentes aéreos. Popular entre a esquerda e a direita, Mullen aceita presidir a comissão que vai investigar o ataque que ceifou mais de 3 000 vidas. Em seis episódios, o thriller discorre sobre os novos perigos do mundo hiperconectado, o retrocesso social causado pela polarização política e o preço que se paga pela proximidade entre governo e grandes empresas de tecnologia.



THRILLER POLÍTICO
De Niro na série: ex-presidente em busca da verdade

NETFLIX

Telegram @clubederevistas



DISCO

FIELD: COMPLETE NOCTURNES, **de John Field e Alice Sara Ott (disponível nas plataformas de streaming)**

Os noturnos, peças românticas para piano, ganharam fama com Chopin (1810-1849), mas sua criação é creditada ao irlandês John Field (1782-1837), que compôs dezoito peças que fundaram o gênero — agora interpretadas pela virtuosa pianista germano-japonesa Alice Sara Ott, de 36 anos. Ott começou a explorar a música de Field na pandemia, quando também descobriu ter esclerose múltipla. Não à toa, produziu interpretações profundas e complexas, como em *N.9 em Mi Menor* e *N.14 em Sol Maior.* ■

Telegram @clubederevistas

FICÇÃO



1 **TEMPESTADE DE ÔNIX**
Rebecca Yarros [5 | 4] PLANETA MINOTAURO

2 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [1 | 36#] ARQUEIRO

3 **VERITY**
Colleen Hoover [2 | 145#] GALERA RECORD

4 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [7 | 4] RECORD

5 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [3 | 15#] ROCCO

6 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [10 | 132#] BERTRAND BRASIL

7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [6 | 118#] RECORD

8 **A CABEÇA DO SANTO**
Socorro Acioli [8 | 3#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [9 | 247#] VÁRIAS EDITORAS

10 **CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE**
Conceição Evaristo [0 | 1] PALLAS

Telegram @clubederevistas

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 19#] ALFAGUARA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 73#] VESTÍGIO

3 **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**
Carolina Maria de Jesus [3 | 70#] ÁTICA

4 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [5 | 19#] COMPANHIA DAS LETRAS

5 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [4 | 18#] COMPANHIA DAS LETRAS

6 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [0 | 48#] CAMELOT EDITORA

7 **FELIZ ANO VELHO**
Marcelo Rubens Paiva [0 | 3#] ALFAGUARA

8 **CÓDIGO-FONTE**
Bill Gates [6 | 2] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [8 | 80#] VÁRIAS EDITORAS

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [10 | 207#] ROCCO

Telegram @clubederevistas

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 19] VÉLOS

2 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 51#] ROCCO

3 **A ARQUITETURA DO VAREJO DO FUTURO**
Rodrigo Waughan de Lemos [0 | 1] GENTE

4 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 197#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [6 | 84#] ALTA BOOKS

6 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [4 | 67#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [8 | 147#] SEXTANTE

8 **NÃO COMEÇOU COM VOCÊ**
Mark Wolynn [0 | 1] ALTA LIFE

9 **A FORÇA DO SILÊNCIO**
Robert Sarah [0 | 1] FONS SAPIENTIAE

10 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [9 | 474#] SEXTANTE

Telegram @clubederevistas

INFANTOJUVENIL



1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 453#] VÁRIAS EDITORAS

2 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 36#] INTRÍNSECA

3 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [3 | 20#] MELHORAMENTOS

4 **EXTRAORDINÁRIO**
R. J. Palacio [4 | 131#] INTRÍNSECA

5 **MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [5 | 43#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

6 **AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA**
C. S. Lewis [9 | 10#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**
Lewis Carroll [0 | 1] VÁRIAS EDITORAS

8 **A ILHA PERDIDA**
Maria José Dupré [8 | 2] ÁTICA

9 **O MENINO DO DEDO VERDE**
Maurice Druon [10 | 8#] JOSÉ OLYMPIO

10 **AS AVENTURAS DE PRIMINHA IRRITANTE NO REINO DOS UNICÓRNIOS**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 11#] OUTRO PLANETA

Telegram @clubederevistas

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Selecta, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, Um Livro, WMF Martins Fontes



Telegram @clubederevistas

JOSÉ CASADO

DELÍRIO TROPICAL

FOI UMA segunda-feira atípica na Esplanada dos Ministérios. Naquele 2 de janeiro de 2023, vinte ministros, civis e militares, de Jair Bolsonaro se recusaram a participar da posse dos integrantes do novo governo — exceções foram o chanceler e o comandante da Aeronáutica. Seguiam o exemplo patético do chefe, que abandonara o país a menos de 48 horas do fim do mandato, supostamente para não cumprir o rito republicano de receber o sucessor eleito na Presidência.

Bolsonaro se refugiara em Orlando, na Flórida (EUA), em viagem milionária paga com dinheiro público e mordomias presenteadas por empresários do agronegócio. O telefone avisou sobre uma nova mensagem: “O plano foi complementado com as contribuições de sua equipe. Aguardamos na esperança de que será implementado”, dizia o major-brigadeiro Maurício Pazini Brandão.

Ex-diretor de Defesa e Segurança da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência, o engenheiro aeronáutico Brandão conquistara apreço de Bolsonaro no início da pandemia do coronavírus, em 2020. Ele manipulou estudos para refutar a política sanitária de isolamento social, sugerindo que o governo utilizasse a emergência nacional como



Telegram @clubederevistas

ponto de virada num projeto de poder — nas suas palavras, para "repensarmos a libertação do Brasil".

Diante da realidade de um novo governo no Planalto, Brandão apelou à orientação do chefe, agora vizinho do Pateta, ícone da Disney World: "Bom dia. A 'minha tropa' (hehehehe) continua com 'sangue nos olhos'... Desmobilizamos a tropa ou permanecemos em alerta?". Militantes continuavam acampados em frente aos quartéis nas maiores cidades. A resposta de Bolsonaro ainda não é conhecida.

Dois dias depois, na quarta-feira 4 de janeiro, o ajudante ordens do ex-presidente, Mauro Cid, recebeu em Orlando mensagem do tenente-coronel Sérgio Ricardo Cavaliere de Medeiros, do Comando Militar Oeste. "Ainda tem algo para acontecer?", ele quis saber. Cid respondeu com duas mensagens, apagadas em seguida, segundo o rastreamento policial. "Coisa boa ou coisa horrível?", insistiu Cavaliere. Cid retrucou: "Depende para quem. Para o Brasil é boa".

Caravanas estaduais chegavam ao estacionamento de radicais em frente ao Quartel-General do Exército, em Brasília. O presidente do Partido Liberal, Valdemar Costa Neto, alentava os radicais em vídeo nas redes: "Jair Messias Bolsonaro tem nosso crédito, tem nosso apoio, tem um significado incrível para o nosso país, e vai continuar tendo". No domingo ensolarado de 8 de janeiro, a mulher do coronel Cid viu a invasão organizada das sedes do governo, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. O ajudante de ordens escreveu-lhe: "Se o EB *(Exército Bra-*

Telegram @clubederevistas

“Anatomia mostra que o desenho do golpe frustrado começou na pandemia”

sileiro) sair dos quartéis… é para aderir”. Preso, Cid entregou a documentação do enredo do golpe frustrado em troca de imunidade familiar.

Agora, pela primeira vez, o país deverá assistir ao desfile no banco dos réus de um ex-presidente, 23 oficiais militares e uma dezena de civis graduados sob acusação de crimes contra a Constituição e o regime democrático, e até conspiração para assassinato do presidente, do vice e de um juiz do Supremo Tribunal Federal. A denúncia apresentada pela PGR na última terça-feira, 18, também fornece às Forças Armadas uma base jurídica para punição dos delinquentes fardados.

É o epílogo de um delírio político tropical. A anatomia desse desvario demonstra que o complô começou a ser engendrado no Palácio do Planalto logo no início da pandemia. Desde a primeira semana de março de 2020 estiveram no centro da trama Bolsonaro, os generais da reserva Walter Braga Netto e Augusto Heleno Pereira e os

Telegram @clubederevistas

delegados federais Anderson Torres e Alexandre Ramagem — deputado federal pelo PL e candidato derrotado à prefeitura do Rio no ano passado.

Torres, ministro da Justiça, estimulava o chefe no confronto aberto com o Congresso e o Judiciário. E deixava transparecer a interpretação rudimentar da Constituição que se tornara comum no gabinete presidencial: “A função de chefe de Estado está acima dos Três Poderes, como representante público mais elevado do País e principal articulador das vontades da população. A Presidência detém o monopólio do uso legítimo da força...” . Confirmava o escritor angolano José Eduardo Agualusa em leitura cirúrgica da natureza do “bolsonarismo”: “É um talibanismo numa versão tropical e carnavalesca, ou seja, ainda mais ridícula, mas não menos estúpida, violenta e potencialmente destruidora”. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

seleção

CASACLAUDIA & FRACALANZA

Since 1884



Linha Giulia antiaderente em alumínio com revestimento cerâmico | Foto: Alisson Henrique

Seleção Casa Claudia
Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir toda a seleção de produtos e saiba onde encontrá-los.



A Fracalanza é uma marca exclusiva da Full Fit.

fullfit_oficial
fullfitimport
fullfitimport

NCL NORWEGIAN CRUISE LINE®

Sua viagem pelo Caribe pode ser muito MAIS com a Norwegian

Aproveite as melhores ofertas em alto-mar durante as suas férias!



INCLUÍDO
OPEN BAR ILIMITADO
RESTAURANTES DE ESPECIALIDADE E MAIS

*TAXAS NÃO INCLUSAS. RESTRIÇÕES SE APLICAM.





Reserve hoje as férias dos seus sonhos!

experimente MAIS no mar™

Cruzeiro de 7 dias no Caribe desde Miami, Flórida
Harvest Caye, Cozumel e Roatán
Norwegian Encore® | *Nov 2025 - Abr 2026*



Cruzeiro de 7 dias no Caribe desde Miami, Flórida
Great Stirrup Cay e República Dominicana
Norwegian Aqua™ | *Out 2025 - Mar 2026*



Cruzeiro de 7 dias no Caribe desde Orlando, (Porto Canaveral), Flórida
Great Stirrup Cay e República Dominicana
Norwegian Aqua™ | *Abr - Ago 2025*



Ao reservar, utilize o código **VEJA2025** para ganhar um presente especial.

Reserve online em **ncl.com.br** • Ligue: **11 3177-3137** • ou consulte o seu **agente de viagens**

*Taxas não inclusas. Restrições se aplicam. Para termos e condições completos, acesse ncl.com.br. ©2025 NCL Corporation Ltd. Registro de navios: Bahamas e EUA. 2189350 02/25

FEVEREIRO



Roxo

Conscientização do Lúpus, Fibromialgia e Mal de Alzheimer

Laranja

Combate à leucemia e incentivo a doação de sangue ou medula óssea

Para participar do nosso grupo no TELEGRAM, clique no ícone ao lado





CLUBE DE REVISTAS